PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUANDOS EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Patrícia Oliveira da Silva

Entre Rosários e Bacamartes: Mulheres do Belo Monte- Fé e Insubmissão no Sertão da Bahia.

Mestrado em Ciência da Religião

SÃO PAULO
2021

Patrícia Oliveira da Silva

Entre Rosários e Bacamartes: Mulheres do Belo Monte - Fé e Insubmissão no Sertão da Bahia.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do titulo de MESTRA em Ciência da Religião sob a orientação da Professora Dra. Maria José Rosado Nunes.

SÃO PAULO,
2021

Aprovada em:_____/_____/_____.

Banca Examinadora

_____

_____

_____

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura_____

Data_____

E-mail_____

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

da Silva, Patrícia Oliveira
Entre Rosários e Bacamartes: Mulheres do Belo Monte- Fé e Insubmissão no Sertão da Bahia.. / Patrícia Oliveira da Silva. -- São Paulo: [s.n.], 2021.
158p. il. ; cm.

Orientador: Maria José Rosado Nunes.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduados em Ciência da Religião.

1. Gênero; . 2. Mulheres;. 3. Religião; Antônio Conselheiro; . 4. Canudos; Belo Monte.. I. Rosado Nunes, Maria José . II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduados em Ciência da Religião. III. Título.

CDD

O presente trabalho foi realizado com apoio da FUNDASP- Fundação São Paulo,

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 88887.313857/2019-00.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) - Código de Financiamento 134107/2019-5.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a PUC /São Paulo, ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, a todos/as os/as professores/as que conheci durante todo esse processo, a todas as minhas ancestrais, todas aquelas que vieram antes de mim, que me possibilitaram está neste mundo e poder mergulhar em uma pesquisa tão importante para a rememoração da vida e das histórias de tantas mulheres.

À minha mãe Elita Oliveira Sobrinho por acreditar e confiar em mim sempre, a meu pai Almiro da Silva por ser sempre presente e me apoiar em meus sonhos.

À minha orientadora Maria José Fontelas Rosado Nunes, por está comigo nessa caminhada;

Ao professor Wagner Lopes Sanchez, pela sua grande dimensão humana, por ter me apresentando o Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião e por ter aberto caminhos para a realização dessa etapa de minha vida;

Ao professor Ênio Brito, pela inspiração, dedicação e responsabilidade em está comigo nessa travessia como meu co-orientador.

Ao amigo Eduardo Bonine, que foi um grande companheiro nesse processo;

Ao companheiro Maicon Leopoldino pela amizade, acolhida, suporte, afeto e pelas escutas e contribuições nessa pesquisa.

À Adriana e Cezar, casal que me acolheu na PUC. Adriana em especial, por me orientar nos trabalhos, quando dedicou seu tempo a corrigir meu texto de qualificação e agora também no texto final. Gratidão imensa por ser essa irmã que me estimula e me incentiva a seguir estudando e lutando para garantir esse direito.

À minha amiga Manuela pela amizade, dedicação e pela paciência, sempre me acompanhando e me fortalecendo. Gratidão Amiga.

Ao amigo Jimmy pela amizade e força nesse caminho da vida acadêmica.

À Zefinha e Dona Duru, que pacientemente me receberam em suas casas, confiaram e me dedicaram tempo a falar de si e do que rememoravam da história do Belo Monte.

Ao João Batista, parceiro que me acompanhou e me ajudou nesse processo.

Ao Neto Camorim, companheiro de luta que abriu caminhos.

Ao Professor Leandro de Paula, que nesse processo me escutou e me ajudou a refletir.

Ao meu amigo Mateus que tanto me ajudou nesse caminhar.

Ao amigo Andrez Machado por me apoiar sempre e acreditar em mim.

À minha amiga Aline Pacheco pela motivação diária.

Ao Rafael, Amanda e Edy por me acompanharem e motivarem nesse processo.

À Osete, pela recente amizade e paciência da escuta e por confiar a mim seu material de estudo que tanto me auxiliou nessa pesquisa.

Não posso esquecer que esse trabalho foi realizado em sua maior parte em meio a um problema que afetou a população mundial, a Pandemia. Portanto, devo agradecer por conseguido me manter com saúde física e mental para escrever, mesmo em meio ao caos, as notícias cada vez mais tristes que recebia cotidianamente e as perdas de pessoas queridas. Dessa maneira, jamais poderia deixar de registrar esse momento impactante, que alterou todas as relações em nossa sociedade.

Dedico essa pesquisa a todas as minhas ancestrais, sem cuja luta e força esse trabalho não seria possível. A toda a minha linhagem feminina que me compõe e me sustenta nesse caminhar de confronto e de cura que só reafirma que é esse o caminho: contar nossas histórias e exigir que nos escutem, pois, nossas vozes ecoam desde um tempo que desconhecemos.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto as práticas religiosas e a ação política de mulheres do Belo Monte, no sertão da Bahia, bem como a relação das mulheres com Antônio Conselheiro em Canudos, analisadas na perspectiva de gênero. As narrativas em relação ao Belo Monte pautadas na ideia de vencedor e vencido, além de deixar de lado a história daqueles/as considerados/as vencidos/as, invisibilizou as narrativas das mulheres por meio do silenciamento dessa memória. A investigação, tendo como um dos horizontes teóricos as questões de gênero, recupera essas histórias, seus fazeres e saberes cotidianos que antes da guerra, construíram e constituíam o cotidiano do Belo Monte, tendo em vista as relações sociais entre homens e mulheres e entre o Estado e a comunidade do Belo Monte. Recupera ainda, a religiosidade sincrética presente na comunidade. Metodologicamente, a pesquisa tem como base bibliografia específica sobre o Belo Monte, entrevistas com descendentes de conselheiristas e o acompanhamento, por meio de observação participante da Romaria de Canudos.

Palavras-chave: Gênero; Mulheres; Religião; Antônio Conselheiro; Canudos; Belo Monte.

ABSTRACT

This research has as its object the religious practices and political action of women from Belo Monte, in the hinterland of Bahia, as well as the relationship of women with Antônio Conselheiro in Canudos, analyzed from a gender perspective. The narratives in relation to Belo Monte based on the idea of winner and loser, in addition to leaving aside the history of those considered to be losers, made women's narratives invisible by silencing this memory. Research, having gender issues as one of its theoretical horizons, recovers these stories, their daily activities and knowledge that, before the war, built and constituted the daily life of Belo Monte, in view of the social relations between men and women and between the Belo Monte State and community. It also recovers the syncretic religiosity present in the community. Methodologically, the research is based on specific bibliography on Belo Monte, interviews with descendants of counselors and monitoring, through participant observation of the Pilgrimage of Canudos.

Keywords: Gender; Women; Religion; Antônio Counselor; Straws; Belo Monte.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista parcial de Canudos ao sul, 1897 dias após a guerra e a destruição do Arraial do Belo Monte. ----------31

Figura 2: Mapa de localização da área de estudo. ----------32

Figura 3: Mapa da região de Canudos segundo a planta elaborada pela Comissão de------33

Figura 4: Imagem da Igreja do Bom Jesus ----------36

Figura 5: Imagem do Bom Jesus Antônio Conselheiro, depois de exumado, 1897. --------43

Figura 6: Imagem do Cruzeiro da Igreja Velha de Canudos,1946. ----------55

Figura 7: 400 jagunços prisioneiros73Figura 8: Maria Avelina da Silva, sobrevivente da guerra, Pierre Verger, Canudos (1946) ----------76

Figura 9: Mulher em Canudos do Pós-guerra. Canudos (1946)----------85

Figura 10: Mapa de Localização dos povos indígenas Kiriri e kaimbé. ----------86

Figura 11: monumento edificado, em 1942, pela Inspetoria Federal de Obras contra as---95

Figura 12: Cartaz de divulgação da Romaria de Canudos 2019---------- 103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ---------- 15

CAPÍTULO 1- BELO MONTE: MOVIMENTO E RESISTÊNCIA NO SERTÃO DA BAHIA. ---------- 31

1.1 DO BELO MONTE A NOVA CANUDOS : ---------- 32
1.1.1 AS TRÊS CANUDOS ---------- 34
1.2 BELO MONTE: UM PROJETO RELIGIOSO, SOCIAL E POLITICO ---------- 36
1.1.2 BELO MONTE: UM PROJETO SOCIAL ---------- 40
1.1.2 A FIGURA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO ---------- 42
1.1.3 AS MULHERES E ANTÔNIO CONSELHEIRO ---------- 50

1.2 A RELIGÃO NO BELO MONTE E AS MULHERES: ENTRE PRÁTICAS AFRICANAS E INDÍGENAS E O CATOLICISMO POPULAR. ---------- 55

1.2.1 A PRESENÇA DE ELEMENTOS AFRICANOS E INDÍGENAS ---------- 59
1.3 AS MULHERES E A RELIGIÃO ---------- 64

CAPÍTULO 2- QUEBRANDO O SILÊNCIO: A MEMÓRIA DAS MULHERES NA HISTÓRIA DO BELO MONTE. ---------- 71

2.1. OS DIVERSOS ESPAÇOS DE RECRIAÇÃO FEMININA NO BELO MONTE ---------- 72
2.1.2 RECOLHENDO NOMES EM MEMÓRIA DELAS ---------- 76
2.1.3 NARRATIVAS QUE ATRAVESSAM OS CAMINHOS DAS MULHERES DO BELO MONTE ----- 83

2.2 MULHERES INDÍGENAS EM CANUDOS: KIRIRI E KAIMBÉ ---------- 85

2.3 NÃO- RENDIDAS: AS MULHERES E O PÓS-GUERRA ---------- 94

2.4 MARIA GUERRA: ---------- 98
2.6 A PARTICIPAÇÃO NA ROMARIA DE CANUDOS 2019. ---------- 103
2.7 AS MULHERES E A ROMARIA ---------- 104

CAPÍTULO 3 - BELO MONTE DAS MULHERES: SABERES E PRÁTICAS COTIDIANAS---------- 109

3.1 ONDE ESTÃO ELAS? ---------- 109
3.2 RELIGIÃO POPULAR E CULTURA POPULAR DENTRO DOS ESTUDOS DA RELIGIÃO ------- 110
3.2. BENZEDEIRAS, REZADEIRAS E PARTEIRAS ---------- 112
3.2.1 BENZER, CURAR E PARTEJAR---------- 113
3.3 SABERES DAS MULHERES NO BELO MONTE---------- 117
3.3.1 ENTRE BENZEDEIRAS E BENZEDORES DO BELO MONTE ---------- 120

CONCLUSÕES PROVISÓRIAS---------- 125

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS---------- 129

SITES ACESSADOS---------- 136

VIDEOS ---------- 137

ANEXOS---------- 138

Fonte: Coleção Pierre Verger/Fundação Pierre Verger

INTRODUÇÃO

> *Eu sou quem descreve minha própria História, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político*. (KILOMBA, 1968).

Esse trabalho, aqui concretizado como uma conquista é fruto de uma trajetória que acredito, deva ser relatada com muito cuidado, pois se trata de uma história que de acordo com Grada Kilomba, em Memórias de Plantação, a máscara, que era colocada nas/os escravizadas/os se constituía, sinônimo de silenciamento de um povo:

> Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os os "outras/os":Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (KILOMBA, 1968, p .33).

Portanto, aqui quero, por meio de minha escrita, poder, de maneira simbólica arrancar essa máscara e gritar as palavras que estão presas até hoje, dentro desse corpo de mulher negra e sertaneja. Ao ler esse livro de Grada Kilomba, logo me remeti a fatos da minha infância que com olhos marejados, quero aqui discorrer, pois "escrever emerge como um ato político" (Op. cit., 1968) e desejo que essa escrita seja sinônimo de libertação e cura.

As lembranças da Escola são muito presentes em minha memória, tanto pelo fato de ser um lugar que sempre gostei e quis está, mas também como lócus onde, hoje eu posso perceber as estruturas racistas nas quais ela está inserida. Eu sempre sentava no fundo da sala e era sempre muito calada. Essa criança cresceu e já aos 14 anos o seu único horizonte, como as trajetórias de muitas das mulheres negras, foi trabalhar em uma casa de família como babá. Mas, ainda inocente não entendia, porque trabalhava e minha patroa, ficava me olhando e voltei para casa, assustada, mas minha mãe me explicou dizendo que ela me pagava para isso. O fato é que não voltei mais e que bom que segui acreditando que poderia estudar e lutei por isso. Todavia, nem sempre os fins são esses. De maneira, que hoje eu sou a única de nove filhos que chegou ao nível superior. Poder encontrar uma literatura que me permitisse contar a minha história tem sido fundamental para que eu

como pesquisadora entenda quem sou eu e qual universo eu estou transitando. Mais uma vez cito as palavras de Grada kilomba como uma intelectual negra que me inspira a escrever e me faz acreditar que é possível está nesse lugar e caber dentro dele:

> Além disso, escrever é um ato de descolonização na qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor "validada/o" e "legitimada/o" e, a reinventar a si mesma/o,nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada.(Ibidem, p..28).

E é nesse sentido de que podemos e devemos escrever nossa história e que também temos o dever de relatar as situações de racismo que nos afetam e atravessam nossos corpos. Assim que recém-chegada em São Paulo, em um momento, quando estava chegando na universidade, fui abordada por um vendedor que me confundiu com uma funcionária desta Instituição. Porque trazer esse fato? Para podermos entender que de maneira estrutural este lugar reflete as desigualdades sociais e raciais tão presentes em nossa sociedade. Em Memórias de Plantação, Grada Kilomba, vai falar de vários momentos em que foi surpreendida na universidade em que estudava porque era uma das únicas negras. A esses fatos a autora vai chamar de "Racismo cotidiano":

> O racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as pessoas de cor não só como "outra/o"-a diferença contra a qual o sujeito branco é medido mas também como Outridade, isto é ,como personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca (KILOMBA,1968,p.78).

Essa realidade nos coloca frente a uma estrutura colonial racista, que sustenta as relações sociais e econômicas e que determina segundo Kilomba, neste caso, no espaço acadêmico, quem deve o que deve falar e de que maneira:

> Porque deve a boca do sujeito negro se amarrada? Porque ela ou ele tem de ficar calado/a? O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tapada?E o que o sujeito branco teria de ouvir? Existe um medo apreensivo de que se o sujeito colonial falar, a/o colonizador terá de ouvir. Seria forçada/o a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades da/o outra/o. Verdades que tem sido negadas, reprimidas, mantidas e guardadas como segredos. Eu gosto muito deste dito mantido em silêncio como segredo". Essa é uma expressão oriunda da diáspora africana e anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar o que se presume ser um segredo. Segredos como a escravização. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo (Ibidem, p.41).

Nesse sentido, a autora vai trazer questões referentes a maneira como foi construído o espaço acadêmico e como tal espaço tem se desenvolvido a partir de narrativas que subalternizam os povos negros, inferiorizam, desumanizam e os tornam objetos de estudo. Sendo assim, este não se constitui um espaço neutro. Ou seja, a academia como um dos

lugares de construção do "saber" tem e deve ser compreendida, apropriada e questionada, no seu campo teórico, epistemológico e metodológico.

> Sendo assim demando uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e um lugar específicos, de uma história e uma realidade especificas- não há discursos neutros. Quando acadêmicas/os brancas/os afirmam ter um discurso neutro e objetivo, não estão reconhecendo o fato de que elas e eles também escrevem de um lugar específico que, naturalmente, não é neutro, nem objetivo ou universal, mas dominante (Ibidem, p.58).

Em "Lugar de Fala" Djamila Ribeiro (2019), vai pontuar a importância de mulheres negras e indígenas e homens negros em seus lugares intelectuais, contarem suas próprias narrativas a partir das questões que lhe afetam, como uma perspectiva de ser sujeito da história:

> É importante pontuar que essa coleção é organizada e escrita por mulheres negras e indígenas, e homens negros de regiões diversas do país, mostrando a importância de pautarmos como sujeitos as questões que são essenciais para o rompimento da narrativa dominante e não sermos tão somente capítulos em compêndios que ainda pensam a questão racial como recorte. (Ibidem, p.15)

Contar as situações de racismos que nos atravessam se constitui uma maneira tanto de superação de uma questão que é estruturalmente violenta, como reivindicar e produzir novas epistemologias a respeito dos povos marginalizados.

Acessar a Universidade, tanto na Graduação quanto na Pós-graduação, diante das estruturas sociais, econômicas e raciais, já aqui colocadas e discutidas, tem sido um caminho desafiador e muito libertador, por isso, para mim é importante e também contar como foi esse processo e as pessoas que foram fundamentais para que esse trabalho tenha se concretizado.

O caminho.

Em julho de 2018, já no processo de entender as diversas religiões e os discursos religiosos eu me inscrevi em curso de Diálogo Inter-religioso, organizado e realizado anualmente, pelo CESEP- Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular em São Paulo. Esse módulo do curso teve como objetivo um estudo das religiões monoteístas (Judaísmo, cristianismo e Islamismo), onde por 15 dias ficamos mergulhados/as nas atividades e visitas a Templos Religiosos. Neste curso estava presente como assessor, o Professor Wagner Sanchez. Nesta mesma ocasião, conversamos sobre Religião e discorri sobre meu interesse em estudar os aspectos religiosos da Capoeira, então ele me apresentou o Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da PUC e

das possibilidades de ingressar, inclusive em relação a possibilidade de ser cotista. Assim, sabendo de meu interesse, foi extremamente disponível no sentido de me passar todas as informações necessárias para o ingresso. Diante desse estímulo e já perspectiva de estudar religião, foi que decidi me dedicar a construção do Projeto e a estudar para realizar todo o processo.

Nesse momento, do processo de seleção para o Mestrado na PUC, eu residia na cidade Palmas-TO, onde lecionava como Educadora do Município. Então, para poder vir várias vezes a São Paulo, foram muitas negociações e concessões, pois precisava também de uma licença do Município para poder estudar. Enfim, consegui a LIP-Licença por Interesse Particular, que me garantia a vaga, mas sem salário. Depois, de tudo, passado o processo e a aprovação no Mestrado, pude então me organizar para a mudança de cidade e de vida. Tudo se encaminhava, estava bastante motivada, pois mais que começar uma Pós-graduação, iria morar em uma grande cidade e conviver com muitas questões que não conhecia. Contar todo esse processo de maneira descritiva é poder compartilhar uma conquista que não surge do nada. Para chegar aqui e continuar, muitos processos terapêuticos e muitas leituras têm sido necessárias para poder resistir.

Portanto o falar como coloca Djamila Ribeiro

> O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a Historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. (RIBEIRO, 2019, p.64).

Sou Patricia Oliveira da Silva, mulher, negra, sertaneja, filha de Elita de Oliveira Sobrinho e Almiro da Silva, nascida da cidade Uauá-Bahia, região semiárida do nordeste brasileiro. Desde criança, convivi com a seca no sertão, lata de água na cabeça, racionamento e sempre cuidando para não desperdiçar. Só depois de grande é que podemos ter o direito de ter a água encanada do Rio São Francisco, onde atualmente podemos ter água em nossas torneiras, de maneira mais frequente. Porém, muitas comunidades ainda convivem com a seca e a falta de água e só quando chove é que se pode ter acesso a água. Esse contexto levou e leva muitas pessoas do sertão a migrar para São Paulo e para outras cidades, em busca de melhores condições de vida. Não foi diferente comigo, logo depois do segundo grau, fiz um concurso em Uauá para trabalhar como professora na zona rural e aos 18 anos eu já era professora, e fui lecionar em um povoado chamado Paciência, muito longe de Uauá, onde para chegarmos a Escola eu e os alunos, tínhamos que andar muito e ao chegar a escola era uma casa no meio do nada, com toda escassez e sucateamento da

educação brasileira, carteiras quebradas e uma casa antiga no meio do nada. Essa experiência me fez repensar esse lugar e então decidi abandonar esse concurso e migrar como todas/os faziam. Decidi então, ir para o Tocantins, a fim de trabalhar e estudar. Foi muito desafiador, ao chegar no Tocantins, porque não tinha experiência para trabalhar e não tinha como estudar sem antes ter condições econômicas para isso. De maneira, que fui para São Paulo e fiquei uns meses, até conseguir trabalho e nesse meio tempo fui me preparando para um concurso de professora no Tocantins. Retornei, me preparei para o concurso e comecei a lecionar e depois então fui estudar e fazer a graduação. Sou licenciada em História pela Universidade Federal do Tocantins e agora Mestranda do Curso de Ciência da Religião da PUC-SP. Esse caminho subjetivo que vem sendo feito se faz necessário e de acordo com as palavras de Grada Kilomba.

> Este trabalho é um espaço para performar a subjetividade, para reconhecer mulheres negras,em particular,as pessoas negras em geral,como sujeitos dessa sociedade em todos os sentidos reais da palavra.(KILOMBA, 1968, p.81).

Construção do Objeto de Pesquisa.

Como uma mulher negra, nascida em Uauá-BA, região onde ocorreu a primeira batalha entre conselheiristas e o exército brasileiro, me sinto não somente parte dessa história, como também provocada a escrever e pesquisar sobre uma história que me pertence:"*É o entendimento e o estudo da própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo sujeito*"(KILOMBA, 1968, p.69)

Nesse sentido, busco nesta pesquisa, rememorar a história das mulheres do Belo Monte, como também reencontrar essa memória nas histórias destas e de tantas mulheres que resistiram ao Massacre. Compreendendo que nos estudos de gênero como coloca Joan Scott, a história das mulheres não está dissociada da história dos homens.

> Mas isso é só um aspecto. "gênero" como substituto de "mulheres", é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Este uso insiste na ideia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo. Esse uso rejeita a validade interpretativa de ideia das esferas separadas e defende que estudar as mulheres de forma separada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com outro sexo.
> Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. (SCOTT ,p.7).

Sendo assim, esse objeto de pesquisa foi se construindo a partir de leituras de autores/as que escreveram sobre o Movimento do Belo Monte/Canudos. Estes/as em sua maior parte, contém uma narrativa superficial em relação a presença e atuação das

mulheres, portanto buscamos compreender as relações entre esses sujeitos, o que levou a essa invisibilidade.

Dentro disso, as narrativas preconceituosas a respeito da população sertaneja nos colocam frente a uma questão: Não basta olhar para as mulheres do Belo Monte apenas na perspectiva de gênero é preciso também que a categoria raça, seja uma ferramenta de análise, visto que o clássico, Os Sertões [1], que construiu o imaginário do povo brasileiro sobre a história do Belo Monte, assim designa o homem e a mulher do sertão como selvagens.

> Porque enquanto este patenteia todos os cambiantes da cor e se erige ainda indefinido, segundo o predomínio variável dos seus agentes formadores, o homem do sertão parece feito por um molde único, revelando quase os mesmos caracteres físicos, a mesma tez, variando brevemente do mameluco bronzeado ao cafuz trigueiro, cabelo corredio e duro ou levemente ondeado, a mesma envergadura atlética e os mesmos caracteres morais traduzindo-se nas mesmas superstições, nos mesmos vícios e mas mesmas virtudes. A uniformidade sob estes vários aspectos, é impressionadora. O sertanejo do norte é, inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída. (CUNHA, 2010, p. 131).

Apesar de este clássico ser alvo de muitas ressignificações feitas por muitos pesquisadores, se tornou uma referência a nível nacional e internacional, assim como é encontrado nas bibliotecas. Nesse sentido, trago esta citação, para refletir sobre o meu objeto de pesquisa, no que tange a identidade das mulheres dentro desse contingente do que seria a comunidade sertaneja.

Nesse percurso, tenho sentido a necessidade de aprofundar nas questões identitárias em torno da população que habitou o Belo Monte, nesse caso, especificamente das mulheres. Joan Scott vai nos dizer da importância do estudo de gênero, aliado as categorias de raça e classe.

> A maneira como esta nova história, iria simultaneamente incluir e apresentar a experiência das mulheres dependeria da maneira com gênero poderia ser desenvolvido como uma categoria de análise. Aqui as analogias com a classe e raça foram explícitas, com efeito as/os pesquisadoras(es) de estudos sobre a mulher que tinham uma visão política mas global, recorriam regularmente a essas três categorias para escrever uma nova história.(6).O interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero, assinalavam primeiro, um compromisso do(a) pesquisador(a) com a história que incluía a fala dos(as) oprimidos(as) e com a análise do sentido e da natureza de sua opressão: assinalava também que esses (a) pesquisadores(as) levavam cientificamente em consideração o fato de que as desigualdades de poder, estão organizadas, segundo no mínimo esses três eixos (SCOTT,1989, p.4).

[1] "Os sertões": clássico escrito por Euclides da Cunha no ano de 1902 e que busca retratar o sertão, a vida do povo que reside nesse território e episódios da sangrenta guerra que exterminou o Arraial do Belo Monte.

Essa colocação de Joan Scott dialoga com o que Grada Kilomba vai chamar de "racismo gendeirizado" [2], ou seja, raça e gênero não podem ser separados:

> "Raça" não pode ser separada do gênero, nem gênero pode ser separado de "raça". A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de "raça" e na experiência do racismo. O mito da mulher negra disponível, o homem negro infantilizado, a mulher muçulmana oprimida, o homem muçulmano agressivo, bem como o mito da mulher branca emancipada ou do homem branco liberal, são exemplos de como as construções de "raça" e gênero interagem. (KILOMBA, p.94).

Já dispondo destas ferramentas de análise, no decorrer o trabalho, fui lendo autores que pesquisaram sobre o Movimento do Belo Monte e buscando alguma narrativa que relatasse as histórias das mulheres, fui percebendo ao longo da pesquisa que pouco se tem escrito sobre as mulheres no Belo Monte. Todavia, em algumas obras, observam-se timidamente fatos onde se relatam as vivências de algumas mulheres. Fui então colhendo esse material a fim de escutar a voz dessas mulheres e uni-las nesse trabalho.

Ainda no rastro do clássico os sertões, temos um olhar sobre as mulheres do Belo Monte,

> Ali estavam gafadas de pecados velhos, serodiamente penitenciados, as beatas-êmulas das bruxas da igrejas- revestidas de capona preta lembrando a holandilha fúnebre da inquisição; as solteiras, termos que nos sertões tem o pior dos significados, desenvoltas e desepeja das, soltas na gandaíce sem freios; as moças donzelas ou moças damas, recatadas e tímidas, e honestas mães de famílias;nivelando-se pelas mesmas rezas. Faces murchas de velhas-esgrouviados viaragos em cuja boca deve ser pecado mortal a prece-; rostos austeros de matronas simples; fisionomias ingênuas de raparigas crédulas misturavam-se em conjunto estranho. Todas as idades, todos os tipos, todas as cores...(CUNHA, 2010, pp.224 225).

Esta citação já começa a delinear a especificidade do objeto de pesquisa deste trabalho que é um estudo das mulheres do Belo Monte, sua relação com Antônio Conselheiro e as práticas religiosas. Então buscaremos acessar estas mulheres no âmbito religioso, na perspectiva de recuperar e reconstruir suas memórias e atuação política, em uma sociedade patriarcal onde conforme Terezinha Bernardo em seu em seu artigo "Candomblé e o poder feminino".

> Em todas as sociedades conhecidas é o homem que detém o poder religioso. É ele quem faz a mediação entre os "outros" e os deuses. Em outras palavras, somente alguns homens, de uma determinada sociedade, têm o poder de conversar e ouvir as vozes divinas. (BERNARDO, 2005, p. 1).

[2] Racismo Gendeirizado: termo utilizado pela autora Grada Kilomba para defender que a categoria de gênero não pode ser analisada sem a categoria de raça. (Ver Memórias de Plantação, 2019)

Olhar, pois, a história das religiões na perspectiva de gênero é poder dar visibilidade as mulheres e as suas relações com as práticas religiosas. Resgatar a memória destas mulheres é entender também o espaço religioso como lugar de transformação política e de emancipação feminina.

O feminismo, dentro do estudo das religiões nos possibilita questionar o poder religioso, que sempre esteve sob domínio dos homens. (ROSADO, 2005). Todavia, de acordo com Joan Scott, na história do pensamento feminista é uma história de rejeição a construção hierárquica das relações entre masculino e feminino (SCOTT, 1989). Neste sentido, este trabalho quer trazer a memória o protagonismo das mulheres no movimento do Belo Monte, ou seja, a mulher e suas práticas religiosas como uma força significativa neste movimento questionando uma narrativa que as invizibiliza.

Nos escritos de José Calasans, em Cartografia de Canudos, (2002), já temos informações de que as mulheres e as gentes do 13 de maio como eram chamados os recém-saídos da escravidão, eram maioria entre as pessoas que acompanhavam Antônio Conselheiro. Sendo assim, porque pouco se sabe sobre elas? De acordo com Maria José Rosado, em seu artigo "Gênero e Religião".

> As mulheres compõem, de fato, a maioria da população de fiéis. 'Em nome de Deus', tornam-se ativistas, freiras, obreiras, pastoras, bispas, mães-de-santo, políticas... Na sombra ou nos palcos e altares, grande parte das fiéis carrega para a igreja o marido, os filhos, a família, o círculo social e profissional onde atuam. Contudo, sua presença continua silenciosa e suas razões não ditas. Por que há tantas mulheres 'em busca de Deus'? O que as religiões dão às mulheres e o que elas dão às religiões? Como explicar o forte apelo que o âmbito religioso provoca nas mulheres? Sua presença modifica o projeto religioso no qual se inserem? E de que forma isso ocorre? (ROSADO, 2005, p. 364).

Essas questões têm sido um desafio no âmbito do estudo das religiões uma vez que no que se refere às mulheres do Belo Monte, temos poucos registros sobre essas mulheres e suas práticas. Além disso, outra reflexão precisa ser feita, quando nos referimos às mulheres do Belo Monte é necessário especificar do ponto de vista de raça quem são estas mulheres. Pois, como coloca Grada Kilomba em Memórias de Plantação, é importante racializar estas mulheres.

> "Nesse sentido, o impacto simultâneo da opressão" racial' e de gênero leva a formas de racismo únicas que constituem experiências de mulheres negras e outras mulheres racializadas. Suas manifestações, explica Philomena Essed,se sobrepõem a algumas formas de sexismo contra mulheres brancas e racismo contra homens negros? Portanto é útil falar em racismo genderizado (ESSED, 1991, p. 30) para se referir à opressão racial sofrida por mulheres negras como

> estruturada por percepções racistas de papéis de gênero (KILOMBA, 1968, p. 99).

Além de buscar conhecer as histórias dessas mulheres e torna-las visíveis é importante localizá-las e inserí-las em um contexto histórico, social e geográfico, pois de acordo com Joan Scott.

> Gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com a visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também a classe e a raça (SCOTT, 1989, p.29).

Portanto ao investigar as práticas cotidianas dessas mulheres e a religiosidade por elas exercida, buscaremos especificar cuidadosamente a identidade racial destas mulheres e o contexto religioso no qual estavam inseridas, tanto do ponto de vista histórico quanto social e político.

Natureza da Pesquisa

Apesar de estar inserida em um contexto que me permite um olhar que se dirige a vida das mulheres e suas relações, fruto de um movimento ainda recente na história das mulheres, confesso que é um sentimento muito presente a sensação de que muitas questões não poderão ser aqui abordadas, pelo próprio limite metodológico ao qual não me permite ir além.

Essa narrativa, considerando a sua temporalidade se constitui uma questão que nos coloca um limite quanto a usar as ferramentas que hoje temos acesso para o estudo em relação as mulheres.

Como bem coloca Michele Perrot:

> Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos (PERROT, 1995, p.9).

O que busco dizer aqui, fundamentada na reflexão de Michele Perrot é que o tempo a que me refiro nesse texto, fim do século XIX, me coloca frente a um recorte temporal que exige um olhar que considere esse grupo, no caso as mulheres e Antônio Conselheiro como atrizes e ator inseridos em um contexto específico que influência em sua formação e atuação.

Portanto, o universo da pesquisa se deu em relação a religião no Belo Monte, as práticas religiosas das mulheres e de seus saberes como possibilidade de recriação da vida

no Arraial do Belo Monte. Nesse sentido, por meio de entrevista as mulheres descendentes de conselheiristas que residem na atual Canudos, considerou-se que suas falas têm uma grande importância na recuperação das memórias das mulheres que viveram e lutaram no Belo Monte.

A técnica utilizada com as mulheres entrevistadas foi a História oral de vida. Foi por meio de relatos de suas vivências, naquela região. Foram entrevistadas, Dona Duru[3], 84 anos, professora também, aposentada, e Zefinha[4], 64 anos, professora, aposentada. Ambas, descendentes de Conselheiristas e atuantes na comunidade de Canudos, bem como no IPMC, Instituto Popular Memorial de Canudos. Estas mesmas mulheres também são atuantes na Preparação e realização da Romaria de Canudos. No processo de pesquisa essas duas mulheres foram indicadas por um amigo pesquisador da região de Euclides da Cunha, que já as conhecia. Então fui a Canudos, em busca das duas para poder realizar o trabalho. Os critérios para a entrevista era de que fossem mulheres e tivessem alguma ascendência próxima com sobreviventes da guerra de Canudos. Construí então, um roteiro com duas perguntas chaves, mas buscando deixar livres as entrevistadas. Ao entrevistar Dona Duru, uma questão que logo ela trouxe, ao me receber em sua casa, foi perguntar se eu era do lado dos coronéis.

> *Eles tinham medo dos coronéis. A história ficou meio abafada,né .Eles tinham medo de outra revolução.aí eles não conversavam muito não. Porque com medo que ainda ficou muitos coronéis né,aí ameaçavam o povo.porque eles eram tudo antonio conselheiro.e meu povo meus avós eram tudo a favor do conselheiro, e eles não queriam que falasse bem do conselheiro,não*[5].

Esse fato é importante para entendermos como o Coronelismo estava presente nos tempos do Massacre. Ao longo da entrevista, percebia que algumas questões já se repetiam e outras. Dona Duru já não lembrava mais. Com Zefinha, foi notável a diferença, em seu discurso já estava implícito um conhecimento também de obras já publicadas sobre Canudos. Um fato que também me chamou a atenção no princípio da entrevista foi a mesma fazer uma colocação em relação à pesquisa. Ela diz que já está cansada de rememorar a guerra, que para ela era importante que se falasse sobre o Projeto Social do Belo Monte. Como se vivia naquele lugar e qual eram o ideal de Antônio Conselheiro.

---

[3] Dona Duru- Júlia Maria dos Santos, descendente de conselheirista. Membro/a sócia do IPMC e participa da Comissão da Romaria.

[4] Zefinha- Josefa Maria Regis Irmã- descendente de conselheirista, Membro/a sócia do IPMC- Instituto Popular Memorial de Canudos compõe a comissão da Romaria de Canudos.

[5] Duru, 84 anos, 2019.

Em um segundo momento, como as entrevistas não pareceram suficientes para a realização desta pesquisa, visto que as mulheres entrevistadas, pouco escutaram sobre as mulheres do Belo Monte, houve uma necessidade grande de uma revisão bibliográfica de autoras/es que pesquisaram e pesquisam sobre o Belo Monte, na perspectiva de encontrar algo no que se refere as narrativas das mulheres nesse processo.

Método de pesquisa

Metodologicamente a pesquisa tem como base a investigação tendo como horizonte teórico principal as questões de gênero. O método de pesquisa usado para realizar este trabalho foi empírico e sistemático, uma vez que utilizamos a revisão bibliográfica e observação participante. Embora a maior parte da pesquisa se pautasse na revisão bibliográfica, também nos valemos das falas das entrevistadas, que foram as que nos revelaram muitas informações importantes e dentre elas a existência de Maria Guerra [6].

Estrutura dos capítulos

A dissertação está estruturada de maneira que no primeiro capítulo começamos por explorar um pouco, mesmo que de maneira superficial a perspectiva histórica trazendo as três Canudos como forma de entender em qual delas o trabalho se pauta. Nesse mesmo sentido, resgatamos o Belo Monte, termo proposto pelo professor pesquisador Pedro Lima Vasconcelos, com o interesse de rememorar as práticas religiosas e sociais do Arraial. Assim, discorremos sobre o Belo Monte como Projeto Social e político. Nesse mesmo capítulo, também abordamos um pouco a figura de Antônio Conselheiro como liderança e sua relação com as mulheres e vice-versa.

Aqui também nos propomos a revisar uma extensa bibliografia referente a história do Belo Monte com diversos autores e autoras, como José Calasans, Edmundo Moniz, Rui Facó, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Euclides da Cunha, Afonso Arinos, Manoel Benício, Pedro Lima Vasconcelos, Alexandre Otten, Maria Lúcia Mascarenhas, Edwin Reesink. Nesse caminho, fomos ao ler esse material observando as lacunas referente as questões que nos propomos a nos debruçar, que são as narrativas onde estejam presentes as ações das mulheres.

[6]Maria Guerra: Sobrevivente da Guerra de Canudos. No capítulo 3 nos debruçaremos sobre o que há de memória em relação à história dessa mulher.

No segundo capítulo seguimos com um debate sobre a dimensão religiosa que pautava a vida no Arraial. Buscamos referências para entender a diversidade de ritos presentes no Belo Monte, diante da centralidade cristã, buscando como base nas narrativas dá luz a outros elementos, tanto indígenas quando africanos. A categoria catolicismo popular proposta por muitos autores, dentre eles Eduardo Honnaert foi importante para discorrermos sobre tais práticas religiosas. Mas foi o sincretismo proposto por Sérgio Ferreti que mais se aproximou da realidade de mesclas de ritos que constituíram o cotidiano do Belo Monte.

Neste capítulo também nos colocamos no trajeto de entender um pouco a relação das mulheres com a religião e qual sentido que a religião tem em suas vidas. Para isso, algumas autoras foram fundamentais para interrogar a religião na perspectiva de gênero.

No terceiro capítulo nos propomos a relatar as histórias das mulheres que encontramos ao longo da pesquisa, escutando suas vozes e questionando sua invisibilidade e silenciamento. Dessa forma, nos debruçamos sobre as mulheres no Belo Monte, antes da guerra e as mulheres do pós-guerra, com uma análise do Relatório do Comitê Patriótico da Bahia de Lélis Piedade.

Aqui também, foi o espaço em que nas poucas entrevistas com as duas descendentes de sobreviventes de Conselheiristas [7], Dona Duru e Zefinha, tivemos acesso a memória de Maria Guerra como uma das sobreviventes da guerra que pegou em armas e que recebeu salvo-conduto do governo da Bahia.

Nesse mesmo caminho a ação política das mulheres foi entendida como seu papel religioso e atuação na Romaria de Canudos, como importante discussão a ser levantada em torno de seus trabalhos invisíveis e não reconhecidos e como um espaço de recuperação das memórias das mulheres no Belo Monte, expressadas nos ritos que envolvem este evento.

Por fim, encerramos com os saberes e fazeres das mulheres no Belo Monte, com uma discussão sobre as práticas de cura, o benzimento, o rezo e o parto como presentes na vida das mulheres, porém rechaçados pela igreja e motivos de morte de muitas mulheres

[7]Conselheiristas: Nova nomenclatura dada pelos moradores de Canudos que descendem das pessoas que viveram no Belo Monte e morreram na Guerra. Contesta a categoria de Jagunços reforçada por Euclides da Cunha em Os sertões, que de maneira pejorativa se refere as moradoras e moradores da comunidade do Belo Monte.

desde a idade média até os dias atuais. Situamos também algumas práticas encontradas no Belo Monte e que eram realizadas pelas mulheres e também por homens, refletindo sobre os papéis de gênero que enquadram as mulheres e homens em padrões que limitam suas práticas. Portanto neste capítulo além de trazermos as narrativas de práticas de mulheres, buscamos problematizar o porquê que esses papéis são destinados apenas as mulheres. Igualmente, não fugimos da discussão em torno das narrativas que invisibilizam e demonizam as mulheres que realizavam práticas de cura.

As entrevistas

Antes de escolher e estudar o método, a principal tarefa e a mais complexa nesse caminho é acessar as mulheres. Nesse processo não tive tantos problemas, porque conheço algumas pessoas da região, o que contribuiu para encontrar e ter contato com as mulheres. Foi o pesquisador Carlos Carneiro de Euclides da Cunha/BA, que produz muitas peças de teatro com temas relacionados à Guerra de Canudos que me conectou a essas mulheres, fornecendo o contato e me apresentando. A partir desse contato me debrucei a pensar quais perguntas iria fazer a estas mulheres e como seria construído o roteiro. Elaborei duas perguntas abertas: Como era viver naquela região? Como seus/suas ancestrais chegaram àquela região? Ao longo das entrevistas foram surgindo outras perguntas. Com Dona Duru a entrevista fluiu muito pouco de maneira em que colhi poucas informações, com Zefinha houve maior fluidez na conversa.

Então, me comuniquei com Zefinha que foi bastante acolhedora e marquei um encontro no IPMC- Instituto Popular Memorial de Canudos no dia 27 de junho de 2019, às 9 horas. Determinado o horário e local, me dirigi a Canudos na data e hora combinada Ao chegar em Canudos, fui ao Memorial, fui recebida por um senhor que me guiou contando um pouco sobre os documentos e fotos que haviam no espaço. Neste memorial haviam fotos e Pierre Verger, Flavio de Barros ,cópias de documentos de jornal sobre Canudos, artefatos encontrados no local do conflito, balas, pedaços de frascos. Em Canudos também tem o IPMC(Instituto Popular de Canudos) O qual guarda as madeiras que foram a causa da guerra e o cruzeiro construído por Antonio Conselheiro com sua marca e que resistiu as balas e tem mais de 120 anos, portanto se constitui para os conselheiristas como milagroso, esse cruzeiro. Esse contato pra mim foi incrível porque não imaginava encontrar algo ainda daquele tempo. No instituto também tem um acervo sobre Canudos, um espaço com muitos livros para pesquisa. O senhor muito gentil, ligou para o guia da

cidade Paulo Régis que me levou ao Instituto e foi chamar João Batista Historiador e pesquisador local para me orientar no espaço. Depois do instituto marquei entrevista com Zefinha e dona Duru, Fui até suas casas me apresentei, relatei um pouco da minha pesquisa, porque que procurei por mulheres e não por homens para fazer esse trabalho. Foi muito bem recebida de maneira tranquila, deixando-as a vontade, fui fazendo as perguntas e solicitei antes a autorização para gravar no celular. Elaborei duas perguntas abertas e escutei.

A primeira conversa com Duru[8], com 84 anos, descendente de sobreviventes de conselheiritas, fiz duas perguntas: A primeira sobre como é viver em Canudos e outra sobre como seus ancestrais vieram para essa região. Ela me recebeu no primeiro momento me perguntando se eu era do lado dos coronéis, eu disse que não. Enfim, a entrevista foi difícil, talvez eu precisasse de perguntas mais direcionadas. Ela fala pouco e parece que já esquece um pouco das coisas. Pareceu-me uma fala já repetida, tendo em vista que sendo uma das mais velhas da comunidade que ainda mantêm viva a memória das histórias da guerra que ouviu de sua avó, é muito acessada para esses trabalhos. Algo que Duru falou que me chamou atenção foi de que as mulheres de canudos também pegaram em armas e uma delas foi Maria Guerra, que depois do conflito foi a Salvador, recebeu uma carta de "libertação" como anistia e voltou para Canudos. Duru falou muito sobre religião, rezar o santo oficio, as ladainhas. É uma mulher muito religiosa. Terminando a entrevista, a qual estará anexada nesse trabalho sigo em direção à casa de Zefinha.

Zefinha, com 64 anos, professora aposentada, já se nota outra forma de discurso. Antes de fazer as perguntas ela já faz uma fala sobre o movimento conselheiristas e diz da necessidade de se pesquisar sobre o movimento e não apenas sobre a guerra, mas sobre quem eram essas pessoas, quais seus ideiais, o que buscavam. Fala também da importância da pesquisa sobre as mulheres.

Zefinha diz que parte da memória de canudos atual é devido o trabalho da igreja católica que busca de alguma foram reparar os danos que causou aos conselheiristas. E um ditado que ela diz que escutou: uma conversa poderia ter salvo os conselheiristas, apenas uma conversa. No final do dia, já após as entrevistas, passamos no Parque Estadual de

[8] -A transcrição das entrevistas com Dona Duru e Zefinha estarão anexas nesse trabalho.

Canudos, pisar naquele chão é uma sensação incrível de uma luta que deve ser retomada. A memória dos conselheiristas, das conselheiristas.

Esse trajeto de ir a busca dessas mulheres para entrevista foi muito significativo, tendo em vista que elas, como mulheres que ainda guardam viva as memórias do Belo Monte, se constituem como fontes orais fundamentais para a preservação da memória da narrativa da Guerra de Canudos. Porém, neste caminhar notei que essas mulheres, apesar de guardarem esses saberes estão poucos presentes nos eventos e espaços com fala garantida em relação a essa história. Essa pesquisa, pra mim, tem essa missão de fazer ecoar esses nomes, desde as que já morreram até essas que até sobrevivem sustentando essa memória tão valiosa pra a história de Canudos, da Bahia e do Brasil.

Transcrevo abaixo um importante registro de uma mulher a Professora Macôtas, que morou no Belo Monte e no fim da Guerra enfrentou o exército também com discurso muito forte e lúcido em defesa do território do Belo Monte, da comunidade e de seu povo. Ao trazer esse discurso rememoramos outros que historicamente marcaram a luta das mulheres. Recordo aqui o discurso de Sojourner Truth[9], mulher negra, quando em seu discurso no ano de 1851, reivindica o direito das mulheres. Que o discurso de Macôtas seja também lembrado na história como a imponência de uma mulher que enfrentou o exército e que até hoje seu grito de revolta ecoa na vida das mulheres marginalizadas que tem suas vidas ceifadas pelo estado patriarcal e racista.

Discurso da Professora Macôtas6[10].

> *Os senhores se apoderaram de nossas casas, dos nossos potes, das nossas roupas, do nosso feijão,de nossa farinha,de nosso milho,de tudo quanto tínhamos!O que querem mais? Não temos mais em que carregar um pingo de água, nem o que comer,andamos todos esmolambados assim!O que querem mais! Tocaram fogo em nossas roças, mataram os nossos filhos e maridos,não estão satisfeitos?! Querem o Conselheiro não é?Pois bem, não o terão. Já morreu. O pai de nós todos,que me está ouvindo e viu e vê o que os senhores fazem,chamou-o. Está morto. O que mais desejam? A nós, as mulheres? Homens há poucos lá dentro e estes não se entregarão,morrerão todos,um por um, no combate que é bem melhor do que ser degolado como os senhores tem feito aos desgraçados que lhe vieram pedir socorro.Degolem a todos, degolem os filhos também para que não reste um só que eu agora,amaldiçôe mais tarde,a todos,a raça damnada!*

[9] Sojourner Truth (1797 – 26 de novembro de 1883) foi o nome adotado, a partir de 1843, por Isabella Baumfree, uma abolicionista afro-americana e ativista dos direitos da mulher. Truth nasceu no cativeiro em Swartekill, Novo York. Seu discurso mais conhecido, ”não sou uma mulher?”, foi pronunciado em 1851, na Convenção dos Direitos da Mulher em Akron, Ohio. Fonte: www.geledes.org.br

[10] Discurso de Professora Macôtas, encontrado na Obra de Manoel Benício: O rei dos Jagunços (1997). Importante registro de enfrentamento de uma mulher em defesa do território do Belo Monte.

_Cala-te diabo!Impoz uma voz imperiosa
_-Calar-me?Era o que faltava. Querem tirar-me a voz também? Pois é fácil, cortem-me o pescoço como tem feito às minhas companheiras. Cortem-m'o porque enquanto eu poder falar hei de excommungal-os como filhos do inferno que são.
Não tenham nem dó, nem pena. Ah! Se me deixarem viva hão de se arrepender. Falarei,Gritarei,contarei ao mundo inteiro esta suprema cobardia e bestialidade de se degolar prisioneiros, mulheres e crianças!
_Levem esta mulher daqui! Ordenou uma voz. Alguns soldados tentaram segura-la.
_Oh! Não me toquem, víboras?
Eu irei só. Por onde é o caminho do matadouro das mulheres?
Foi levada aos empurrões para fora do acampamento, onde um dos guardas arrancou uma faca e,sem amarral-a pelas costas(como manda a lei dos degoladores),metteu-lhe dois dedos nos buracos do nariz,forçando a erguer o rosto e estirar o pescoço e neste atolou a faca de um lado ao outro,rasgando depois a garganta para fora (BENÍCIO, 1997, pp. 392-394).

CAPÍTULO 1- BELO MONTE: MOVIMENTO E RESISTÊNCIA NO SERTÃO DA BAHIA.

> *Treis mil e 50 prassas q. vinheram batalha toudos vieram a Bello Monte i muitos poco há de conta porq. Só quem pode he Deus q. então perder não há* (CALASANS, 1984. p .17).

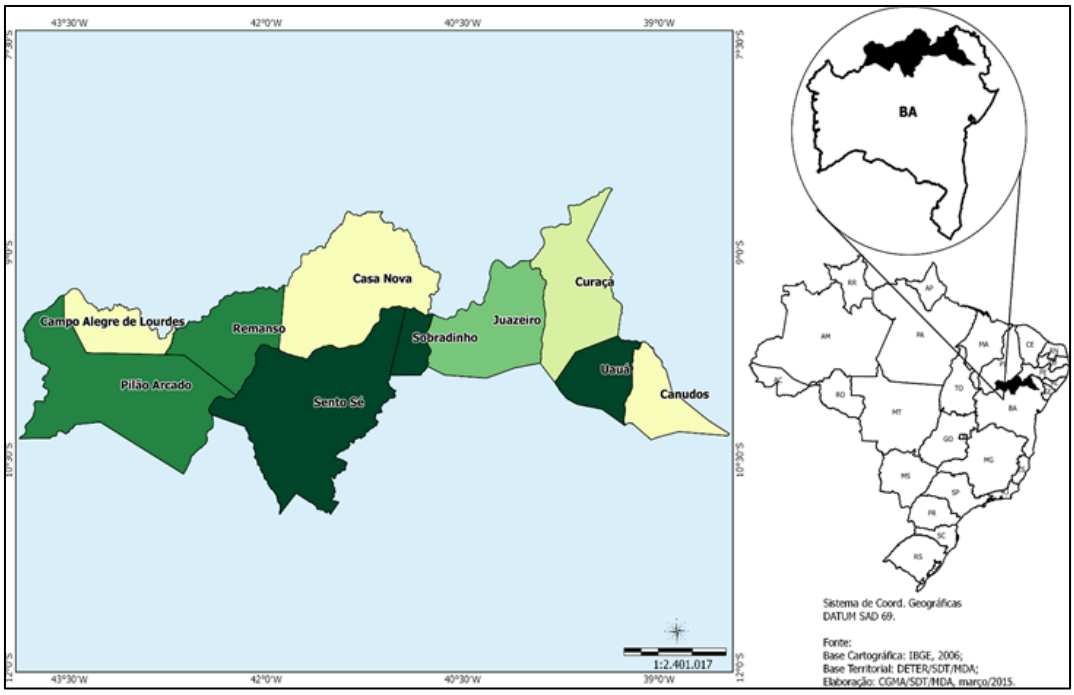
Figura 1: Vista parcial de Canudos ao sul, 1897 dias após a guerra e a destruição do Arraial do Belo Monte.

Fonte Flávio de Barros. Canudos, Bahia /Acervo do Museu da República /Imagem recuperada digitalmente pelo Instituto Moreira Salles.

1.1 DO Belo Monte a nova Canudos 11:

A cidade hoje denominada Canudos, região onde foi realizada esta investigação, situa-se ao norte do estado da Bahia, com uma população atual de 15.732 habitantes (IBGE 2010).

Figura 2: Mapa de localização da área de estudo.

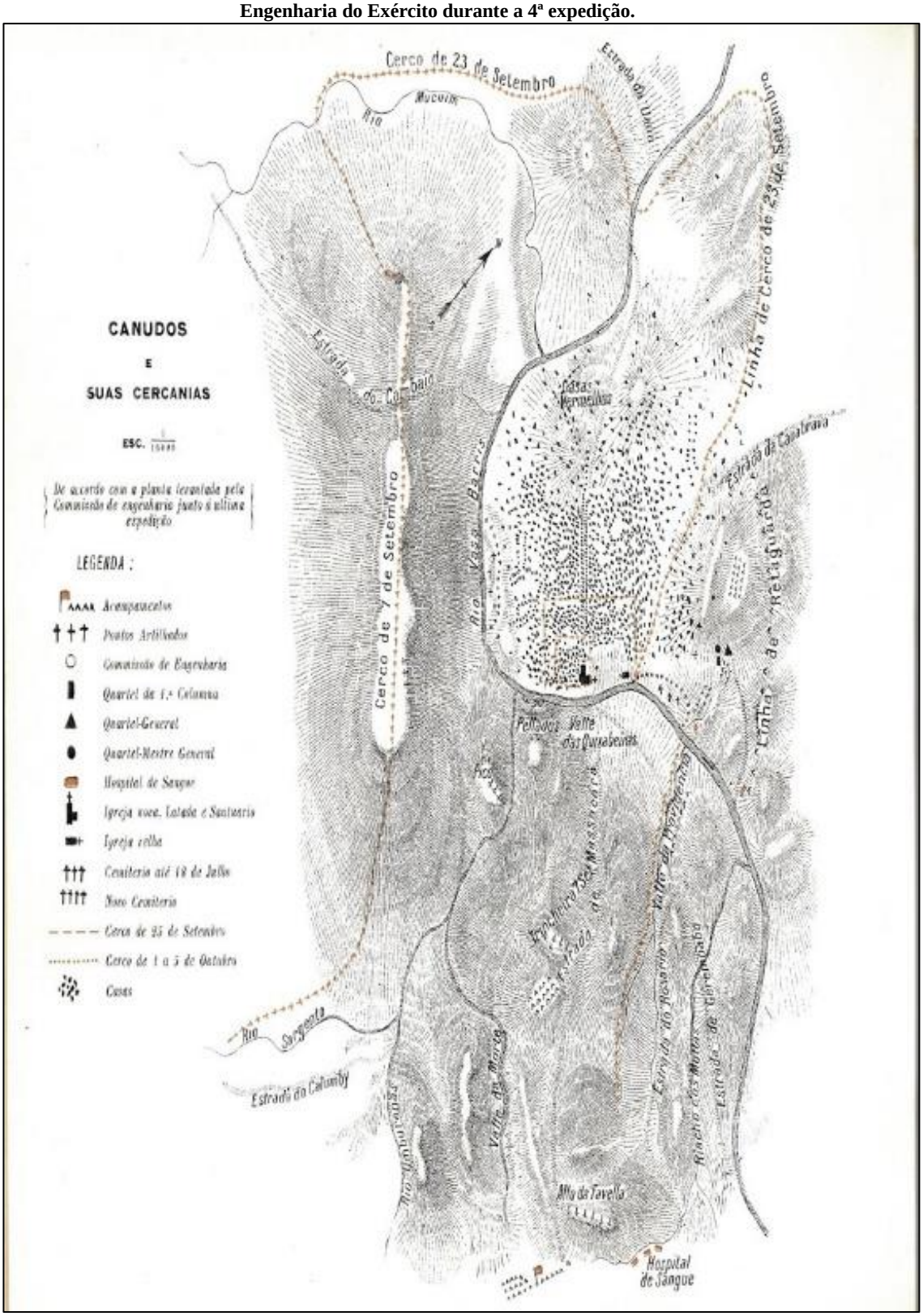


Fonte: Caderno Territorial do Sertão do São Francisco/143. Ministério de Desenvolvimento Agrário.

Esta cidade traz em sua história a memória de uma comunidade que entre os anos de 1893 a 1897, foi liderada por Antônio Vicente Mendes Maciel ou Antônio Conselheiro, nas palavras de Edmundo Moniz ‘ Canudos era uma velha fazenda abandonada com palhoças de pau-a-pique, à margem do Vaza Barris ou Irapiranga, quando Antônio Conselheiro ali chegou em 1893’. (MONIZ, 1987. p.42).

[11] Nova Canudos: Refere-se a atual cidade de Canudos-Bahia.

Figura 3: Mapa da região de Canudos segundo a planta elaborada pela Comissão de Engenharia do Exército durante a 4ª expedição.



Fonte: In: Galvão, Walnice Nogueira. O império do Belo Monte: vida e morte em Canudos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002, p.15.

Conforme Edmundo Moniz Belo Monte se transformaria em uma das cidades mais populosas da Bahia, com comércio local de peles de cabritos e carneiro. Além disso, a possibilidade de uma terra para morar e criar seus animais provocou um esvaziamento das grandes fazendas e dos grandes proprietários que exploravam os/as camponeses. (MONIZ,1987). A nascente república que começava a cobrar altos impostos da comunidade não era aceita por Antônio Conselheiro o que desembocou em um conflito entre o povo do Belo Monte e o governo. Esses fatos levaram o governo da Bahia e do Brasil a investir contra Canudos, numa guerra sangrenta que só findou com o extermínio do Arraial. A guerra de Canudos então entra para a história do Brasil como um dos maiores massacres do governo republicano contra o povo do sertão.

Essa história se espalhou pelo país por meio da obra clássica "os sertões" escrito por Euclides da Cunha (1902) a qual embora com muitas observações, se constitui uma obra importante para entender um pouco dessa história. Todavia, essa obra traz a memória de Canudos, do seu povo e do seu líder de maneira deturpada. Em relação ao povo trata de maneira pejorativa como jagunços e o seu líder como louco.

> Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco. Veremos mais longe a exação do símile. Paranoico indiferente, este dizer, talvez, mesmo não lhe possa ser ajustado, inteiro. A regressão ideativa que patenteou, caracterizando-lhe o temperamento vesânico, é certo, um caso notável de degenerescência intelectual, mas não isolou – incompreendido, desequilibrado, retrógrado, rebelde-no meio em que agiu (CUNHA,2010. p.176).

Essa foi a visão que durante muito tempo prevaleceu em relação a liderança de Antônio Conselheiro. Embora atualmente existam muitas pesquisas que pretendem desconstruir a visão euclidiana sua ótica ainda prevalece. Com isso, não queremos desconsiderar a importância da obra 'Os Sertões', mas sim pontuar possíveis equívocos que o autor, sendo um homem do seu tempo, com uma posição ideológica de classe, raça bem definida não foi capaz de registrar.

1.1.1 As Três Canudos

Pautada no documentário produzido pelo CEEC-Centro de Estudos Euclydes da Cunha [12], intitulado Três Vezes Canudos [13], é que percebemos a necessidade e a

[12] CEEC: Centro de Estudos Euclydes da Cunha. Órgão suplementar a Universidade do Estado da Bahia-UNEB,que tem como objetivo principal : promover estudos e pesquisas sobre os movimentos sócio-religiosos no semi-árido baiano.

[13] Três Vezes Canudos: Documentário que retrata a trajetória da comunidade de Canudos desde sua tentativa de se reerguer no território em que o Belo Monte nasceu e que é alagado pelo açude de Cocorobó. O

importância de situar nesse trabalho mesmo que de maneira rápida e pouco aprofundada, sobre qual Canudos estamos falando. Uma vez que temos nesse processo temporalidades e histórias distintas entre essas três realidades.

Conforme o Documentário acima mencionado, a primeira Canudos, ou melhor, o Belo Monte de Antônio Conselheiro (1893 a 1897) foi àquela destruída pela república travestida de um exército muito bem equipado e que deixou marcas profundas nessa história. A segunda Canudos (1910) foi uma busca de reconstruir a cidade devastada pela Guerra e que foi alagada pelas águas do Açude de Cocorobó (1969) e a terceira Canudos (fundada em 1985) se chama a Nova Canudos que foi construída pelos trabalhadores/as que vieram para edificar o açude e foi a proposta do governo para indenizar as famílias que sofreram com o alagamento.

Muitos dos/as moradores/as da segunda Canudos, não aceitaram a proposta do estado de morar na nova Canudos, em honra ao seu território que foi alagado pelo Açude. Em relação a isso, muitas são as controvérsias: Muitas das falas trazidos no documentário denotam a possibilidade de fazer o açude em outro lugar, sendo que não precisava retirar a comunidade e outras falas sugerem que a construção foi estratégica como uma forma de apagamento da memória da guerra, a fim de evitar o ressurgimento de uma nova Comunidade como foi o Belo Monte.

Nesse sentido, me remeto neste trabalho ao Belo Monte, de Antônio Conselheiro, a primeira experiência, numa perspectiva de rememorar o projeto social e político proposto por Antônio Conselheiro. Trata-se então de uma recuperação da memória, como uma possibilidade de contribuir para manter viva essa história. Porém, de acordo com os estudos de Ecléa Bosi (2003) sobre o tempo e a memória, é importante o cuidado quando se trata de pesquisar no campo da memória, no olhar da autora.

> Quando um acontecimento político mexe com a cabeça de um determinado grupo social, a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá desse acontecimento. Portanto, umas das faces da memória pública tende a permear as consciências individuais. (BOSI, 2003, pp. 21-22).

No caso da história do Belo Monte[1], foi um fato que ficou por muito tempo preso as memórias de narrativas oficiais. Nessa perspectiva, essa herança, de alguma maneira,

---

Documentário traz a luta da comunidade que se nega a sair de sua terra, mas que devido a força das águas não têm como ficar. Muitos/as seguem para a Nova Canudos indenizados/as pelo governo e outros/as se negam e vão morar nas comunidades próximas.

influencia no pensamento do próprio grupo social. Só muito recentemente outras narrativas pautadas na oralidade, apresentadas principalmente pelas pesquisas do professor José Calasans propõem em seu bojo a ideia principal de escutar a voz dos "vencidos". (CALASANS, 1997).

Esse trabalho objetiva então ser uma espécie de recordação e recuperação de um passado que pulula no presente, este mesmo, dito por Ecleá Bosi "ávido pelo passado, cuja percepção 'é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais. " (BOSI, 2003, pp. 19-20).

Portanto não podemos e nem pretendemos aqui, construir uma nova narrativa sobre essa história, mas ser uma possibilidade de se pensar a partir de lugares diversos esse fato tão distante do ponto de vista cronológico e tão próximo quando se olha para as demandas que eram reivindicadas na comunidade do Belo Monte.

1.2 Belo Monte: um projeto religioso, social e politico

Figura 4: Imagem da Igreja do Bom Jesus[14]

Fonte: Fotografia de Flávio de Barros, 1897
Arquivo Histórico Museu da República

Neste tópico a intenção é discorrer sobre o Movimento do Belo Monte, a figura de Antônio Conselheiro, suas motivações e perspectivas no cotidiano do Belo Monte, fazendo

[14] Igreja nova depois da guerra.

um paralelo com a presença das mulheres nos processos organizativos e constitutivos do cotidiano Belo Montense.

A bibliografia em torno da história do Belo Monte, durante muito tempo se pautou em discursos Euclidianos, centrado em "Os Sertões". Ao longo do tempo outras análises passaram a considerar a economia, política e religião como eixos importantes para se pensar essa comunidade. Assim, entender a comunidade do Belo Monte, como um grupo de camponeses que lutavam pela terra foi uma tarefa muito comum no olhar sociológico, trazido por Edmundo Moniz, em sua obra Canudos: A Guerra Social (1987).

Para Muniz:

> Canudos foi a tentativa heroica de estabelecer uma sociedade igualitária no sertão da Bahia, tendo em vista o fato irreversível de a burguesia unir-se aos latifundiários quando se apossou do poder político com a proclamação da República em vez de efetivar a reforma agrária,missão histórica que lhe competia realizar. Os camponeses de Canudos não lutaram contra o regime republicano que, para eles, não se distinguia do regime monárquico. Lutavam contra a burguesia em ascensão que se unira aos grandes proprietários rurais para a preservação do latifúndio (MONIZ, 1987, p. 11).

Ainda nessa direção, trazida por Moniz, outras perspectivas foram sendo construídas em torno deste conflito. A luta de classes também trazida por Rui Facó em Cangaceiros e Fanáticos (FACÓ, 1991), foi uma maneira de compreender o povo de Canudos como rebeldes que resistiram aos poderes dos grandes latifundiários. "Recusam-se nossos historiadores a ver na resistência maravilhosa de Canudos uma expressão da rebeldia sertaneja à prepotência dos latifundiários, reflexo de uma luta de classe em sua fase superior- a luta armada". (Op. cit., p. 77).

Diante dos olhares de Edmundo Muniz e Rui Facó, em relação ao que foi o movimento no Belo Monte, percebemos a importância dessas análises, inclusive para seguir nesta pesquisa. Todavia nos propomos a fazer, fundamentadas nessas leituras, um paralelo com a categoria de gênero que permeia esse trabalho. Nesse caminhar, com muito respeito as pesquisas já estabelecidas e compreendendo as suas limitações e temporalidades, percebemos que nessas análises, a homogeneização da comunidade do Belo Monte como "camponeses", deixou uma brecha para se pensar as relações sociais de gênero que compõem a estrutura social. Para nos ajudar a pensar esse aspecto citamos a autora, Daniele Kergoat.

> A relação social é, em princípio, uma tensão que atravessa o campo social. Não é alguma coisa passível de reificação. Essa tensão produz certos fenômenos sociais e, em torno do que neles está em jogo, se constituem grupos de interesses

> antagônicos. Em nosso caso, trata-se do grupo social homens e do grupo social mulheres – os quais não são em nada passíveis de serem confundidos com a dupla categorização biologizante machos-fêmeas (KERGOAT, 2003, p. 58).

Nesse sentido, se torna necessário para um diagnóstico que leve em conta as complexidades das relações sociais, um olhar cuidadoso sob as tensões entre tais grupos colocados por Kergoat: homens e mulheres. Este é um aspecto que desejamos discutir nesse estudo.

Seguindo na revisão das análises existentes em relação ao movimento do Belo Monte, uma delas foi considerá-lo como um movimento messiânico pautado apenas na religiosidade, corrente essa, proposta por Maria Isaura Pereira de Queiroz em sua obra: Messianismo no Brasil e no Mundo (1965). Todavia apesar de trazer elementos importantes sobre o surgimento de muitos peregrinos no sertão, não se desvencilhou da perspectiva Euclidiana, que buscava macular a imagem de Antônio Conselheiro igualando-o a um religioso fanático louco e que pregava e realizava milagres.

> Não tardou que a notícia de milagres viesse aumentar o seu renome: quando rezava, a virgem chorava lágrimas de sangue; madeiros pesadíssimos eram erguidos apenas por dois homens como se fossem plumas, a sua ordem, em determinada hora do dia, entrava em êxtase, para se comunicar com o próprio Deus (QUEIROZ, 1965, p. 204).

Essa análise, que também é um importante material para se debruçar sobre o emaranhado de narrativas referentes ao Belo Monte, fortalece a imagem de Antônio Conselheiro como fanático político e religioso que vem sendo questionada principalmente após os estudos do professor Pedro Lima Vasconcelos[15].

Desde Euclides da Cunha, todas as pesquisas que se pautaram em estudar esses aspectos, religioso, político, social, econômico, se constituíram importantes materiais para a compreensão do Massacre do Belo Monte. Todavia, algumas dessas pesquisas, ainda permaneceram vinculadas a ideia de fanatismo, loucura e rebeldia, portanto, não são suficientes para entender a comunidade do Belo Monte em sua complexidade, deixando como já foi colocado, várias possibilidades de pesquisas.

No olhar de Rui Facó:

> Se Euclides da Cunha, estudioso honesto da realidade brasileira, mas com profundos preconceitos e falsas concepções estreitamente antropológicas e geográficas, não percebeu a essência da luta dos habitantes de Canudos, vendo

[15]Pedro Lima Vasconcelos- Professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Alagoas-UFAL. Autor de vários livros e artigos sobre o Belo Monte e sobre Antônio Conselheiro.

> unicamente seu fundo religioso, de fanatismo, não se justifica que este ponto de vista errôneo prevaleça na historiografia do Brasil (FACÓ, 1991, p. 77).

Perante as muitas narrativas referentes ao Belo Monte, porém muitas delas, mantendo a memória da história oficial contada pelos ditos "vencedores", no ano de 1947 o então historiador sergipano José Calasans, por meio de uma matéria de Odorico Tavares, no jornal "O Cruzeiro", sobre os sobreviventes da Guerra de Canudos, vai se interessar em pesquisar o tema e trazer por meio de sua pesquisa a voz daquelas/es considerados/as vencido/as pela história, indo além da obra "Os Sertões" de Euclides da Cunha. Calasans, dentre muitos textos, em cartografia de Canudos (1997), com base em relatos orais, documentos e leituras vai possibilitar uma nova maneira de olhar a história do Belo Monte, trazendo questões como a escravidão, a presença indígena no Belo Monte e a presença das mulheres.

> Naquele ano, apresentou Calasans, como tese de Livre-Docência, na velha Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, na avenida Joana Angélica, o trabalho intitulado O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro, surpreendendo tanto os seus examinadores como os que assistiram sua brilhante defesa, pelos vastos conhecimentos que demonstrou possuir sobre o assunto, a todos encantando com sua maneira simples de dizer as cousas, agradável de ouvir e capaz de convencer os que o escutaram, tanta a segurança com que fazia suas afirmações e rebatia as críticas feitas pela sua banca de exame (CALASANS, 1997.p.1).

Essa obra, além de tantas outras, vai relatar muitos fatos ocorridos em Belo Monte, adquiridos por meio de entrevistas, análise de documentos e etc. Essa perspectiva de pesquisa, proposta pelo professor José Calasans, tem nos permitido fazer com que esse trabalho aconteça, possibilitando olhar para a comunidade do Belo Monte usando gênero como uma categoria de análise.

No entanto o desafio em olhar para o Belo Monte sob a perspectiva de gênero, ou qualquer perspectiva que questione a visão euclidiana é constante, uma vez que essa literatura tem sido dentro desse contexto, a construtora da memória acerca do Belo Monte. A esse respeito o professor Pedro Lima Vasconcelos diz:

> As categorias pré-definidas e ao mesmo tempo imprecisas, como messianismo, sebastianismo e milenarismo se tem recorrido, já desde Euclides da Cunha. E a influência avassaladora que este livro exerceu na cultura brasileira do século XX fez dele praticamente a única voz autorizada a respeito do arraial liderado por Antônio Conselheiro (VASCONCELOS, 2015, p. 60).

Compartilhamos da análise do professor/pesquisador Pedro Lima Vasconcelos, por dois motivos: primeiro que será um grande desafio edificar esse trabalho, pois não podemos renunciar as fontes escritas já existentes e segundo as categorias que nos

propomos a olhar para essa história que é centenária, são muito recentes no campo das pesquisas o que nos coloca frente a muitas questões em relação a nossa análise. Mas, mesmo diante dessas demandas, podemos nos colocar no exercício de questionar, analisar e olhar as fontes sob perspectivas que nos permitam transcender as narrativas que em sua maior parte são constituídas pelas vozes do "vencedor" contribuindo para uma diversidade de olhares e estudos sob a história do povo do Belo Monte.

Uma das inspirações da proposta aqui lançada é a apaixonante trajetória do professor/pesquisador José Calasans, que segundo Walnice Nogueira Galvão (2002), dedicou-se com muito afinco a estudar a história do Belo Monte, doando todo seu acervo ao Núcleo Sertão no Centro de Estudos Baianos na Universidade Federal da Bahia-(UFBA) sendo que este se constitui hoje, um lugar muito importante com um acervo extenso referente ao Belo Monte e sua comunidade.

Esforçaremos-nos para através dessa escrita, fazer ressoar a voz daquelas e daqueles considerados/as vencidos/as, retomando a proposta do Professor José Calasans. Em especial a voz das mulheres relegadas ao abandono histórico e a memória do Belo Monte que durante muito tempo se pautou na perspectiva do vencedor e na invisibilização da presença e atuação femininas.

1.1.2 Belo Monte: Um Projeto Social

A proposta aqui é recuperar o nome Belo Monte escolhido por Antônio Conselheiro, trabalho que vem sendo realizado pelo professor e pesquisador, Pedro Lima Vasconcelos em suas pesquisas referentes a esse tema. Um termo frequente nos escritos do professor tem sido Belo Monte como a "Terra da Promissão". A respeito disso, vai relatar a partir de testemunhos de sobreviventes o quanto foi significante a experiência de vida em comunidade para os/as Belmontenses (VASCONCELOS, 2015, p. 68).

Relembrando, a partir da narrativa de Manoel Benício, a chegada de Antônio Conselheiro a esse pedaço de chão, ao qual ele lhe daria o nome de Belo Monte é que percorreremos como se deu essa construção.

> Depois de ter percorrido bosques e povoados, cidades e rios, fazendas e portos fluviaes de Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Bahia, Conselheiro chegou por uma tarde no arraial de Canudos, terrenos do Dr. Fiel, que tinha diversas fazendas de criação e sitios agrícolas por aquellas bandas. Entre as fazendas contavam-se: a de Cocorobó, em cuja Casa, incendiada no dia 25 de Junho de 1897, morreu um seu filho de igual nome, dé moléstia do peito: a Fazenda Velha do outro lado do Vaza-Barris, defronte de Canudos, onde morava o Dr. Fiel e foi recolhido

> moribundo ò Coronel Moreira César em 3 de Março de Í897; e à fazenda de Macambira de que era vaqueiro o celebre apostolo do Conselheiro por nome J. Macambira. Conselheiro começou a reinar então em Canudos, que batizou por Bello-Monte, mandando o seu povo comerciar por toda a redondeza e seus irmãos devotos, que eram Macambira, Beatinho e João Venâncio pedir esmolas pelos sertões, para a construção da nova Igreja que elle planejava edificar dentro do Bcllo-Monte. Já tinha elle construido, por traz da Igreja Velha, um cemitério. (BENICIO, 1997, p. 166).

Poder revisitar o cotidiano do Belo Monte por meio de pesquisas recentes, nos permite perceber o quanto há ainda para explorar, principalmente no que se refere as relações econômicas e sociais que foram estabelecidas no Arraial. Com base no que traz (VASCONCELOS, 2015; BENÍCIO, 1997; MONIZ, 1987), a comunidade do Belo Monte sobreviveu economicamente sendo responsável por comercializar couro na região, além de manter a produção de alimentos e criação de animais garantindo o sustento das famílias que ali residiam. A lembrança desse lugar não se fundamenta em uma experiência mística a espera de uma salvação eterna (VASCONCELOS, 2015), mas de um projeto que possibilitou muitas pessoas possuirem a sua terra, poder plantar e viver nela.

Conforme depoimento de sobreviventes:

> Recordações, moço? Grande era o Canudos do meu tempo. Quem tinha roça tratava de roça, na beira do rio. Quem tinha gado tratava do gado. Quem tinha mulher e filhos tratava da mulher e dos filhos. Quem gostava de reza ia rezar. De tudo se tratava porque a nenhum pertencia e era de todos, pequenos e grandes, na regra ensinada pelo Peregrino (MACEDO, 1983, p. 67).

Nesse sentido, o Belo Monte, onde reinava "rios de leite e os barrancos de cuscuz" (Op. Cit.), se constituiu para além da dimensão religiosa proposta por muitos autores, como um projeto social, econômico e político, diante de uma sociedade onde o latifúndio e o coronelismo dominavam. Os incômodos desses grupos, não podiam deixar de existir, se muitos de seus/suas trabalhadores/as deixavam tudo para seguir o Beato Conselheiro no Belo Monte.

Ao residir no Belo Monte, a comunidade também tinha acesso à escola, pois Antônio Conselheiro dava muita importância a educação das crianças. No Arraial foram construídas duas escolas com professoras e o devido acompanhamento do beato (MONIZ, 1987). A esse respeito, nos relatos de Manoel Benício encontramos com a presença de uma professora e de uma rua com este nome.

> Corria, portanto, tranquillamente a existência do arraial onde chegara uma moça por nome Maria Francisca de Vasconcellos em companhia de um rapaz. Eram de Soure ambos, donde fugiram, porque os paes não consintiam que elles se casassem, por ser plebea a origem do amante. Teria ella 23 ánnos. Era morena, arisca, tendo cursado a escola normal da Bahia onde apanhara alguma instrucção.

> De-génio fácil, folgasao e conversador sentia as mordidellas do temperamento lúbrico, que curava facilmente.... O Conselheiro nomèou-a professora do arraial, indo ella morar na baixada, por traz do cemitério, que desde este tempo tomou o nome de rua da Professora. (BENÍCIO, 1997, p.170).

Não apenas uma, além de Maria Francisca de Vasconcelos, encontramos outra professora que se chamava Marta figueira, de Salvador e que foi uma das sobreviventes da guerra (MONIZ, 1987). Essa organização educacional encontrada na comunidade do Belo Monte, contesta narrativas de que o Conselheiro e seus/suas seguidores/as eram ignorantes e que o Arraial era só um reduto de jagunços fanáticos. As regras de convivência eram bem determinadas pelo beato, sendo que não era permitido o consumo de álcool, nem prostituição (Idem).

Com todas as regras desde modos de se comportar a ritos religiosos, como a reza do terço no fim da tarde (BENICIO, 1997), o Arraial seguia crescendo, muitas famílias chegavam e se vinculavam ao cotidiano e aos ideais pregados pelo Bom Jesus Conselheiro.

Esses breves aspectos do Cotidiano do Arraial do Belo Monte, aqui colocados de maneira a dialogar com algumas análises em relação as narrativas escritas sobre este movimento, são necessários para nos auxiliar na construção de um olhar, que questione o que está estabelecido sobre a história dessa comunidade.

> Compreender Belo Monte a partir da chave exclusiva ou prioritariamente milenarista (e assemelhadas), e a consequente transformação da vila numa comunidade de eleitos aguardando a salvação nestes termos concebida, implica, quase inevitavelmente, desconsiderar aspectos como a organização social ali ensaiada, o comércio com regiões vizinhas, inclusive com direito a uma feira semanal no centro do arraial, o empenho em fazer do local uma habitação digna, em que muitos, depois de anos perambulando pelos sertões atrás de seu beato, haveriam finalmente de se estabelecer. Fixar-se num detalhe, muito provavelmente secundário em Belo Monte, embora certamente parte da cultura sertaneja nordestina, implica não perceber o que o arraial liderado pelo Conselheiro carregou em termos de originalidade religiosa e de vida: seus habitantes estavam cientes de estarem refazendo a saga dos hebreus que, quase três mil anos antes, haviam construído sua terra prometida. Aqui em versão "sertanizada": em vez de mel, "barrancos de cuscuz". As portas do céu seguramente se abririam a quem com ela se envolvessem (VASCONCELOS, 2015, p.74).

Com essa citação de Pedro Lima Vasconcelos, seguimos nas pistas do Beato Antônio Conselheiro, das mulheres da comunidade e do Projeto de uma sociedade igualitária que mesmo por pouco tempo, demonstrou que é possível outras formas de viver em comunidade.

1.1.2- A Figura de Antônio Conselheiro

Antônio Vicente Mendes
Maciel era cearense,
E em Quixeramobim
Que ao Ceará pertence,
Tinha casa de negócio
Pois o labor tudo vence.
(CALASANS, 1984. p.41).

Figura 5: Imagem do Bom Jesus Antônio Conselheiro, depois de exumado, 1897.

Fonte: Flávio de Barros - Canudos, Bahia/ Acervo Museu da República/Imagem recuperada digitalmente pelo Instituto Moreira Salles.

Embora a centralidade desse trabalho objetive focar nas narrativas das mulheres, falar do Belo Monte sem rememorar a figura de Antônio Conselheiro é como retirar desse processo toda a sua historicidade. Nesse sentido, pautadas na leitura da obra de Edmundo Moniz, Canudos: A Guerra Social (MONIZ, 1987) e em outras que também contém informações sobre Antônio Conselheiro, nos propomos a discorrer um pouco sobre a história desse líder, que se constitui peça essencial nesse movimento, por sua atuação e articulação até culminar na liderança da comunidade do Belo Monte.

Quem é esse homem que resolveu peregrinar pelos sertões, construindo igrejas e cemitérios, com sermões e prédicas por ele mesmo elaboradas, dotado de belas e eruditas palavras, que provocam a atenção de uma multidão que em sua maioria eram mulheres? Além de seus feitos, buscamos nos aproximar da imagem de Antônio Conselheiro que segundo relatos de testemunhas.

> É o que se depreende do testemunho de Durval Vieira de Aguiar nos artigos publicados no Diário da Bahia e reunidos posteriormente no seu livro Descrições práticas da Província da Bahia. Eis o que ele viu quando passou em Cumbe em 1887, dez anos antes da guerra de Canudos: ”o povo costuma confluir em massa aos atos de Antônio Conselheiro a cujo aceno cegamente obedece e resistirá ainda mesmo a qualquer ordem legal, por cuja razão os vigários o deixam impunemente passar por santo, tanto mais quanto ele nada ganha e, ao contrário, promove extraordinariamente os batizados, casamentos, desobrigas, festas, novenas e tudo mais em que consistem os vastos rendimentos da igreja. Nesta ocasião havia o Conselheiro concluído a edificação de uma elegante igreja no Mucambo e estava construindo uma excelente igreja no cumbe, onde a par do movimento do povo, mantinha ele admirável paz. Por se tratar de testemunha ocular, é importante a descrição que ele faz de Antônio Conselheiro: “baixo, moreno, acablocado de barbas e cabelos pretos e crescidos, vestido de camisolão azul, morando sozinho numa desmobiliada casa onde se apinhavam as beatas e afluíam os presentes, com os quais se alimentava”(MONIZ,1987, pp.34-35).

A preocupação em trazer a imagem do Conselheiro, representada nas bibliografias nasce da perspectiva de olhar para esta figura para além dos seus feitos e de sua capacidade de liderança, para assim, poder questionar algumas narrativas, como a euclidiana que o colocaram em um lugar de insanidade mental, desconsiderando todas as suas proposições e escritos. Um dos elementos que sustentaram a visão euclidiana foi a análise do médico Nina Rodrigues trazida por Alexandre Othen.

> Antônio Conselheiro sofria de uma loucura mística que chegou à sua forma megalomaníaca na alienação de ser o Bom Jesus Conselheiro ou próprio filho de Deus. Para o médico, os fatos biográficos demonstram a sistematização da doença. Do crânio não podia servir-se para comprovar a insânia, pois não mostrou traços de degenerescência e loucura. Era um crânio normal. Desse modo, explora os dados históricos alcançáveis (OTHEN, 1990, pp.41-42).

Conforme Alexandre Othen, em sua obra Só Deus é Grande: A mensagem Religiosa de Antônio Conselheiro, tanto Euclides da Cunha quanto Nina Rodrigues sem meios suficientes para comprovar a “loucura” de Antônio Conselheiro, vão partir para análise do povo sertanejo, colocando-os como fanáticos, maculando suas origens, atribuindo erros a mistura de povos indígenas, africanos e o que eles consideram raça superior: o europeu, civilizado. E nesse sentindo todas as práticas desses povos, desde a religião, a cultura e a sua mestiçagem são consideradas desequilíbrios, diferente da pureza branca do civilizado. Esse debate em torno da origem do povo sertanejo, em especial a comunidade do Belo monte, vai servir de pressuposto para se construir uma imagem injusta de Antônio Conselheiro e de seu povo.

> O cruzamento incita os instintos inferiores primitivos das raças que entraram na mistura. Assim o mestiço é um retrógrado, é de temperamento instável e as contradições raciais reunidas nele impedem a estabilidade social. Ele nem tem força física do africano e índio, nem a inteligência do ancestral europeu, é um fraco destinado a sucumbir na luta pela sobrevivência (OTHEN, 1990, pp.45 - 46).

Nas palavras de Othen, baseado no pensamento de Euclides da Cunha, o meio era responsável pela constituição do povo de suas demandas e lutas, tendo como necessidade o apoio de um líder. Assim, toda a questão em torno da identidade sertaneja vai servir para justificar tanto a alucinação de Antônio Conselheiro, quanto o ataque a comunidade do Belo Monte, como um lugar de "jagunços desequilibrados'.

> Antônio Conselheiro é síntese da sociedade sertaneja, seu retrato fiel. Ele absorve os males da sociedade: as misturas das raças, as santas missões, a religião deformada em fetichismo, por causa da luta contínua de sobrevivência e estes reforçados por serem unidos numa personalidade refluem de novo sobre a sociedade. Mas o papel ativo está com a sociedade, com a multidão sertaneja (OTHEN, 1990, p.52).

Trazer essas narrativas a respeito de Antônio Conselheiro nos coloca frente as muitas análises que se contradizem em torno dessa figura. Muitos buscaram entender a liderança deste homem, para tanto partindo de algumas leituras, buscamos rememorar gestos por ele praticados e registrados na história, a fim de podermos analisar com mais elementos em mãos, não apenas a liderança, mas, o Conselheiro inserido e nascido em contexto específico.

Conforme Moniz (1987), Antônio Vicente Mendes Maciel, O Conselheiro, nascido em Quixeramobim, Província do Ceará no ano de 1828, desde criança conheceu os conflitos entre as famílias Maciéis e Araújos. Envolvendo questões referentes a posse de terra, essas confusões geraram muitas mortes. Essas situações, além de desafetos matrimoniais levaram Antônio Maciel a mudar de cidade e consequentemente a peregrinar. Nesse caminhar, uma das inspirações de Antônio para realizar seus ideais, foi o Padre Ibiapina [16].

> Antônio Maciel que conheceu o Padre Ibiapina quando menino, o reencontrou no auge de sua glória e teve a oportunidade de trocar ideias com ele e de ouvir suas audaciosas pregações. Durante algum tempo, segui-o como discípulo, tomando como exemplo a sua vida apostolar. Pode-se dizer que o Padre Ibiapina foi o precursor de Antônio Conselheiro (MONIZ, 1987, p. 24).

Em sua dissertação de Mestrado, intitulada: A Caridade segundo Ibiapina: História e Imaginário da Santa Casa, Danielle Ventura Bandeira de Lima, vai nos trazer informações importantes sobre a passagem de Ibiapina, na Paraíba. Em sua missão na província da Paraíba, padre Ibiapina, vai trabalhar em função dos problemas de saúde e

[16]Padre Ibiapina: Padre Ibiapina nasce em Sobral-CE no ano de 1806. Foi juiz, advogado, Deputado Federal e por fim, decidiu ser missionário no norte do país. É um padre que vai ser envolver nas questões sociais ligadas a problemas de saúde da população da Província da Paraíba e se torna uma das principais inspirações de Antônio Conselheiro (Ver LIMA, 2009).

educação enfrentada pelas populações pobres e um dos fatos que o levam a essa postura é o adoecimento da população por conta da falta de cemitério. Dessa maneira, vai trabalhar para a construção de cemitérios, a fim de que a população seja enterrada de maneira digna e higiênica, sem danos à saúde da comunidade (LIMA, 2009).

Tendo o Padre Ibiapina como uma das referências em seus projetos, dentre eles, o de construir igrejas e cemitérios é que Antônio Vicente Mendes Maciel sai do Sertão do Ceará em peregrinação, passando pelo Pernambuco até chegar ao estado do Sergipe e de lá, até o norte da Bahia (MONIZ, 1987).

> Segundo adeptos que o respeitavam e obedeciam, não ficou ocioso e construiu em várias cidades inúmeras obras de interesse público. Esta tendência para a construção talvez, significasse uma identificação inconsciente com pai que fora também construtor. Artesãos, pequenos proprietários expulsos de suas terras pelos grandes ou pelo fisco, pessoas de todas as categorias sociais se dispunham a segui-lo seduzidos pelos seus ensinamentos (Ibidem, p.25).

A figura de Antônio Conselheiro, além de um grande líder, se constituiu um Beato, que por meio de seus conselhos agregava muitas pessoas. Contudo, apesar de ser católico, a sua relação com a igreja não era amistosa, uma vez que esta estava ligada ao estado e em consequência disso com os grandes proprietários de terra. Segundo Moniz (1987, p.33), "A igreja ao lado do estado, deveria defender a ordem, respeitar as leis e obedecer às autoridades. Na caridade para os necessitados e não na igualdade social, repousava a sã doutrina da igreja". Sob o olhar de Alexandre Othen:

> Antônio Conselheiro se vê rejeitado e perseguido pela igreja institucional e pelo Estado. A igreja recusa sua profecia, sua pregação que segundo ela, afeta a ortodoxia e a pureza da doutrina. O estado o condena em seu projeto sociopolítico, como um foco de agitação que subverte a calmaria fictícia da ordem pública (OTHEN, 1990, p.7).

Nesse sentido, conforme Moniz dialogando com a informação trazida por José Calasans, em Cartografia de Canudos (1997) é de que é essa igreja aliada as forças do estado vão perseguir Antônio Conselheiro, pois apesar de seus seguidores/as cumprirem os rituais exigidos pelo catolicismo, essa igreja temia um levante desse grupo, que só crescia em número e em fidelidade as mensagens e pregações de Antônio Conselheiro.

Esse movimento, conforme, Moniz (1987), vai incomodar tanto a igreja e ao estado que os jornais da época começam a publicar descrições alarmantes e opiniões a respeito de Antônio Conselheiro e dos/as seus/as seguidores/as:

> A folhinha Lambert de 1887, publicada na capital do império, registrava o seguinte: "Apareceu no sertão do norte um indivíduo que se diz chamar Antônio Conselheiro e que exerce grande influência no espírito das classes populares,

> servindo-se de seu exterior misterioso e costumes ascéticos com que se impõe a ignorância e a simplicidade. Deixou crescer barba e cabelo, veste uma túnica de algodão e alimenta-se tenuemente, sendo quase uma múmia. Acompanhado de duas professas, vive a rezar terços e ladainhas e a pregar e a dar conselhos a multidão que reúnem onde lhe permitem os párocos; e movendo sentimentos religiosos, vai arrebanhando o povo e guiando-o a seu gosto. Revela ser um homem inteligente, mas em cultura (Ibidem, p.33).

Portanto, a imprensa vai exercer um papel muito importante no que se refere ao Belo Monte e seu povo. Conforme Othen, os jornais republicanos, todos discutiam a relação de Antônio Conselheiro com os monarquistas. E o Belo Monte, nesse sentido se constitui um lugar de ameaça da restauração para a República nascente. (OTHEN, 1990). Ainda seguindo o raciocínio de Othen:

> Se naquele tempo todos olharam para Canudos, se até Londres se falava de Antônio Conselheiro, Canudos não foi o palco principal da Guerra de Canudos. Quem estava em jogo era a jovem república no litoral com seus problemas vitais. Os rebeldes de Canudos são figurações na luta pelo poder que se trava no Rio e nos principais estados (Ibidem, p.19).

Esse esboço da imagem do Conselheiro como monarquista vai se encontrar com o que Manoel Benício traz em relação a aceitação ou não da República pelo líder: "Conselheiro começou a pregar contra a República, não porque soubesse ò que fosse republica, nem porque fosse monarchista ou assalariado de conspiração monárchica, mas porque a republica ameaçava a sua religião".[17] (BENÍCIO,1997, p.158). Outro fator presente nos relatos de Benício que também é um motivo dos questionamentos de Conselheiro frente a República é a questão da cobrança de impostos. Um fato bastante comum e bastante citado se refere a velha que vendia na feira,

> A' feira em questão chegará um pobre curuca, a vender uma esteira que deitara no chão. O arrematante do imposto exigia cem réis pela porção de terreno que a esteira e a pobre velha ocupavam Esta, que apreciava o valor da esteira em oitenta réis, reclamou, queixou-se em voz alta ao povo, chorando, lastimando-se. Juntou se gente e todos davam razão á velhota. — Pois como se ha de pagar um tostão de imposto, quando o género todo que se vende vale quatro vinténs, diziam? Conselheiro, na predica que fez nesta noite referio-se ao caso da velha allegando : « eis ahi o que é a Republica, o captiveiro, trabalhar somente para o governo. E' a escravidão annunciada pelos mappas, que começa. Não viram a tia Benta (o nome da velha) é religiosa e branca, portanto a escravidão não respeita ninguém? (BENÍCIO, 1997, pp. 16 2-163).

Com este relato e a partir dos fatos aqui citados, constatamos de que havia uma intenção política em macular a imagem de Antônio Conselheiro e um grande incômodo no que poderia se tornar aquele movimento, diante de tantas experiências de beatos que já havia no Sertão, mas que não foram bem-sucedidas. A classe dos grandes latifundiários

[17] Escrita original da Obra de Manoel Benício: O rei dos jagunços (1997).

também se incomodava, pois, muitos/as dos que seguiam Antônio Conselheiro eram ex-escravizados. De maneira que, mesmo com o recente abolicionismo, as condições eram precárias para os/as negros/as em "liberdade".

> Em 1888, aboliu-se a escravidão e um ano depois proclamou-se a república. Entre os que acompanhavam Antônio Conselheiro achava-se inúmeros escravos forros ou foragidos. Agora também o seguiam muitos dos libertados pela lei do 13 de maio. Com o tempo, agregava-se aos seguidores uma nova camada social marginalizada pelo regime dominante. Acabara-se a escravidão, mas permanecia o latifúndio. Os grandes proprietários rurais aderiram a república. Continuavam a dispor, como no tempo da monarquia do poder econômico e político (Ibidem, p. 39).

Em sua obra Sociologia política da Guerra Camponesa de Canudos, Clovis Moura (2000), vai colocar em debate as várias identidades dadas a Antônio Conselheiro e vai se referir ao líder, como Abolicionista da Plebe, quando se trata da relação dele com os/as escravizados/as, justamente porque seus séquitos eram em sua maioria recém-saídos/as da escravidão. Conforme pesquisas do autor, as prédicas de Conselheiro se dirigiam a esse grupo que com a "libertação" não tinham para onde ir e foram acolhidos/as no Belo Monte. (MOURA, 2000).

José Calasans é uma referência de Clóvis nestes estudos sobre Canudos e a escravidão. Calasans, em Cartografia de Canudos, menciona que no Belo Monte, havia uma rua 13 de maio e que essa rua era dedicada aos negros/as, ele se pauta então nas cartas do Barão de Jeremoabo, que em uma dessas correspondências vai declarar que as gentes que seguiam o Beato Conselheiro eram as " gentes do 13 de maio". As pesquisas aprofundadas do professor Calasans, o levaram a cogitar que Canudos pudesse ser um dos últimos Quilombos do Brasil. (CALASANS, 1997).

Munido com esse grupo de seguidores/as e já ameaçado por muitos lugares onde passou Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Bahia, Conselheiro chegou uma tarde ao Arraial chamado Canudos. (BENÍCIO, 1997). Seria esse o lugar onde iria realizar o seu desejo de uma comunidade igualitária onde pudesse se resguardar dos ataques das forças da igreja e do estado.

> Antônio Conselheiro começou a dar corpo a ideia de fundar uma cidade comunitária, onde não houvesse discriminação nem privilégios. É provável que nesta época já tivesse lido a Utopia de Tomas More. Foi então que marchou para o norte em longa e penosa caminhada. Escolheu uma região que lhe parecia inexpugnável. E fundou o arraial do Belo Monte, que ficaria famoso pelo nome de Canudos. (MONIZ, 1987, p.41).

Chegando a essa região batizada pelo Conselheiro como Belo Monte muitas sertanejas e sertanejos mulheres e homens, orientados/as pelo Beato, saiam a pedir esmolas para a construção de igrejas e cemitérios. Muitos/as que se dirigiam ao Belo Monte, seguindo o Beato Conselheiro, iam movidos/as pela fé e pela crença em suas palavras que garantiam uma salvação celeste, além de uma busca por um pedaço de terra para viver e plantar. É nesse contexto que se atribui a esse movimento a sua dimensão religiosa além de política e social.

Maria Isaura Pereira de Queiroz, em sua obra Messianismo no Brasil e no Mundo, (QUEIROZ, 1965), vai colocar o Movimento de Canudos, o qual ela chama: "Império do Belo Monte", como fruto de vários outros que surgiram no Brasil durante o processo de colonização e que estes, nasciam de uma crença sebastianista [18], onde a figura do Rei Sebastião Viria para salvar a todos. Portanto, o Conselheiro seria o Messias do sertão, trazendo esta autora, algumas questões que consideramos pertinentes no que se refere ao Bom Jesus Conselheiro. A autora, com base em uma literatura vasta, desde Euclides da Cunha, Manoel Benício e José Calasans, vai problematizar a figura de Antônio Conselheiro enquanto Líder Religioso:

> Mais tarde confundiam-no com a própria figura divina, dando-lhe a denominação de Bom Jesus Conselheiro, havendo também quem afirmasse que ele era a encarnação do Espírito Santo. No entanto, parece que ele mesmo nunca afirmou ser de essência sagrada, mas sim e tão- somente um enviado, um intermediário, um representante de Deus na terra. Quando alguém ajoelhava para pedir-lhe a bêncão, respondia: "- Levante-se que Deus é outra pessoa". Também, nunca se arrogou nenhuma função sacerdotal, jamais oficiou cerimônia religiosa privativa do clero, pois respeitava a organização da Igreja Católica (Ibidem, 1965, p.206).

Muitas das atribuições religiosas e divinas oferecidas a Antônio Conselheiro foram segundo Queiroz, dada pelos/as fiéis. Muito embora ele mantivesse regras e condutas para quem resolvesse habitar o Belo Monte o povo é quem fortalece a sua liderança de e ele os guia, com seus conselhos, suas prédicas e sua disciplina.

> Mesmo porque não era qualquer um que encontrava franqueada a entrada e a permanência no grupo, o que dependia de ordens do Conselheiro. Excluíam-se os que tinham merecido a desconfiança, por republicanos, ladrões, ou bêbados: também as meretrizes; e quem negasse a divindade do chefe "teria seus bens confiscados e seria morto", ou pelo menos corria o risco de ter seus bens confiscados pela Companhia do Bom Jesus (Ibidem, p. 207).

[18]Refere-se ao Rei Sebastião de Portugal o qual conforme Maria Isaura Pereira de Queiroz em sua Obra Messianismo no Brasil e no Mundo, influencia as ideias de Antônio Conselheiro.

Essa fala nos coloca frente a algumas questões a de como era a vida no Belo Monte, das regras e das relações que se davam naquele local. Da organização social, econômica, política e religiosa. No que tange aos grupos que residiam na comunidade, conforme a pesquisa de Maria Isaura Pereira de Queiroz era maioria de mulheres e famílias constituídas, sendo que indivíduos sozinhos eram poucos. Ou Seja, o Arraial era um espaço organizado, sob as ordens de Antônio Conselheiro e de seus chefes mais próximos, mas também com a participação da comunidade.

A autora traz muitos fatos importantes, todavia não transcende a visão euclidiana pois a mesma retrata a população do Belo Monte, com todos os estereótipos e preconceitos em relação ao povo do sertão

> Sua composição era heterogênea: "fanáticos verdadeiros", que o consideravam enviado de Deus, fanáticos interesseiros, na esperança de que viesse a dividir depois as fazendas de gados e lavouras; desertores do exército e da polícia, assassinos e malfeitores da Bahia, e dos Estados de Sergipe, Minas, Alagoas, Ceará, Pernambuco e Piauí (Ibidem, p. 207).

Nesse sentido, essa descrição da população do Belo Monte, desconsidera toda a atuação, destituindo toda a subjetividade e inteligência desse povo, como se não houvesse certa autonomia e estratégia em participar nesse Movimento que venceu três expedições do Exército Brasileiro e na quarta e última não se rendeu e permaneceram em luta até o fim (FACÓ, 1991). Em "Cangaceiros e Fanáticos" (1991), Rui Facó vai olhar para Canudos para além da dimensão religiosa enumerando vários fatos que relatam a luta de homens, mulheres e crianças camponesas em defesa de da terra.

Aos poucos vai se desenhando a resistência em Canudos e a importância de cada braço, cada homem, criança e mulher, como partes fundamentais, guiados/as pelo Conselheiro, mas que sem esses/as sujeitos/as, o Arraial do Belo Monte não haveria de ter existido, muito menos se insurgido contra as forças armadas do estado brasileiro, da igreja e das classes dominantes.

1.1.3 As Mulheres e Antônio Conselheiro

Como se referir as mulheres e a relação com Antônio Conselheiro? As mulheres e Antônio Conselheiro ou Antônio Conselheiro e as Mulheres? Quem vem primeiro e o que mudaria em relação ao propósito da pesquisa? Ao deparar-nos com as narrativas, escritas em sua maioria por homens, percebemos pouco interesse em relação aos registros da vida das mulheres. Isso não surpreende tendo em vista, que só recentemente se tem na história

um lugar dedicado a entender a mulher como sujeito (PERROT, 1995). Porém o desafio aqui, para além de perseguir no caminho da invisibilidade das mulheres é construir uma narrativa onde elas sejam o centro na relação com o Beato, não como imprescindíveis, mas como agentes que exerceram um papel na vida e na liderança de Antônio Conselheiro. Em vista disso, partiremos da vida de Antonio Conselheiro muito antes de chegar ao Belo Monte no que tange a relação com as mulheres.

Antes de peregrinar em direção ao Belo Monte, Antônio Conselheiro na narrativa de Manoel Benício em Rei dos Jagunços, se relaciona com duas mulheres, uma delas, que aqui quero apresentar como um nome bastante sugestivo Joana Imaginária, a mulher que era escultora de Santos.

Pouco se tem escrito sobre essa mulher, mas na narrativa de Manoel Benicio encontramos algumas passagens de sua relação com Antônio Conselheiro.

> Foi residir em Ipú onde começou a rabiscar no foro, deixando ahi escriptos registrados que o promotor de Tamboril e outros apreciaram. Seguiu para Santa Quitéria onde esteve dous annos, tendo um filho bastardo que tomou o nome de Joaquim Aprigio, com uma senhora conhecida por Joanna Imaginaria. (BENICIO, 1997, p. 38).

Ao iniciar com a relação das mulheres e Antônio Conselheiro, a intenção de buscar essa referência de Joana Imaginária, além de querer provocar mais reflexões e pesquisas em torno da história dessa mulher, é também entender a influência das mulheres na vida e missão do Beato. Ainda em Rei dos Jagunços, veremos uma referência de Joana Imaginária a escolhas de Antônio Conselheiro,

> Os profundos golpes que a desventura até alli descarregara sobre a sua cabeça eivada das doutrinas complexas e confusas pregadas pelos missionários vagabundos e estrangeiros, então, invadindo os sertões, a influência mística de sua amante, Joana Imaginaria, traziam alquebrado o espirito do novo rábula. A dúvida sobre o procedimento da mulher era um cáustico que lhe atordoava a razão. Um dia disse-lhe: — Sigo amanhã para o Campo-Grande e só voltarei três dias depois. A mulher avisou ao amante desta ausência que lhes ia prodigalizar três noites de regabofe. Maciel, porém, houvera formado um plano com o fim de certificasse da verdade que lhe era incerta, muito embora as insinuações enérgicas de sua amasia (BENICIO, 1997.p.39)

Ao que parece, conforme a citação, Joana Imaginária exerce uma influência sobre as decisões de Antônio Conselheiro. Na narrativa de Edmundo Muniz encontramos também uma referência a esse contato.

> Nesta época, Antônio Conselheiro recebeu a visita de seu filho Joaquim Aprígio, com mais de vinte anos. Este lhe trouxe de presente como lembrança de sua mãe, um Santo Antônio de cedro, pintado de vivas cores, que foi colocado no santuário. Joana Imaginária acompanhava a trajetória de Antônio Conselheiro no sertão da Bahia, tomando conhecimento da fundação de Canudos e da construção

> da Igreja nova. Mas Joaquim Aprígio não se demorou muito em Belo Monte, apesar do bom acolhimento que teve, e regressou a Santa Quitéria, onde morava sua mãe, e a ajudava devotamente a esculpir e pintar as imagens de madeira e de barro que a tornaram famosa e benquisto em sua terra natal (MONIZ, 1987. p.50).

As poucas informações sobre essa relação não nos permitem ir além, todavia não nos impedem de continuar a interrogar as narrativas por meio do gênero, olhando a história a partir das mulheres e de suas relações cotidianas, enxergando-as como produtoras de saberes e influenciadoras de grandes projetos. Michele Perrot nos provoca a pensar na importância de escrever a história das mulheres.

> Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possui uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos (PERROT, 1995, p.9).

Nesse caminho de ler/escutar as mulheres é que nos propomos a pensar na relação das mulheres com Antônio Conselheiro. Como essas relações foram registradas nas narrativas e o que elas nos dizem sobre esse contingente que muito antes do Belo Monte já era maioria seguindo o Beato, como bem relata Manoel Benício: "Os mais fervorosos de seus primeiros professos sairão dentre as mulheres. Mais tarde, os homens que viam e sabiam-n'o levando uma vida austera, desprezando gostos e prazeres mundanos admiravam-no" (BENICIO, 1997, p.42).

A proposta aqui é ir delineando uma narrativa partindo de como as mulheres se relacionavam com o Beato. Não é simples, uma vez que as poucas narrativas que encontramos estão em sua maioria centradas na figura de Antônio Conselheiro como ponto de partida e na ausência de registros das mulheres. Em virtude dessa centralidade vamos desafiando esse lugar, a fim de entender este universo na perspectiva das mulheres. Todavia para isso, não poderemos nos furtar a ações realizadas pelo Beato no que tange ao trato com as mulheres, pois nos diz muito sobre como essas relações se construíam.

Conforme Moniz (1987), Antônio conselheiro tinha muito apreço pela vida humana, chegando a solicitar que soldados que se tornaram prisioneiros na cidade de Uauá, local da primeira batalha, fossem soltos e permanecessem vivos. Essa medida foi cumprida sem questionamentos (MONIZ, 1987, p. 38). Partindo desse lugar, muitos tinham com o Conselheiro, uma relação de divindade, admiração e respeito que surge a partir de seus gestos e ações.

Em relação às mulheres está registrado que havia uma distância por parte do beato, conforme os escritos de Manoel Benício. “Em sua presença jamais consentira pratica dê violência. Fugia dás mulheres, esquivando-se fita-las e nenhum dos seus actos, durante vinte e tantos anos, sob as vistas de centenares de creaturas, dera motivo a commentarios maliciosos. ” (BENICIO, 1997, p.168). A obra de Afonso Arinos, Os Jagunços, traz em seu bojo várias situações que reforçam a narrativa de que o Conselheiro só de costa falava com as Mulheres.

> Ao serviço immediato do enviado de Deus havia seis beatas, que não lhe viam o rosto e a quem elle só falava de costas. Elas traziam-lhe em pires a magra refeição de cada dia. Junto á pessoa do Conselheiro havia também Antônio Beatinho e um tal José Felix, por alcunha— o Taramela — uma espécie de mordomo, cujo cognome lhe viera por ser o encarregado de abrir e fechar as portas. Este fiscalizava tudo, até o banho diário, que as beatas traziam em grande gamela de madeira. (ARINOS, 1898, pp.241-242).

Esse episódio é bem intrigante, sendo que na obra de Edmundo Moniz encontramos o relato de que a professora Marta que sobreviveu ao massacre e retornou a Salvador, morando no Bairro da Calçada, desconstrói essa narrativa de que o Conselheiro só de costa falava com as mulheres.

> Marta sobre viveu a Catástofre e transferiu-se para Salvador,onde morreu,em 1944,aos 78 anos, residindo na Calçada.Foi ela quem contestou a lenda de que as mulheres,só de costas,falavam com Antônio Conselheiro, quando eram recebidas no santuário (MONIZ,1987, p. 137).

Perguntamos-nos então, porque essa narrativa se reproduziu se realmente houve um momento em que o beato tratou assim as mulheres. Além disso, esse relato da professora somado a alguns fatos das andanças de Antônio Conselheiro vai esboçando um pouco como se deu esse contato do Conselheiro em relação ao trato com as mulheres. Em uma de suas caminhadas antes de chegar ao Belo Monte, mostra em um discurso a sua indignação com um pai que aparentemente violenta a filha.

> E dirigindo-se,de chofre,para um homem alto,o mais alto dos ouvintes bradou com voz irada,ameaçadora e profética:
> _Pai maldito, serás tu da raça das jararacas? O homem todo estremeceu de alto a baixo como apanhado por puraquê.Era um incestuoso,concubino da própria filha,assim lhe informara Villa Nova.Todas as vistas procuraram o acusado que sentia-se aterrado.A interrogação inopinada do missionário atordoara-o,como uma rija pancada no alto do craneo.
> _Pai maldito, serás tu da raça das jararácas que comem os filhos?Os bichos mais ferozes,os bichos mais mansos,todos os bichos,menos a jararaca,não se juntam com os filhos. Antes fosse tu um cavalo que melhores serviços prestarias ao mundo e não affrontarias a cólera de Deus:porque o cavalo,pai do lote,tange para fora deste as tuas filhas, no tempo do cio, e tu,jararaca amaldiçoada,reduzes as tuas,a prática de pecados e crimes monstruosos que bradam ao céo,donde descerá a tua perdição eterna”. (BENICIO, 1997, pp 91-92).

Essa narrativa e outras que veremos mais adiante, vão apontando aspectos da postura de Antônio Conselheiro em relação às mulheres, porém não temos elementos suficientes para afirmar que o Conselheiro era defensor das mulheres, uma vez que naquele contexto específico o que estava em jogo era a doutrinação e instrução sob a moral pregada, a fim de não serem desobedecidos aos desígnios de Deus. Por outro lado, podemos considerar que há uma preocupação com as mulheres. Prova disso é quando no fim da guerra, conselheiro libera as mulheres e as crianças para saírem do Belo Monte. (BENÍCIO, 1997).

Aqui não queremos olhar para a história do Beato e das mulheres com lentes que sequer se existiam naquele contexto, ou categorizá-lo em um lugar de defesa ou não das mulheres, mas recolher memórias de momentos em que houve uma relação mais próxima das mulheres com o beato e reciprocamente, no sentido de rememorar, entendendo que essas narrativas vistas pela ótica do gênero, nos possibilitam buscar a presença e ligação de Antônio Conselheiro e as mulheres, colocando-as em um lugar central.

Todas as indagações aqui feitas em relação a presença das mulheres nas narrativas relacionadas ao Belo Monte, se forjam na medida em que entendemos que há na historiografia um silêncio em relação as mulheres e que os estudos que buscam essa inserção ainda são muito recentes, conforme Michele Perrot:

> Até o século XIX, faz-se pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído. As que aparecem no relato dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem (PERROT, 1995, p.13).

Ou seja, questionarmos aqui a invisibilidade das mulheres na história não é mérito nosso, tem sido questionado por muitas pesquisadoras, todavia, nesse caso, questionamos a ausência das mulheres nas narrativas referentes ao Belo Monte, pois o séquito que estava com o Beato era em sua maioria mulheres e está presente tanto na escrita de Manoel Benício quanto na de José Calasans. “A', tardinha o patio das Igrejas, edificadas uma-defronte da outra, ataiou-se de gente. Havia uma desproporção extraordinária entre mulheres e homens. Estas seriam na razão de três para um homem, e as crianças na razão de duas” (BENÍCIO, 1997, p. 267). Essas informações nos provocam a pensar: o que levaria tantas mulheres a acompanhar o peregrino? Em que dimensão suas prédicas, seus

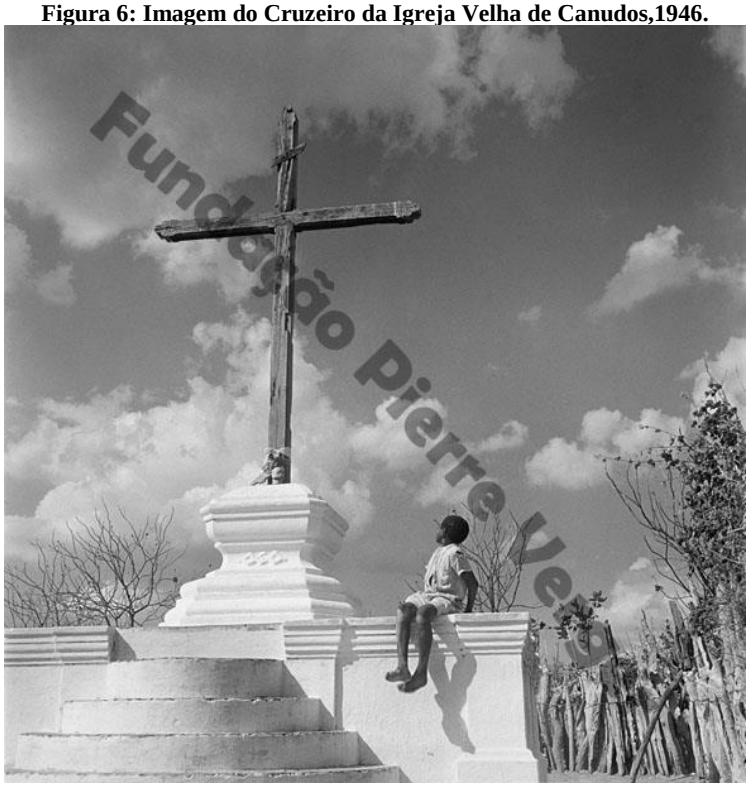
sermões, seus gestos eram importantes para que as mulheres pudessem em sua maioria serem suas adeptas? Porque sabemos pouco sobre a história dessas mulheres?

> Lá dentro, com effeito, o Conselheiro meditava. Pela nave silenciosa, centenas de mulheres e crianças olhavam para o altar, absortas. Os meninos, talvez dominados pela trágica solemnidade do momento, conservavam os olhos abertos, cheios de interrogações, mas não proferiam uma palavra, não emittiam um grito (ARINOS, 1898, p. 385)

O grande número de mulheres e crianças presentes em algumas narrativas em relação ao Belo Monte nos leva a pensar outras questões em torno da figura de Antônio Conselheiro em relação às mulheres e das mulheres em relação ao beato que não reverberam nas escritas sobre a história do Belo Monte, como por exemplo: Quem eram essas mulheres? Se elas eram maioria, significa que não eram todas casadas, seriam viúvas? Eram solteiras? Jovens engravidadas e abandonadas? Eram mulheres renegadas pela igreja e pela sociedade e que eram acolhidas pelo Conselheiro? Seguimos nesse rastro em busca dessas memórias...

1.2 A religão no Belo Monte e as mulheres: entre práticas africanas e indígenas e o catolicismo popular.

Figura 6: Imagem do Cruzeiro da Igreja Velha de Canudos,1946.



Fonte: Fundação Pierre Verger/ Coleção Pierre Verger.

Neste capítulo, fundamentadas no conceito de Religião vivenciada [19] de Robert Orsi, proposto pelo Antropólogo Alejandro Frigério (2018), em seu Artigo sobre a Diversidade Religiosa, de catolicismo popular proposto por autores como Alexandre Othen (1990), Sues (1979), sincretismo e hibridismo (FERRETI, 2014), almejamos compreender a religião no Belo Monte para além da matriz cristã na maioria das vezes norteadora quando se trata desse tema. Para isso, nos debruçaremos sobre como o conceito de Religião construído cientificamente relegou a muitas práticas e saberes populares um lugar marginalizado.

No olhar de Alejandro Frigerio,

> Dessa maneira, nosso estudo da "religião" encontra-se excessivamente focalizado nos grupos, contextos e sistemas de crenças legitimamente (social e academicamente) consagrados como "religiosos" e deixa de fora da análise boa parte da produção "religiosa" que frequentemente não costuma passar por esses grupos ou contextos nem conta com o grau de sistematicidade (teoricamente) requerido, mas que, não obstante, cumpre um papel muito importante na vida das pessoas – especialmente na produção de diversidade religiosa (FRIGERIO, 2018, p.94).

Essa problemática proposta por Frigério (2018), dialoga com o que Greschat vai apresentar sobre a relação dos pesquisadores/as com a religiosidade popular.

> Pesquisadores do ortodoxo, não dão muito valor ao não-ortodoxo, aos grupos marginais que alguns chamam de "seitas", à vanguarda religiosa ou a religiosidade popular. O que há um bom tempo converteu-se em campo de pesquisa ainda é visto de maneira depreciativa por alguns cientistas da religião: são as chamadas novas religiões ou novos movimentos religiosos. Conhecê-los confronta o pesquisador com a vida religiosa pulsante (GRESCHAT, 2005, p. 28).

A partir dessa ideia apresentada por Greschat (2005), em relação a religiosidade popular, podemos a partir da discussão de Frigério (2018) refletir sobre qual conceito de Religião pauta as narrativas referentes ao Belo Monte. Da mesma maneira, enquanto pesquisadores/as podemos também nos provocar a pensar o que teoricamente consideramos Religião e como esse nosso filtro pode relegar as práticas populares, movimentos religiosos, um lugar de marginalização.

Nesse caminho, a categoria catolicismo popular tem se constituído uma possibilidade de compreender o espaço e a dinâmica religiosa no Belo Monte. Porém ainda

[19]Religião Vivenciada termo proposto por Robert Orsi que se refere a prática da religião fora do campo institucional. "*En contraposición con un énfasis excesivamente institucional, focalizado en la actividad de grupos religiosos organizados con una cierta permanencia a través del tiempo, y que se corresponden mayormente con los tipos de iglesia o secta, la idea de religión vivida ha ganado terreno aceleradamente en los últimos años'* (FRIGÉRIO, 2018. p. 73)

assim, no âmbito das pesquisas, ela está ligada ao cristianismo socialmente autorizado. No entanto, mesmo nessas condições tem sido essa categoria que tem orientado os estudos em relação a religião no Belo Monte. Esse termo proposto por Eduardo Honnaert em Formação do Catolicismo Brasileiro (1985) e Em Catolicismo Popular no Brasil de Paul Guenter Suess (1979) vai defini-lo como:

> Em oposição ao catolicismo patriarcal, o catolicismo popular representa uma síntese da herança indigena, africana e portuguesa. Os aldeamentos promovidos pelos jesuítas e os quilombos formados por escravos negros são laboratórios de um sincretismo católico. Propriedades características dessa religião popular são a fé na providência-em oposição a fé no progresso propagada oficialmente-a volta à tradição- ela dá certeza, mas pode ser instrumentalizada facilmente por movimentos tradicionalistas- e um rigorismo moral que aparece na luta contra "as paixões".Esse catolicismo popular já não confere papéis específicos as classes dos "senhores" e dos "escravos", como a religião dos "fugidos" torna-se clara a existência de dois catolicismos, que entre si, são perfeitamente independentes, mas inter-relacionados através do sistema sacramental, que recebe desta forma um duplo significado: um significado oficial, clerical,ortodoxo, e outro extra-oficial popular, supersticioso mas igualmente lógico.Esta ambiguidade de ações externamente comuns- participação nas festas, na veneração dos santos e nos sacramentos-escapa aqueles que também hoje precipitadamente, falam de um catolicismo comum a todos (SUESS, 1979, p. 97).

O catolicismo Popular enquanto categoria contribui no sentido de oferecer um lugar para as práticas religiosas populares, todavia o que Alejandro Frigerio (2018), traz de reflexão em torno dessa categorização é que na maioria das vezes essa religiosidade popular não é considerada Religião, mesmo estando conectada a uma religião socialmente aceita, nesse caso o cristianismo. Um exemplo que se constitui parte desta pesquisa é que conforme as narrativas existentes, a comunidade do Belo Monte era uma comunidade cristã católica, tendo em vista a religião do beato bem como a visita permitida de autoridades da Igreja Católica. Conforme Relatório de Frei João Evangelista de Monte Marciano em visita a comunidade do Belo Monte.

> Exm. e rvm. sr.- Não ignora v. ex. rvma e o exm. e rvm. sr. arcebispo, nas vesperas a sua viagem para a visita ad limina apostolorum, confiou-me a ardua missão de ir ao povoado dos Canudos, freguezia do Cumbe, onde se- estabeleceu o indivíduo conhecido vulgarmente por Antonio Conselheiro, afim de procurar pela pregação da verdade evangclica, e, appellando para os sentimentos da fé catholica que esse indivíduo .diz professar, chamal-o e a seus infelizes asseclas aos deveres de catholicos e de cidadãos, que de todo esqueceram e violam habitualmente com as praticas as mais extravagantes e • condemnaveis, offendendo a religião e perturbando a ordem pública (MARCIANO,1987. p.3)

O Relatório de Frei João Evangelista, reconhece a princípio, o Catolicismo de Antônio Conselheiro, mas ao ler todo o material, vamos perceber que o fato do Beato, não compactuar com a República e ter ritos peculiares, vai fazer com que o veredicto final seja

de que no Belo Monte, há uma seita e que seus/suas habitantes não seguem os ritos propostos pela Religião Católica, mas tem seus rituais específicos, como rezar ladainhas, cultuar santos e o ritual chamado "Beija das Imagens"[20]. Ainda nesse caminho, nas palavras de Mike Davis, em seu trabalho intitulado Holocaustos Coloniais (2002), toda a pregação de Antônio Conselheiro coadunava com as práticas e ritos cristãos, no entanto quando o Beato com seus sermões e ações entra no âmbito da política, é considerado subversivo, Davis (2002).

Nesse sentido, esse modo de expressar e viver a religião conectada com a vida concreta e suas necessidades materiais, não compactua com o que era proposto pela Igreja Instituição[21]. No entanto, o que queremos trazer aqui de contribuição dos estudos de Frigeiro (2018), é que o conceito de religião vivida contribui para que no âmbito da pesquisa, a religião popular, aqui mencionada, em sua diversidade também seja entendida e aceita como Religião.

> Desse modo, se entendemos a religião como "uma rede de relações que envolve os seres humanos com uma série de diferentes seres e poderes supra-humanos", temos uma definição substantiva, bastante minimalista, mas que serve para caracterizar como "religiosos" uma série de comportamentos que não precisam estar legitimados socialmente como tal, nem acontecer dentro de determinados grupos socialmente legitimados como "religiosos", nem nos contextos que esses estipulam como corretos para atividades "religiosas", nem ser propostos por determinado tipo de agente "religioso" (socialmente legitimado). Podemos, então, buscar a religião ou os comportamentos religiosos em uma série de lugares, momentos e contextos que não são os usualmente analisados nos estudos sobre religião, e visualizar, assim, finalmente, boa parte da diversidade religiosa ocultada por nossos preconceitos teóricos (FRIGERIO, 2018, p. 101).

O que almejamos refletir, mais que conhecer a expressão religiosa presente no Belo Monte, é entender e se aprofundar nas narrativas que consideraram essa prática religiosa como um braço da igreja católica, no caso o catolicismo popular, mas que na mesma medida é rejeitada por esta Igreja, sendo por ela mesma denunciada. Vejamos a postura do arcebispado da Bahia em relação ao trabalho de Antônio Conselheiro, narrada por Manoel Benício.

---

[20]Beija das Imagens: Ritual seguido de uma procissão com Santos, onde os/as devotos/as se prostram diante das imagens do Divino Crucificado e da Virgem Maria. (MARCIANO, João Evangelista de Monte, Frei. Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispado da Bahia sobre Antonio Conselheiro e seu séquito no Arraial de Canudos, 1895/ Joao Evangelista de Monte Marciano ; apresentação de José Calasans. ---- Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987.

[21]Igreja Católica Oficial que dispunha de uma estrutura de Padres, Bispos e que se constituía uma instituição de controle das pequenas comunidades religiosas.

> «N. 1—CÓPIA. Palácio Archipiscopal da Bahia, 11 de Junho de 1887. íllm. e Exm. Sr. — Chegando ao meu conhecimento, pela representação de alguns lívidos. Parochos desta Archidiocese, que o individuo de nome António Vicente Mendes Maciel, conhecido nas populações pelo nome de António Conselheiro, tem pregado doutrinas subversivas, fazendo iam grande mal á religião ao estado, distrahindo o povo de suas occupações e arrastando-os após si , procurando convencer de que o Espirito Santo, insurgindo-se contra as autoridades constituídas, as quaes não obedece e manda desobedecer, apresso-me em dar de tudo isto sciencia a S. Eva. para que se digne providenciar da fornia que melhor entender. Reitero a V. Exa. os meus protestos de alta estima e consideração.— 111. o ExmSr. Conselheiro João Capistrano Bandeira de Mello, M. D. presidente da província. (Assignado) Luiz, arcebispo da Bahia.»(BENICIO, 1997, pp. 48-49).

Partindo da premissa de que havia, conforme o exposto acima, uma religião oficial, que desautorizava a religião praticada no Belo Monte é que, nos propomos a aprofundar na compreensão de como essa religião, se reconfigura a partir desse contexto de marginalização.

1.2.1 A presença de Elementos Africanos e Indígenas

Falar de elementos africanos e indígenas mesclados a práticas cristãs nos coloca frente ao debate sobre sincretismo [22] que segundo Ferreti (2014) tem provocado muitas controvérsias. Muitos pesquisadores votam pelo sincretismo, outros pelo conceito mais moderno chamado hibridismo [23]. Aqui, optamos pelo sincretismo. Segundo o autor o sincretismo em sua perspectiva Histórica.

> Entre as décadas de 1950 e 1970, Roger Bastide foi o autor mais conhecido e que mais publicou no campo dos estudos afro-brasileiros, interessando-se mais pela preservação da pureza que julgava existir no candomblé baiano, em oposição à desintegração e à mistura que considerava encontrar na macumba e na umbanda. Em diversos trabalhos Bastide (1971), refere-se ao sincretismo, que substitui pelo conceito de interpenetração de civilizações. Por influência de seus trabalhos, e por outros fatores, estudiosos das religiões afro-brasileiras abandonaram o interesse pelo sincretismo, passando a valorizar a denominada pureza africana, ou a tendência a valorizar grupos religiosos considerados mais tradicionais, puros e não sincréticos ou continuadores de tradições africanas. Paralelamente ao relativo abandono do termo pelos pesquisadores, o conceito de sincretismo foi criticado e rejeitado por líderes religiosos afro-baianos em meados da década de 1980 (FERRETI, 2014. p. 17).

Conforme o autor, o sincretismo enquanto conceito para entender a diversidade de elementos que compunham as religiões, foi duramente rechaçado por algumas lideranças

[22] Sincretismo: sincretismo é a combinação de elementos de duas ou mais tradições religiosas diferentes dentro de uma estrutura específica (FERRETI, 2014, p.20).

[23] Hibridismo: hibridismo se relaciona com a ideia de circularidade cultural e com termos ou ideias como empréstimo cultural, crioulização, imitação, mistura, tradução cultural, e outros. Apesar de existirem demasiados termos e conceitos, parece-lhe que precisamos de um rico vocabulário neste domínio pela variedade de situações e contextos em que ocorrem os encontros culturais (FERRETI, 2014. p. 23) ao Citar o autor Peter Burke quando discute Hibridismo.

de religiões de matriz-africana em alguns estados e mais especificamente em Salvador, que ao longo de seus processos de luta caminharam para a reafricanização.

> Em outro trabalho Consorte (2010), comenta a presença e permanência do sincretismo no candomblé, apesar do Manifesto de 1983 de ialorixás baianas contra o mesmo. Consta que o sincretismo continua presente em muitos terreiros tradicionais da Bahia, tendo em vista que o catolicismo foi incorporado como estratégia de inserção do negro em nossa sociedade e, por isso, não é apenas um disfarce descartável. Considera, entretanto, que o antissincretismo é parte da tomada de consciência da opressão e da exclusão do negro e ganhou espaço em terreiros de Salvador e de outros Estados. Tornou-se conhecido como reafricanização, como signo da luta do negro contra a exclusão, embora permaneça o estigma contra as religiões afro-brasileiras, acentuado hoje, sobretudo, pela intolerância das religiões neopentecostais (FERRETI, 2014, p. 18).

Entende-se a partir desse argumento que houve uma necessidade de luta das comunidades de terreiro para manter suas tradições frente a muitas situações de preconceito e violência e que por isso torna-se importante a defesa de sua tradição e o retorno a suas raízes, nesse caso África, ou reafricanização como coloca o autor. Todavia, nesse caso específico em que analisamos os aspectos religiosos no Belo Monte, há evidências de uma "mistura de elementos', tanto cristãos católicos quanto africanos e indígenas, os quais nos levaram a buscar na categoria sincretismo uma possibilidade de entender esse universo".

Nesse sentido o debate que gira em torno da pureza das religiões não cabe nesta pesquisa, uma vez que nos deparamos com um contexto totalmente plural, onde muitos ritos e símbolos se misturam e convivem entre si.

Ainda nas palavras de Ferreti:

> Para Stewart (2005), na teoria social contemporânea, processos como globalização, migração e formação de diásporas são temas de grande interesse. Neste campo, a palavra sincretismo reaparece vinculada a conceitos como hibridação cultural e crioulização, como meios de capturar a dinâmica do processo global atual. Lembra que a ideia de pureza cultural se tornou totalmente suspeita na antropologia e acarreta a premissa de que não há tradições religiosas puras. Todas as religiões inovam e forjam novas formas híbridas. Afirma que, numa definição geral, sincretismo é a combinação de elementos de duas ou mais tradições religiosas diferentes dentro de uma estrutura específica (FERRETI, 2014, p. 20).

Nas palavras de Pierre Sanchis, em seu artigo sobre a Religião dos Brasileiros (1997) a não pureza de práticas religiosas, faz parte da própria constituição do povo brasileiro:

> Três etapas assim grosseiramente indicadas, mas que bastam para mostrar que o mundo religioso afro no Brasil, não constitui somente permanência, cópia ou repetição. Também ele vive, recria-se constantemente, dinâmica e conflitualmente, segundo uma linha de representação indenitária que algumas vezes o faz reivindicar a autenticidade dos fundamentos de sua tradição, outras vezes o joga nos caminhos da assimilação de outras influências, latentes ou ativamente presentes no espaço religioso do Brasil. Entre essas influências, sem dúvida, a influência cristã, e especificamente católica. Impossível- de fato, não de direito, pelo menos de direito auto-proclamado-pensar o mundo afro no Brasil como puramente africano ("Pureza é perigo" diz antropóloga inglesa). (SANCHIS, 1997. p. 31).

No olhar de Sanchis, não é possível no Brasil, existir uma prática religiosa pura. Muitas questões podem ser levantadas em torno dessa opinião, porém aqui nesse trabalho, por mais que houvesse um desejo de separar as práticas indígenas e africanas, do contexto cristão, não foi isso que as fontes mostraram. Por mais que se desejasse, em muitos momentos de leitura percebemos ritos africanos e indígenas mesclados ao catolicismo, que era o que mais prevalecia. Ainda nas palavras de Sanchis, a imposição do catolicismo se manteve de maneira imperiosa, "Sabe-se como o catolicismo foi identificado juridicamente com a entidade Brasil, desde o início da colonização pelas autoridades políticas, que necessitavam de um cimento social para o empreendimento colonial" (Ibidem, p. 29).

Reconhecer o catolicismo como religião oficial, aliada ao poder instituído nos coloca diante de um contexto que é importante para entendermos o processo de colonização, mas ao mesmo tempo nos leva a refletir também sobre como os povos reagiram diante desse processo.

Nesse sentido trazer as experiências religiosas da comunidade do Belo monte, em sua maioria de ascendência africanos/a e indígena, nos permite repensar a lente a qual olhamos para esses sujeitos/as e quais conceitos se aproximam desse contexto. O conceito de hibridismo contribui também para entender aquele contexto uma vez que a "mistura" aconteceu em um cenário em que sobreviver era necessário. Segundo Ferreti, "Hibridismo cultural é um conceito antigo desenvolvido e utilizado, sobretudo por teóricos da pós-modernidade" (FERRETI, 2014, p. 21). No entanto ainda segundo o autor, variedades de termos foram usadas para falar de hibridismo.

> Nestor Canclini (1997), em fins da década de 1980, foi dos primeiros a discutir o hibridismo do ponto de vista político. Canclini (1997) prefere o termo hibridação, pois considera que sincretismo se refere principalmente a fusões religiosas ou movimentos simbólicos tradicionais, e mestiçagem se relaciona com mesclas raciais (Ibidem, p. 22).

Podemos por meio desse debate entre sincretismo e hibridismo entender que talvez caiba nesse universo religioso do Belo Monte o sincretismo como perspectiva de análise,

contudo a hibridação também pode acompanhar esse processo tendo em vista que os povos em suas etnias se misturaram nesse processo de luta pela terra. O que gestou essa mescla de ritos, ainda que com forte presença católica, mas com fortes características sincréticas.

O que buscamos nesta pesquisa é uma tentativa de que as narrativas referentes ao universo religioso do Belo Monte, digno de muitas análises, seja visto não apenas pela lente cristã católica, mas que seja também analisado com base na presença africana e indígena presentes no Arraial e que essas práticas sejam reconhecidas como Religião e não consideradas práticas inferiores ou fetichistas, sempre tendo como base o pressuposto europeu-cristão-civilizado.

Entendendo a importância e a busca nesse trabalho de recolher nas narrativas elementos dos saberes africanos e indígenas no Belo Monte é que nos colocamos no caminho de entender como esses/ os atores/atrizes construíram esse espaço religioso para além das práticas cristãs. Muitos relatos da narrativa de Manoel Benício vão trazer elementos de origem africana presente no cotidiano do Belo Monte. Como, por exemplo a presença de Pai Cabungá que foi ajudante de Manoel Quadrado na cura dos doentes. (BENÍCIO, 1997). Porém é no diálogo entre Pai Cabungá e João Abade que vamos notar a presença de ritos de ascendência africana.

> *_ Pai Cabungá, você tem alguma cousa daquela que deu a Sinhorinha para dormir?*
> *-Nho´s, sim ,meu senhor,porém que se beba,não que se coma..*
> *-serve.*
> *O velho africano olhou para elle com os olhinhos encovados e escuros com o abysmo e deu uma risadinha.*
> *-Hê!hê!hê!* (BENÍCIO, 1997, p. 345).

E seguimos com outro relato:

> *A paixão da moça crescera a ponto della procurar o padrinho-Manoel Quadrado- e pedir um feitiço para comover o amante. Quadrado dera-lhe um patuá que ella devia conseguir que o moço o trouxesse. De facto, offerecéra-lhe no dia da pegado chimárrão, dizendo que era um preservativo contra desgraças.* (BENICIO, 1997, p. 134).

Dá atenção a esse fato é parte de um filtro de como se olha os acontecimentos. O que se busca, o que move o olhar. Nesse trajeto, a busca por entender esses universos nos levou a pesquisar mais sobre os diversos saberes de ascendência africana e indígena presentes no Belo Monte. Ressalta-se aqui que Manoel Quadrado era Pajé dos Índios Tuxá de Rodelas (MASCARENHAS, 1995).

No caso das chamadas “Bolsas de Mandinga”, os patuás, os amuletos, eram usados já por africanos escravizados, e acreditava-se proteger de algum mal, assim como atrair pessoas.

> Contendo papéis com versículos do Alcorão e signos de Salomão e usadas no pescoço desde os malinkes ou mandingas, ao serem difundidas pelos escravos bantos calunduzeiros na América portuguesa elas se transformaram. “Em geral, eram feitas de pano, quase sempre branco, e continham obrigatoriamente pedaços ou cacos de pedra d’ara (o pedaço de mármore do altar em cujo orifício os padres consagram a hóstia e o vinho) e pequenas tiras de papel cheias de figuras e letras.” As bolsas de mandinga coloniais possuíam ainda “pedra de corisco, olho de gato, enxofre, pólvora, balas de chumbo, vinténs de prata e pedaços de osso de defunto. Quanto aos papéis, podiam ter as figuras e letras escritas com sangue de frango branco ou preto e, ainda, com sangue do próprio portador da bolsa. Não raro se escrevia a oração de São Marcos” (BERTOLOSSI, 2006, p. 6).

Os rituais de feitiços, bebidas que curavam patuás para várias finalidades aconteciam no cotidiano do Belo Monte, de maneira que precisam ser levados em consideração quando se estuda a religião no Arraial. As orações, as ladainhas, a reza do terço, as devoções aos santos também estavam presentes. O que suspeitamos é que essas práticas mescladas aos ritos cristãos ganham uma invisibilidade sendo que na maioria das narrativas o centro é a matriz cristã.

Propomos-nos aqui a entender esse espaço religioso a partir da constituição de seu povo. E como já foi colocado aqui, a maior parte do séquito de Conselheiro, logo de início foram as mulheres, (BENICIO, 1997), seguidos de negros/as, que com a abolição da escravatura, não tinham como viver longe das asas de seus/suas senhores/as. Quem vai referendar isso é a autora Beatriz Nascimento em seu artigo sobre o Movimento Conselheirista e o abolicionismo.

> Ao levantarmos os dados demográficos do Recenseamento Geral do Brasil em 1872, constatamos que nos 11 municipios da Bahia onde a partir de 1874, Antonio Conselheiro recrutava seus adeptos, existe uma população de 102.789 pessoas pardas e pretas livres, para 36.118 brancos. Isso dá uma proporção de aproximadamente 60% de homens e mulheres pardos e pretos já com vínculos cortados com a escravidão. Por outro lado, a população escrava desses municípios é de aproximadamente 17.000 homens e mulheres pardos e pretos o que nos proporciona a visão de tanto livre quanto de maioria de negros. (NASCIMENTO, 1997, p. 263).

A partir desse dado, vamos percebendo que esse grupo que construiu o Belo Monte somado aos povos indígenas que também estiveram presentes no Arraial levou consigo também seus saberes e suas práticas religiosas. No caso dos povos indígenas, conforme Maria Lúcia Mascarenhas houve uma adaptação do bendito para o cotidiano indígena: “cantavam muitos benditos da igreja mesmo. É também oração para Deus. Os índios

tinham as rezas deles, “imitando o santo ofício, mas é de índio: bendito de paca, louvado o tatu, amém teiú, amém teiú, para sempre cutia, para sempre caititu, amém”. Durante a guerra era rezando e caindo na bala (MASCARENHAS, 1995, p. 64).

É notável a partir das poucas informações a mescla de ritos entre os grupos que habitaram o Belo Monte. Podemos chamar de sincretismo ou de hibridização, mas além de reconhecer essa estratégia de sobrevivência, nos colocamos no lugar de tencionar o lugar cristão de onde parte a narrativa quando se refere a religião no Belo Monte. A proposta é contribuir com as pesquisas referentes à religião no Belo Monte, trazendo outros elementos que se olharmos na perspectiva negra e indígena podemos encontrar outras formas de saberes que fogem ao mundo cristão católico e que também construíram aquele espaço religioso. O que queremos com isso? Não é inaugurar nada, até porque uma pesquisa nasce também de caminhos já trilhados, mas trazer a multiplicidade de veredas que podem ser trilhadas quando se trata da religião no Belo Monte, apontando que a imensa possibilidade de olhares produz narrativas distintas e que isso nos faz valorizar muitas vozes e fatos que foram de alguns maneiros silenciados.

1.3 As Mulheres E A Religião

As mulheres a rezar o dia inteiro
Outras no tecido de fiar algodão
Os homens a tombar pedras dos montes
Outros de se embrenhavam no sertão...
(CALASANS,1984, pp. 75-76).

O estudo das mulheres no campo da religião, no que tange ao feminismo como proposta analítica se constitui uma arena ainda muito desafiadora, tendo em vista o discurso de secularização construído em torno da religião, que enquanto prática, fez e faz parte do cotidiano de muitas mulheres (NUNES,2001). Só com inúmeras pesquisas e idas a campo é que no olhar de Maria José Rosado Nunes:

> Posteriormente, o desenvolvimento de pesquisas de caráter acadêmico, mais analíticas e com bases empíricas, aplicaram ao domínio das religiões, conceitos e métodos de pesquisa feministas. Foi possível assim, avaliar a complexidade das relações existentes no interior do campo religioso. Desvendaram-se os laços ambíguos e contraditórios das mulheres às religiões e destas às mulheres, no interior das organizações religiosas. A observação empírica mostrou as religiões como espaços sociais complexos, portadores de contradições, que não funcionam sempre e em todas as sociedades como forças conservadoras (ROSADO, 2001, pp.86-87).

A complexidade do espaço religioso e o discurso da religião como lugar de opressão restringiu o olhar em torno das experiências das mulheres. O que queremos construir aqui de argumento é a possibilidade de olhar para a experiência religiosa das mulheres para além das categorias limitadoras que atribuem a esse lugar o estigma de conservador, de atrasado ou como reprodutor de subordinação. Não se objetiva defender esse espaço como confortável para as mulheres, mas entender as ambiguidades e contradições que o constroem.

Pautando-nos estudos das feministas da religião, que se propõem a interrogá-la a partir da categoria de gênero é que questionamos padrões estabelecidos que passam pela narrativa hegemônica e enquadram as mulheres na noção de sujeito universal invizibilizando as especificidades, como também suas experiências de sobrevivência e ressignificação em espaços religiosos.

A noção de sujeito universal, que Silvana Aparecida Mariano coloca é criticada por Judith Buttler pois elimina as mulheres e ao mesmo tempo, desconsidera as especificidades que atravessam os seus corpos. Nas palavras de Mariano,

> As tentativas das feministas para construir um sujeito político feminista universal, buscando uma base comum entre as mulheres, receberam críticas das feministas negras e latino-americanas, das feministas dos países de Terceiro Mundo e das ex-colônias e das feministas lésbicas. Trata-se da crítica ao feminismo branco ou dominante, colocando em questão 'o que é ser mulher' e denunciando que a unidade entre as mulheres também é excludente, opressora e dominante. Coloca-se em questão, portanto, as discussões sobre identidade. Esse não é só um problema político; é também um problema teórico (MARIANO, 2005, p. 489).

Pontuar essa dimensão de universalização das mulheres se torna importante no sentido de localizar antes de tudo, as mulheres das quais estamos falando e sua maneira de se relacionar com o espaço religioso específico, como um lugar que produz significados e sentido. Para entrar nesse campo nosso aporte será o conceito de agência, que conforme Maria José Magalhães,

> Agência, pois, poderá ser um termo reservado para a acção humana, na sua versão reflectida e informada de intencionalidade ideológica e política no sentido de "intervir",no mundo em ordem a sua transformação e para a extensão da democracia a todos os grupos (MAGALHÃES, pp. 192-2002).

A noção de agência feminista, problematizada pela escritora Saba Mamhood em sua pesquisa sobre o Movimento Feminino de Mesquitas, nos coloca frente a como as mulheres agem em um determinado contexto, frente a subordinação e ao patriarcado, porém essa forma de ação muitas vezes está fora do que institucionalizou como ação

legítima, dentro da luta das mulheres. Nesse sentido, a maneira de alguns grupos de mulheres reagirem a opressão tem uma peculiaridade que destoa do que já está proposto como modo de resistência. De acordo com a autora, a sua pesquisa provocou muitas reflexões em torno da agência feminista,

> Tendo em conta que o feminismo é um projeto politicamente prescritivo, ele requer a recomposição das sensibilidades e compromissos das mulheres cujas vidas contrastam com as visões emancipatórias feministas. Muitas das feministas que decerto se oporiam ao uso de força militar não teriam dificuldade em apoiar projetos de reforma social destinados a transformar os laços, compromissos e sensibilidades que orientam as práticas de mulheres como aquelas com quem trabalhei, e assim facultar-lhes uma vida mais iluminada. De facto, a minha própria história de envolvimento na política feminista é prova de uma crença inquebrantável em projetos de reforma destinados a descrever determinadas formas de vida como provisórias, se não mesmo extintas. No entanto, acabei por me questionar – e desafio o leitor com a mesma pergunta: as minhas visões políticas concorrem alguma vez contra a responsabilidade que eu assumo pela destruição de formas de vida de forma a que mulheres "não esclarecidas" possam ser ensinadas a viver mais livremente? Será que um conhecimento íntimo de estilos de vida distintos do meu questiona a minha própria certeza sobre aquilo que prescrevo para os outros como sendo um modo de vida superior? (MAMHOOD, 2019, p. 169).

A escolha de trabalhar a partir da perspectiva de Saba Mahmood, se dá no sentido de construir um olhar para entender o universo religioso das mulheres do Belo Monte, fundamentadas nos aportes teóricos que os estudos de gênero por meio do feminismo nos dão para a compreensão de relações, mas também nos permitindo olhar além, para um universo que além de cronologicamente distante é repleto de complexidades, as quais podem nos questionar acerca das nossas certezas encerradas em conceitos e categorias.

A dinâmica do Belo monte, se dava em uma dimensão religiosa, de maneira que toda a comunidade acessava esse universo. Na escrita de Afonso Arinos encontramos a atuação de mulheres e crianças: "*Nas obras de defesa, mulheres e crianças poderiam trabalhar também, do mesmo modo que trabalharam para a construcção da egreja nova".* (ARINOS, 1898, pp. 236-237).

Questionar-nos sobre a relação das mulheres do Belo Monte com espaço religioso, vem justamente na direção de entender qual dimensão tais práticas ocupam na vida desse grupo, entendendo o problema da invisibilidade das mulheres na história de maneira geral.

Nesse sentido, queremos nos centrar na vida das mulheres e o âmbito religioso, provocação que emergiu da leitura da introdução da obra: *Women and Religion in the*

African Diaspora[24] (2006) que trata das mulheres e a religião na diáspora africana e américana e que nos provoca a pensar sobre a experiência religiosa tendo como base a categoria de gênero. Lançamos-nos no desafio de buscar entender como as mulheres utilizam o universo religioso, de que maneira as relações se davam e de que maneira elas construíam seu lugar de existência. Essa leitura nos provoca a fazer uma reflexão em torno do termo Religião e sua ambiguidade. Ou conforme proposto por Geertz em seu texto: O futuro das *Religiões* (2006), A importância da religião como componente das mudanças sociais, e não mais considerada simplesmente como obstáculo a essas mudanças, nem como voz, obstinada e condenada, da tradição, faz da época atual um momento especialmente gratificante para a espécie de pesquisa que acabo de evocar (GEERTZ, 2006, s/p).

A religião interrogada pelo feminismo pode nos fazer cair na armadilha de entender esse lugar apenas como lugar de subordinação, todavia, esse mesmo campo pode sinalizar também espaço de ressignificação ou nas palavras de Saba Mahmood, lugar de recriação de novas maneiras de sobreviver a uma determinada opressão,

> De forma a poder analisar a participação das mulheres em movimentos religiosos como o movimento das mesquitas egípcio que estou a descrever, sugiro que pensemos na agência não como um sinónimo de resistência em relações de dominação, mas sim como uma capacidade para a ação criada e propiciada por relações concretas de subordinação historicamente configuradas. Este entendimento relativamente abrangente de agência inspira-se na teoria pós-estruturalista da formação do sujeito, mas também se afasta dela, no sentido em que exploro modalidades de agência cujo significado e efeito não se encontram nas lógicas de subversão e ressignificação de normas hegemónicas. (MAHMOOD, 2019, pp. 138-139).

Nesse sntido queremos aqui nos lançar no desafio de olhar para o espaço religioso das mulheres nos permitindo entender além do que já está proposto como modelo de resistência a espaços de subordinação e nos permitir uma lente que transcenda as pré-noções, ou mesmo o padrão de pensamento relacionado aos papéis de gênero, ainda no raciocínio de Mahamood,

> Apesar de esta abordagem ter sido extremamente produtiva na complexificação do modelo "opressor/oprimido" das relações de género, do meu ponto de vista este enquadramento não só continua carregado com os termos binários de resistência e subordinação, mas também é insuficiente na atenção às motivações, desejos e objetivos que não são necessariamente captados por esses termos. (MAHAMOOD, 2019. p. 143).

[24]Women and Religion in the African Diaspora. Knowledge, Power, and Performance/R. Marie Griffith/Barbara Dianne Savage (2006).

O que Mahmood propõe em sua pesquisa e que merece uma reflexão cuidadosa é pensar as ferramentas que temos e usamos do ponto de vista do método para observar um contexto ao qual já vem sendo delineado a um olhar que reduz experiências que não se enquadram nas categorias já propostas. Ainda seguindo na reflexão de Mahamood,

> Mesmo reconhecendo que esse tipo de análise é exequível e útil em determinados contextos, argumentarei, no entanto, que ele permanece ainda ensombrado pelos termos binários da resistência e subordinação, ignorando projetos, discursos e vontades que não são captados por esta terminologia, tais como aqueles expressados pelas mulheres com quem trabalhei (MAHAMOOD, 2019. p.148).

Poder trazer aqui a história da vida religiosa das mulheres do Belo Monte torna-se importante no sentido de refletir sua maneira de viver a religião. Tê-las no centro da pesquisa, possibilita recuperar seus atos cotidianos como mantenedores da fé e do ritual da comunidade. Por meio da leitura de muitos textos sobre o Belo Monte, em muitos deles, nota-se a relação das mulheres e a manutenção deste espaço, como por exemplo, as beatas que estavam cuidavam do santuário e que também cozinhavam e lavavam as roupas de Antônio Conselheiro,

> *Pela rua acima, uma das mulheres começou a cantar o Bemdito, como se entoasse trovas de amor aos maguados gemidos da viola. A' branda claridade da noite estrellada, as vozes espalharam-se compassadamente, elevando aos céos os louvores de Deus : Meu Deus e Senhor Que nos dominais, Dos anjos e homens Bemdtto sejais ! Vós, como pão vivo, Nos alimentais: P'ra sempre e sem fim Bemdito sejais I Em nossas fraquezas, Vós nos confortais: Agora e p'ra sempre Bemdito sejais ! Em nossos trabalhos Allivio nos dais: SoVrano Senhor, Bemdito sejais 1 Em nossas tristezas Vós nos alegrais : O' meu Salvador, Bemdito sejais! Em nossas misérias Remédio nos dais: Por vossa grandeza Bemdito sejais l E os versos continuaram ainda e o canto. As portas das casas appareciam mais pessoas, que uniam suas vozes áquelle coro. Pouco depois, de Bello Monte mergulhada na sombra, não se ouvia outro som senão o do canto do Bemdito.* (ARINOS, 1898, p. 239).

A presença das mulheres na produção e manutenção do espaço religioso do Belo Monte, está presente em algumas narrativas. A produção das roupas da Guarda Católica que protegia a cidade e Antônio Conselheiro era uma atividade realizada pelas mulheres. "As mulheres trabalhavam constantemente em fazer e enfeitar os gorros azues para os novos guardas. Os homens, bem armados, passeavam por todos os pontos da cidade e se reuniam na praça, pelas horas da tarde, a fim de fazer exercícios e dar descargas, ao mando de João Abbade, o chefe do povo, conforme lhe chamavam" (ARINOS, 1898, p.240)

Além das questões mais concretas, as mulheres também se colocavam em relação ao que pensavam da guerra e a religião se tornava um meio para entender as próprias

complexidades vividas em torno de um ideal. A figura de Tia Joana, denota a maneira com a qual algumas mulheres viviam a religião,

> *Ella nunca pudera comprehender as causas que arrojam uns contra outros os homens, numa sanha de entre-devoramento; não attingira o movei que, tendo o nome de defesa, de dignidade offendida, de brios conculcados, exige repulsas violentas. Para ella, todas as luct«s, ainda as que a todos parecem mais justas eram artes do demônio, quando se feriam p-las armas e se banhavam em sangue. Para ella, Deus nunca mandou matar, nem mesmo os passarinhos. Agora, envolvida pela guerra, justamente no logar onde fora procurar a paz de Nosso Senhor, tia Joanna padecia tanto nas horas ruidosas do dia, como no meio do silencio das noites, povoadas de tristes reminiscencias do passado e de mais tristes previsões do futuro.* (ARINOS. 1898, p. 272).

Os questionamentos de Tia Joana, mesmo que nunca compartilhados, apontam para a reflexão de que ela não estava alheia ao processo e que no seu micro espaço cotidiano produzia por meio dos ritos, um sentido para a sua permanência no Belo Monte e a defesa do ideal.

> Emquanto a velha orava pela paz e pelo amor entre os homens, lá nas terras * distantes os instrumentos da morte se preparavam e por cá outros instrumentos se dispunham a cooperar com aquelles no morticínio. (Ibidem, p. 273).

A criação e recriação do espaço religioso produzido pelas mulheres de alguma maneira orientam suas vidas em uma perspectiva de sobrevivência perante um sistema que oprime e exclui. Esses fatos questionam as narrativas da religião, praticada no Belo Monte, que pautada nas prédicas de Antônio conselheiro, exclui as mulheres como também as construtoras e produtoras desse espaço**.** A presença de Chica do Rosário revela a manutenção dos saberes das mulheres colocadas a serviço da comunidade,

> *Vamos ver em que deram as constantes intrigas de sá Chica do Rosário. Ah ! enredadeira do inferno ! Não havia pessoa mais melliflua e ao mesmo tempo mais venenosa do que sá Chica. Naquella alma tenebrosa havia muita cousa de Tartufo, como de lago, mas havia mais ainda, porque a maldade daquella mulher não tinha objectivo, não visava lucro, ou melhor ia de condição. Fazia o mal pelo mal Entretanto, que doçura, que blandicias mostrava ella de vez em quando. Era tão insinuante e persuasiva, que soubera conquistar fundas amizades. Faze a cama e deita-te a dormir—Fo i o que ella fez. Eram poucos os que lhe conheciam o caracter. A maioria da gente de Bello Monte devia-lhe favores, porque—valha a verdade - ninguém tão prestimosa como ella. Boa parteira, levantava-se a qualquer hora da noite para assistir uma coitadinha. Sabia vestir os anjinhos, fazia quarto aos mortos, com paciência e caridade, era enfermeira que não recebia um vintém para trabalhar dia e noite junto de um desgraçado; conhecia chás de effeito immediato, benzia erysipelas e cachumbas : era um thesouro, uma providencia e um demônio* (ARINOS,1898, p. 298).

A vida religiosa das mulheres, além das práticas que realizavam e dessa maneira as mantinham vivas, aponta para a possibilidade de construção de novas relações e de uma força que recriava espaços de convivência e negociação, se constituindo um lugar de protagonismo e de troca de saberes.

Nesse sentido, quando se trata da religião e as mulheres estamos buscando rememorar esse caminho feito por elas, como sujeitos, que por serem sustentadores de saberes e memórias puderam manter e preservar a fé nos ideais que construíram o Belo Monte.

No Capítulo 1, discorremos sobre o Belo Monte do ponto de vista histórico e geográfico, mostrando um pouco de sua constituição. Seguimos com uma explanação sobre a história do Belo Monte na literatura oficial e nas pesquisas recentes, ressaltando a força da visão euclidiana e as novas perspectivas de análises. Ressaltamos a importância de olhar a história do Belo Monte na ótica de gênero, dessa forma, construímos algumas reflexões em torno da relação de Antônio Conselheiro e as mulheres, bem como de sua própria história de vida desde o Ceará até o Belo Monte. Neste capítulo também, provocamos uma discussão sobre as práticas religiosas no Belo Monte, sua herança africana e indígena e a relação das mulheres com a religião como mantenedoras da memória religiosa da comunidade.

CAPÍTULO 2- QUEBRANDO O SILÊNCIO: A MEMÓRIA DAS MULHERES NA HISTÓRIA DO BELO MONTE.

As mulheres de Canudos
Guerreiam com água quente
Os meninos com pedradas
Fazem voltar muita gente
(CALASANS, 1952. p.11)

Neste capítulo, abordaremos os diversos espaços em que as mulheres do Belo Monte resistiram suas histórias, seus nomes e alguns relatos encontrados na bibliografia já escrita sobre o tema, bem como, a diversidade de mulheres que habitaram o Arraial.

Parafraseando Conceição Evaristo, essa escrita busca ser 'o eco das vidas irmãs marginalizadas'. Tocar a história do Belo Monte nesses tempos é mais que uma tarefa de uma pesquisadora iniciante que findará seu ciclo em uma dissertação, se constitui como uma poderosa possiblidade de rememorar as personagens, suas histórias, lutas, projetos e sonhos de uma sociedade justa e igualitária, a partir de outra perspectiva, além de ser uma inspiração para as lutas que se fazem necessária. Digo isto, pois, ser uma mulher negra, nascida em Uauá, lugar onde aconteceu a primeira batalha da guerra, a responsável pela construção de outra narrativa acerca das mulheres do Belo Monte, faz toda diferença, quando por muito tempo a história foi em sua maior parte contada por homens a serviço da classe dominante. Essa fala se fundamenta no que Donna Haraway vai chamar de "saber localizado", aquele que nasce da visão de um lugar particular (HARAWAY, 1995). Essa narrativa nasce também de um lugar de fala, categoria essa, trazida por Djamila Ribeiro, em sua obra explicitada sob a perspectiva do Feminismo negro:

> Nossa hipótese é a de que, a partir da teoria do ponto de vista feminista, é possível falar de lugar de fala. Ao reivindicar os diferentes pontos de análises e afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem o propõe, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica (RIBEIRO, 2019. p. 59).

A partir do que traz Djamila Ribeiro, esse lugar de fala, que vem sendo recentemente reivindicado na história das mulheres, especificamente das mulheres negras e indígenas irá percorrer todo esse trabalho, tendo em vista o silenciamento das mulheres do Belo Monte.

É importante que aqui, nos coloquemos em relação ao que entendemos por silenciamento e o que buscamos ao usar essa categoria, para entender as relações de gênero quando analisamos a história do Belo Monte.

> O silenciamento, é de outra ordem, parece ser uma ação sobre o outro, portanto, uma estratégia para impor o silêncio, que, em se tratando de correlações de força, pode obter êxito ou não. Compreendendo o silenciamento como uma estratégia disciplinar, sabe-se das resistências que atuam nos jogos de poder, que podem operar no rompimento dos silêncios ou na submissão ao silenciador (MATTOS, 2011, p.3).

Nesse sentido, trabalharemos aqui com a categoria silenciamento, como algo que foi imposto as mulheres do Belo Monte, por meio de narrativas que as invizibilizaram, mas que este mesmo contexto grita, nos provocando a pensar quem em diversos momentos, houve um silêncio intencional, quando se tratava de ser obrigada a dar um "salve a república". Muitas mulheres, foram degoladas porque silenciaram e outras porque falaram, subverteram o lugar de inferioridade e submissão que lhes foi atribuído. Referimos-nos aqui a professora Macôtas, a qual abre este trabalho com um forte discurso em defesa do Belo monte e que após proferir esse discurso, foi degolada.

Dentro disso, uma das funções desta pesquisa é através da releitura das narrativas já existentes, que confrontadas com as entrevistas as descendentes de conselheiristas possam questionar a ausência das mulheres nas narrativas construídas sobre a história do Belo Monte. Na linha de pensamento sobre memória já trazida por Halbawacs (1990) é por meio da memória coletiva que se recupera um passado que correria o risco de morrer ou permanecer desconhecido. Nesse sentido, nos propomos a resgatar através da revisão bibliográfica e de entrevistas as descendentes de conselheiristas, essa história, daquelas que não sabemos os nomes, daquelas colocadas como vencidas pela narrativa dominante. (CALASANS, 1997).

Quem são e quem foram estas mulheres? Onde elas estão?

2.1. Os diversos espaços de recriação feminina no Belo Monte

O governo da Bahia
Com Histórias traiçoeiras
Disse a Moreira César
Canudos é uma asneira
Lá só tem duzentos homens
E umas velhas rezadeiras.
(CALASANS, 1984, p.30).

Com essa citação da poesia popular abrimos este capítulo, para dizer que elas existiram e que vão muito além de “umas”, elas foram muitas e quiçá pudéssemos conclamar a todas para ser voz neste trabalho.

Há muitos textos sobre o Belo monte, ou Canudos como é também chamado o Arraial que sofreu um dos mais sangrentos ataques da história do Brasil. Aqui nos ocuparemos de usar, quando nos referirmos ao Arraial, a designação “Belo Monte”, como já explicado no início desse trabalho, nomeado por Antônio Conselheiro, na perspectiva de relembrar o que foi esse projeto de sociedade. Como fomos trazendo ao longo do texto, algumas narrativas sobre o Belo Monte, apresentam a história de mulheres, mas de maneira geral, as análises feitas em relação ao Arraial não se ocupam deste assunto, provocando uma invisibilidade e uma falta de materiais em relação a esse grupo, o que pode se constituir neste trabalho uma grande lacuna, visto que, existem poucos materiais e registros ocasionando uma dificuldade na construção desta pesquisa.

Figura 7: 400 jagunços prisioneiros

Fonte: Flavio de Barros. 2 de outubro de 1897[25].

Em busca destas mulheres, as rezadeiras, beatas, as parteiras, as que pegaram em armas é que vamos investigando além da literatura popular, jornais, livros, também

[25]Canudos, Bahia / Acervo Museu da República / Imagem recuperada digitalmente pelo Instituto Moreira Salles.

imagens, e em uma delas, de Flávio de Barros, fotógrafo baiano, designado pelo governo para registrar imagens do fim do massacre, percebe-se a grande quantidade de mulheres sobreviventes, que se tornaram prisioneiras do exército. Nota-se, além disso, suas posturas, como bem coloca Sérgio Guerra[26], em sua tese de doutorado intitulada, "Canudos/Belo Monte: imagens contando história" (2005) onde faz um panorama de diversas imagens do fotógrafo Flávio de Barros, no pós-guerra, questionando-as para além da foto em si, mas buscando o que tais fotografias podem nos dizer no que se refere a história do povo do Belo Monte.

No campo dos estudos da imagem e nesse caso, a fotografia, há várias maneiras de interpretar e analisar uma fotografia, de acordo com Rodrigues:

> Ao ler uma imagem, é necessário observar que, além do aspecto objetivo, do domínio da técnica e do equipamento, existe um componente subjetivo que depende da vivência, da percepção e da sensibilidade do autor. Quando as pessoas se empenham em entender e dar sentido ao mundo, elas o fazem com emoção, com sentimento e com paixão. Portanto, não se busca mais na imagem fotográfica a coisa propriamente dita, mas a sua representação conceitual. Os valores culturais agregados ao sentido de ritmo e da relação entre formas e significados é o que vai reforçar a expressão do conteúdo de uma fotografia. (RODRIGUES, 2007. p. 72).

Nesse sentido, questionar sobre quem, o que, como e quando as imagens são realizadas é fundamental para olharmos para ela para além do que vemos. Este não é um trabalho que se propõe a discutir imagens, todavia, para que nos aprofundemos melhor na proposta aqui lançada, necessitamos entender um pouco o papel do fotógrafo e sua influência na narrativa dominante sobre o povo do Belo Monte. Flávio de Barros é um fotógrafo que acompanha a última expedição a Canudos. Em relação a sua biografia temos poucas informações, porém muitos artigos foram escritos sobre o seu registro do fim do massacre em Canudos. Em um deles, intitulado: A Fotografia Oitocentista e a Memória de Canudos Recontada por Flávio de Barros, de Jadilson Pimentel dos Santos, vai nos dá uma pista do que representou esse fotógrafo para a narrativa do Belo Monte no fim do massacre:

> Na obra oitocentista de Flávio de Barros, percebemos uma maneira diferente de se fazer fotografia na Bahia. As cenas retratadas no front da guerra estão impregnadas de um caráter de denúncia. Embora a pose ainda seja notada, esta não chega a ser uma prerrogativa. Há uma mudança brusca de cenário. O que

[26]GUERRA, Sérgio Armando Diniz. *Canudos/Belo Monte*: imagens contando história. 2005. 190 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

> antes estava restrito aos estúdios passa agora para o campo de batalha, possibilitando várias nuances e possibilidades (SANTOS, 2010, p. 08).

Assim, as imagens de Flávio de Barros, foram, dentre outras perdidas na guerra, as que ficaram como marcas, símbolo e representação do que foi o extermínio no Belo Monte. Com base nestas informações nos debruçaremos sobre está imagem que traz em seu cerne esse aspecto de denúncia do que foi feito a parte da comunidade do Belo Monte que sobreviveu em especial às mulheres. Começando por explorar essa fotografia, Guerra coloca:

> Esta postura de enfrentamento aparece ainda mais acentuada entre as mulheres do Belo Monte, presentes em significativo flagrante de único registro, compondo um conjunto riquíssimo de prisioneiros, todos, posteriormente degolados, e "as prisioneiras" que passaram a dá nome ao quadro, apresenta potencial não só para um amplo estudo em função da profusão de personagens, com seus tipos múltiplos e diferentes, em situações variadas, em como, permite infindas possibilidades de problematizações sobre o modo de vida da população (GUERRA, 2005. p. 33).

Em "O Rei dos Jagunços', Manoel Benício, vai trazer um relato muito importante sobre este fim". Ele coloca que Antônio Beatinho, diante da fome e da sede, se entrega ao exército e se faz voz para as outras/os sobreviventes. Então, algumas mulheres e crianças que sobreviveram se entregam, mas não todos e um deles, chamado Thiago, vai olhar o que o exército fazia com quem se entregava.

Então ele viu muitas mulheres sendo degoladas:

> Thiago, que acompanhara um grupo de mulheres e crianças para ver que destino lhes era dado, voltou horrorizado (palavra do autor) e espavorido, enfiou pelo arraial ao buraco onde se meteram os jagunços!- Morram, mas não se entreguem, que estão cortando pescoços dos que se entregam...! Avisou ele (BENÍCIO, 1997. p. 392).

Essa imagem, das prisioneiras, podemos pressupor que foi antes de serem degoladas pelo exército. Nesse sentido, esta se torna uma fotografia de denúncia. Todas sentadas, cercadas pelos soldados que se posicionam no fim da fotografia, pois, ainda nos relatos de Manoel Benício, foram mulheres e crianças a maior parte do contingente que ficou no Belo Monte (BENICIO, 1997).

Conforme Sérgio Guerra, ainda nesta imagem, essas mulheres que afrontaram e que se entregaram na esperança de viver, não se renderam nem mesmo diante da câmera:

> Assim merece destaque, os tipos físicos dentre os quais, mulheres negras de cabelos encaracolados, mulheres de cabelos lisos e claros, características do sertão nordestino, além de feições marcadamente indígenas. As mulheres sentadas em posições diferenciadas demonstram uma força singular na sua expressão, com olhares que, muitas vezes parecem estar em posição de

> "enfrentamento" com a câmera, expressando além de desafio, toda a altivez e dignidade de um grupo vencido, mas não destruído na sua identidade. (GUERRA, 2005, p.161).

Nesta citação o autor, traz informações importantes a respeito das mulheres que habitavam aquele espaço, de suas características e identidade e de suas posturas frente ao Massacre.

2.1.2- Recolhendo Nomes em Memória Delas

Figura 8: Maria Avelina da Silva, sobrevivente da guerra, Pierre Verger, Canudos (1946)

Fonte: Fundação Pierre Verger.

No caminho dessa narrativa vista pelos olhos de uma mulher navegaremos no mar de narrativas, a fim de, no balanço das ondas podermos ser tocadas pelas histórias das mulheres do Belo Monte, que apesar de serem contadas por homens, nesse momento elas querem ser escritas por mãos femininas.

A pesquisadora nigeriana, Oyèrónké Oyěwùmí, em seu trabalho sobre o conceito de gênero, desloca essa categoria do centro e questiona a predominância dessa categoria, colocando a importância de olhar para as mulheres através de outras categorias que vão além do gênero. No olhar de Oyèrónké Oyěwùmí,

> As feministas como um destes grupos, têm usado seu poder recém-adquirido nas sociedades ocidentais para transformar o que antes eram vistos como os problemas particulares das mulheres em questões públicas. Eles mostraram como problemas pessoais das mulheres na esfera privada são de fato questões públicas constituídas pela desigualdade de gênero da estrutura social. Está claro que as experiências das mulheres euro-americanas e o desejo por transformação forneceram as bases para as perguntas, conceitos, teorias e preocupações que produziram a pesquisa de gênero. Pesquisadoras feministas usam gênero como o modelo explicativo para compreender a subordinação e opressão das mulheres

> em todo o mundo. De uma só vez, elas assumem tanto a categoria "mulher" e sua subordinação como universais. Mas gênero é antes de tudo uma construção sociocultural. Como ponto de partida da investigação, não podemos tomar como dado o que de fato precisamos investigar. Se o gênero predomina tão largamente na vida das mulheres brancas com a exclusão de outros fatores, temos que perguntar: por que gênero? Porque não alguma outra categoria, como raça, por exemplo, que é vista como fundamental por afro-americanas. Porque gênero é socialmente construído, a categoria social "mulher" não é universal, e outras formas de opressão e igualdade estão presentes na sociedade, questões adicionais devem ser feitas: Por que gênero? Em que medida uma análise de gênero revela ou oculta outras formas de opressão? As situações de quais mulheres são bem teorizadas pelos estudos feministas? E de que grupos de mulheres em particular? Até que ponto isso facilita os desejos das mulheres, e seu desejo de entender-se mais claramente? (OYĚWÙMÍ, 2004, p. 2).

Escolher trabalhar com a perspectiva trazida pela professora Oyewùmí faz-se necessário, pois é preciso uma narrativa que abarque a realidade das mulheres do Belo Monte, para além do ser mulher. Ou seja, a autora nos leva a questionar o contexto no qual essas mulheres estão inseridas e suas especificidades, reforçando que gênero não é suficiente para entender o universo de mulheres negras, indígenas, dentre outras.

> Muitos estudiosos têm criticado o gênero como um conceito universal e têm mostrado a medida em que ele é particular a políticas de mulheres anglófonas/americanas e brancas, especialmente nos Estados Unidos. Talvez a crítica mais importante de articulações feministas de gênero é aquela feita por uma série de estudiosas afro-americanas que insistem que nos Estados Unidos de forma alguma o gênero pode ser considerado fora da raça e da classe. Esta posição levou à insistência sobre as diferenças entre as mulheres e a necessidade de teorizar múltiplas formas de opressão, particularmente sobre as quais as desigualdades de raça, gênero e as desigualdades de classe são evidentes. Fora dos Estados Unidos, as discussões centraram-se sobre a necessidade de atentar-se ao imperialismo, à colonização e outras formas locais e globais de estratificação, que emprestam peso à afirmação de que o gênero não pode ser abstraído do contexto social e outros sistemas de hierarquia. (OYĚWÙMÍ**,** 2004, p.3).

Nesse sentido, abordaremos a histórias de algumas mulheres do Belo Monte, sempre buscando localizar qual lugar e contextos as mesmas estão inseridas, cuidando para não universalizar esse grupo que nesse trabalho está situado em um contexto bem específico.

A travessia feita para reencontrar as histórias dessas mulheres, foi acontecendo por meio da imersão em obras que em algum momento pincelavam fatos e situações que nomeavam as mulheres. Tem sido um trabalho de garimpar, posto que, são curtos os trechos em que se debruçam os autores sobre a vida das mulheres. Um dos autores que aborda a presença de mulheres em seu texto é Edmundo Moniz, que em sua obra a Guerra Social de Canudos, vai citando histórias de mulheres que como retalhos, vamos costurando até que possamos aos poucos rememorar suas trajetórias. O autor menciona muitos homens e famílias que deixaram suas marcas no Belo Monte, ao mesmo tempo em que afirma não

serem somente os homens os responsáveis pela resistência da comunidade. Nesse sentido, cita algumas mulheres que segundo ele, se destacaram na comunidade e que merecem uma a uma, devida atenção e uma descrição fiel conforme relatado:

> Maria Rita-18 anos- A virgem das Caatingas- trocou a roupa de chita pela roupa de couro, sobressaindo-se pelo destemor e pela pontaria. Sobrinha de Macambira, quis participar, com seu primo Joaquim, no ataque à Matadeira,e só não o fez porque o grupo de doze já estava formado. Com o ferrão, ou guiada, que media três metros de comprimento, envolvera-se no combate corpo a corpo de Tabuleirinhos. Todos respeitavam aquela bela mulher, de largas cadeiras, apesar de magra e ágil, de olhos amendoados, maçãs salientes, cabelos caídos nas costas, atados por uma fita, queimada de sol, que não perdoava os inimigos e sempre se encontrava nas posições mais perigosas. Ao ser atingida por uma bala nas caatingas, teve forças para voltar a Canudos, percorrendo vários quilômetros, e caiu na porta do Santuário onde cessou de viver (MONIZ,1987. p.137).

Essa narrativa que relata um pouco a história de Maria Rita, como uma mulher que pegou em armas e segundo a descrição de Edmundo Moniz, ao vestir a roupa de couro e deixar a saia de chita passa a ser uma mulher temida e respeitada, nos coloca frente aos papéis sociais que no campo dos estudos de gênero, são construções que enquadram às mulheres e homens em padrões que os limitam a questão do sexo. Conforme Joan, Scott em seu artigo, "Gênero uma categoria útil para a análise Histórica",

> O gênero torna, aliás, uma maneira de indicar as "construções-sociais"- a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres (SCOTT, 1989, p.7).

Mesmo não sendo suficiente para entender o universo das mulheres aqui citadas, não nos refutamos a usar a categoria gênero em algum momento, pois em algumas situações ela nos auxilia na compreensão da narrativa de atitudes como a de Maria Rita que conforme o autor, sendo mulher e do sexo feminino, surpreende com tal postura, que, segundo as construções sociais é designada apenas ao indivíduo do sexo masculino. Em contraponto ao que diz Michele Perrot que nas comunas, as mulheres só eram toleradas como cantineiras e enfermeiras (PERROT, 1992, p. 199), aqui temos exemplos de mulheres que foram além desse espaço doméstico e se lançaram no desafio de lutar ao lado dos homens. O que não significa, segundo a autora, que o espaço doméstico, não seja também um lugar de luta e subversão.

Seguindo nas pegadas das trajetórias daquelas que querem ser aqui voz, encontramos a figura de Santinha, que conforme Edmundo Moniz:

> Outra mulher de valor foi Santinha, que exercendo grande influência entre os combatentes de Canudos, organizou um Piquete feminino, devidamente armado,

> para socorrer os feridos e transportá-los a Canudos, bem como os cadáveres dos heróis sertanejos (MONIZ, 1987. p. 137).

Observamos a partir dessas descrições a coragem e destemor destas mulheres, suas posturas perante as forças do governo e sua atuação para defender o Belo Monte. Além de Santinha, como figura que também se lançou nas caatingas em defesa de seu povo, temos a presença de professoras do Arraial que lutaram incansavelmente para que o Belo Monte permanecesse vivo:

> Não se pode deixar sem referência Maria Francisca de Vasconcelos e Marta Figueira, educadas em Salvador, que dirigiam duas escolas de crianças, adolescentes e adultos. Caracterizavam-se pela paciência e pelo espírito e disciplina que impunham aos alunos. Durante a Guerra, trabalharam na enfermagem, auxiliando Manuel Quadrado no atendimento dos feridos. Maria Francisca desapareceu na guerra, morta a tiros ou no incêndio da cidade, talvez decapitada pelos soldados. Marta sobreviveu a catástrofe e transferiu-se para Salvador, onde morreu em 1944, aos 78anos, residindo na Calçada. Foi ela quem contestou a lenda de que as mulheres, só de costas, falavam com Antônio Conselheiro, quando eram recebidas no Santuário (Idem).

A história dessas mulheres contesta as muitas narrativas sobre o Belo Monte, como um lugar desorganizado e sem estruturas sociais estabelecidas. Havia escolas e as professoras se dedicaram também em defesa daquele ideal. Em relação às professoras, a informação trazida por Manoel Benício, em *"O Rei dos Jagunços, nos fala de mais uma que se chama Macôtas"*. Não se sabe se é a mesma Maria Francisca de Vasconcelos. Mas a professora Macôtas teve uma atuação extremamente marcante no cuidado da gente do Belo Monte e no enfrentamento ao exército. Ela ajudou a Manoel Quadrado, cuidando dos doentes, bem como foi a mulher que entrou no santuário e teve com Antônio Conselheiro quando este estava doente (BENICIO,1997).

Em relação ao discurso de Macôtas, ela subverte a ordem estabelecida e sai da condição de silenciamento imposta pelo opressor, quando enfrenta um exército com um discurso profundo. Em relação ao ato de falar Grada Kilomba nos traz uma reflexão importante,

> Ao argumentar que a subalterna não pode falar, Spivak, não está se referindo ao ato de falar em si; não significa que nós não conseguimos articular a fala ou que não podemos falar em nosso próprio nome. A teórica, em vez disso, refere-se à dificuldade de falar dentro do regime repressivo do colonialismo e do racismo (KILOMBA, 1968, p. 47).

Essa relação que queremos fazer aqui da coragem de Macôtas perante um sistema que estava assassinando seu povo com o que coloca Kilomba é justamente o direito de falar, de defender-se, em um contexto que a revolta diante de tantas mortes, fome e abandono já não permitiam mais o silêncio.

Dentro dessa discussão, pode-se pensar que há muitas maneiras de se falar, de se colocar e muitas vão além da voz. Ao longo da pesquisa fomos encontrando outras mulheres que viveram no Belo Monte a sua maneira, fazendo de suas ações também uma forma de eco.

O historiador José Calasans, foi um dos pesquisadores a trazer à tona a voz das mulheres, negros e indígenas para as narrativas do Belo Monte, dessa forma é importante ressaltar seu grande trabalho e sua dedicação a estudar o Belo Monte e como um apaixonado pelo tema, deixou muitas referências e um grande acervo que se encontra no CEB-Centro de Estudos Baianos da UFBA- Universidade Federal da Bahia. Uma de suas referências, Quase Biografia de Jagunços, o autor cita algumas histórias que teve acesso sobre as mulheres do Belo Monte. Pelo fato de termos poucas fontes destas mulheres é que aqui buscamos citar na íntegra, suas raras narrativas que ainda insistem em serem ouvidas, ou mesmo lidas. Trazemos aqui a figura de Izidra, descrita por Calasans:

> Marcos Dantas falou também de uma vendedora de doces nos dias de festas, chamada Izidra, vinda de Aporá (Freguesia de N.S. da Conceição de Aporé, Município de Inhambupe.(CALASANS, 1987, p. 29).

Prossegue: “Fala-se numa Senhora conhecida por Dona Caridade, havendo até uma Rua da Caridade, em sua homenagem, por quem o místico tinha um grande apreço”. (CALASANS, 1987, p. 29).

Ainda rememorando Histórias:

> Maria Leandra dos Santos, viúva de Rozendo Maximiano dos Santos, homem de recursos, era do termo de Tucano, onde moravam parentes seus, abastados, fazendeiros e negociantes, revelou-se por atos de generosidade, ajudando financeiramente, em Alagoinhas, para onde foi levada após o fim da guerra, com seus companheiros de Infortúnio. Gastou metade do seu dinheiro procurando minorar a situação de infelicidade de algumas mulheres. O marido de Maria Leandra, que por convicção religiosa não foi combatente, morreu durante um dos últimos combates, deixando Maria Leandra, branca, com 30 anos de idade. O jornalista Lellis Piedade guardou simpática impressão de Maria Leandra dos Santos, elogiando seu alto espírito de solidariedade humana (CALASANS, 1987, p.29).

Cada uma com sua história, com suas características, suas subjetividades, porém todas ligadas pelo ideal de viver no Belo Monte, essas mulheres, cada uma, a seu modo, lutou e resistiu em defesa do Arraial, mesmo que custasse a própria vida. Esse relato bem profundo trazido por Moniz é a história de uma mulher que enfrentou o Exército sem medo de morrer:

> Já próximo do fim da guerra, foi presa pelas tropas governamentais uma mulher de quarenta anos, chamada Josefa e conduzida à barraca de Artur Oscar, comandante-em-chefe da expedição. Interrogada pelo general em presença de

> vários oficiais sobre a situação em que se encontrava a população de Canudos, nas vésperas de ser tomada a cidade, à mulher respondeu evasivamente:_"Sei não",ou de modo interrogativo:" Eu sei?" Acabou perdendo a paciência e disse veementemente o que pensava sem o menor temor do que lhe podia acontecer: _ " Não valem nada tantas perguntas. Os que as fazem sabem que estão perdidos. Não são sitiantes, são presos. Não serão capazes de voltar, como não voltaram os das outras expedições. E, em breve, terão uma desdita maior. Ficarão todos cegos e tateando pelos caminhos." Ao deixar a barraca do comandante-em-chefe, um alferes e duas praças, segurando-as pelos cabelos, a degolaram.(MONIZ , 1987, pp. 137-138).

A degola foi uma prática comum no fim do Massacre, conforme Lélis Piedade, (PIEDADE, 2002, p.15), que denunciou o crime de degola por meio da imprensa, a denominação dada era de Gravata Vermelha e foi cruelmente usada em plena luz do dia, como no caso acima citado. Na poesia popular encontramos relatos dessa prática tão cruel:

> *Era triste aquela cena. A cidade aperta a mola. Quando pegavam sobrevivente. Ali não se dava esmola. Era conduzido ao mato. Sofrendo o pior maltrato. Era um campo de degola.* (CLASANS, 1984, p. 94).

Estes fatos trazem elementos fundamentais para entender primeiro, a barbaridade praticada contra o povo do Belo Monte, quanto para entender a força do ideal que levou estas mulheres a defenderem sua terra. A religiosidade presente neste movimento vai fundamentar a luta pela terra que vai conduzir todo processo de insubmissão dos/as conselheiristas.

É também em busca dos nomes dessas mulheres, "sem nome", que trilhamos esse caminho de recuperar suas vivências e experiências de subversão, a fim de poder reescrever a história daquelas que encontramos, para assim visualizar sua força.

As lutas das mulheres do Belo Monte, não se resumiam apenas aos locais de combate como também aos espaços domésticos. Pois conforme Michele Perrot, as mulheres lutam com as armas que possuem e o fazem com o próprio corpo e com os métodos que estiverem ao seu alcance. (PERROT. p. 194). Nesse sentido, temos a figura de Ana de Bom Jesus, que segundo Moniz cozinhava para o Conselheiro, estava sempre bem próxima dele, assim como as Beatas que usavam vestido azul e eram responsáveis pela limpeza do santuário e por acender as velas e as fogueiras para as rezas. (MONIZ, 1987, p. 134). Em Quase Biografia de Jagunços, José Calasans, apresenta uma mulher que segundo o autor, foi uma das primeiras beatas do Conselheiro, quando este residiu em Itapicuru:

> Parece-nos que "Tia Benta" era a figura feminina mais importante do séquito, pelo menos no período em que o Conselheiro viveu no município de Itapicuru, nordeste da Bahia. Há uns dez anos passados, antigos moradores do referido município ainda sabiam coisas da vida de Tia Benta, uma das primeiras Beatas do Conselheiro. Nascida em Itapicuru, exercia atividades de parteira, aparadeira. Muito sabida em questão de negócios. O octogenário, Marcos Dantas, morador em Crisópolis ,localidade fundada por Antônio Conselheiro na década de 80,com a denominação com a denominação de Arraial do Bom Jesus, conviveu com a Velha Benta, "uma cabo-verde muito sabida" e gorda. Morou na casa da Beata-Parteira. (CALASANS, 1986, p.28).

De acordo com Calasans, não foram mais encontradas informações sobre Tia Benta no Belo Monte, apenas que ela seguiu o Conselheiro até Arraial, continuando responsável pela sua alimentação e pelo barracão em que ele residia. Mas, diante dessas referências aqui colocadas, a Ana do Bom Jesus também era uma figura que estava muito próxima do Conselheiro, todavia é possível pensar que não apenas, uma, mas muitas mulheres estivessem próximas do Beato, o que contesta a narrativa de Benício, (1997) de que o Conselheiro mantinha distância das mulheres. As rezas, eram cotidianas e muito presentes no Arraial, dessa maneira supõe-se que sendo as mulheres beatas aquelas que estavam sempre em contato com a organização do Santuário, observa-se que elas conduziam os ritos, ainda que estes fossem guiados pelo Conselheiro. Conforme relato de Zefinha, descendente de conselheirista, o Conselheiro não tomava nenhuma decisão sem antes reunir toda a comunidade para rezar:

> *Os meus antepassados eram os participantes é, dessas rezas, né? porque o conselheiro era um homem assim de muita fé, muita religiosidade, ele não tomava decisão nenhuma , isso eu ouvi sabe, de, eu digo assim de meus tios, minha vó, eu ouvi pouquíssimas coisas de minha vó, mas eu ouvi mais de meus tios, ele não tomava uma decisão sem antes se reunir pra rezar, é interessante né?muito forte isso* (ZEFINHA, 2019).

Mergulhando um pouco nesse imaginário religioso do Belo Monte e trilhando as pegadas das Beatas, com vestidos azuis e sempre no contato com o Bom Jesus, como era chamado o Antônio Conselheiro, nos vem o desejo de se debruçar mais sobre estas mulheres que se colocavam a escutar o Conselheiro e para a rezar o terço diariamente. (BENICIO, 1997).

> Com o ronco da busina chamando ao terço, a latada encheu-se a represar pelo pateo. As coivaras inflamadas, pelo derredor, erguiam aos ares labaredas esgaçadas que davam um tom levido a fisionomia dos devotos, lembrando uma conspiração de maltrapilhos. Aos poucos, o silêncio foi se estendendo entre todos. As mulheres contrictas, de joelhos, batendo nos peitos cochichavam rezas, o gado ruminando, deitado nos curraes e pateo, mugia monotonamente, de quando em quando (Ibidem, p.88).

É notável a forte presença e atuação das mulheres no arraial, tanto no universo religioso quanto em posturas que vão além dos espaços a elas destinados. Na casa, na

igreja, nas escolas, nas matas enfrentando exército, nas ruas estão elas em suas diversas maneiras de recriar a vida, construindo e reconstruindo possibilidades de sobreviver.

2.1.3 Narrativas que atravessam os caminhos das mulheres do Belo Monte

Nos caminhos da pesquisa, nos deparamos com muitos desafios em relação aos fios que tecem as vidas das mulheres no Belo Monte. Revisitando a obra de Manoel Benício, O rei dos jagunços, encontramos em sua narrativa, um fato que nos leva a escutar as vozes das mulheres no cotidiano do arraial, levando em conta o olhar analítico sob o enfoque de gênero, que nos permite visualizar essas identidades para além de seus aspectos biológicos. A história de Maria Pimpona nos revela como a questão de gênero é fundamental para que possamos entender as diversas formas de violências, que atravessam os corpos das mulheres e seus clamores silenciados pela história,

> Fallava-se que Villa Nova não voltava mais e mandar chamar Pimpona Abbade não a perdeu mais de vista. A moça via-se espionada e temia. No olhar de Abbade brilhava alguma cousa de sensual, alegre e cruel ao mesmo tempo quando a fitava. E ella tinha medo, porque sabia de quanto era elle capaz da terrível paixão que escondia no peito, paixão, ou desejo brutal de possui-la (BENÍCIO,1997, p. 342)

Maria Pimpona conforme o relato era uma mulher casada com Vila Nova, o que seria a norma do Arraial, conforme os preceitos pregados por Antônio Conselheiro, mas ainda assim, o fato de ser mulher a fez enfrentar questões, que afetam a todas. Em um determinado momento, vendo-se acuada, precisou que pedir ajuda,

> Uma tarde que labutava com os seus doentes, a Pimpona procurou-o(Manoel Quadrado). Mostrou-lhe uma carta do Villa Nova que a estava esperando em Curral Novo. - Já devias ter ido. Porque não fostes já! Ella explicou então a situação em que estava. João Abade a perseguia com intenções ruins e trazia-a debaixo das vistas, de sorte que se ella tentasse sahir para ir encontrar com Villa Nova, que sabe o que sucederia! Demais o Conselheiro se soubesse onde seu desleal ex-administrador estava. Mandaria busca-lo à força. Não se podia portanto, pedir nada a elle,o qual se consentisse na saída della, faria segui-la por gente para prender Villa Nova onde se encontrassem. Fugir não podia, porque embora o Conselheiro dessa ordem para deixar as mulheres sahir, João Abbade já tinha mandado sovar duas que foram encontradas escapulindo. (BENICIO, 1997, pp. 345-346).

Nesse momento, o Arraial já estava sendo atacado pelo exército e muita gente havia fugido inclusive Villa Nova, marido de Pimpona. A moça recorre a Manoel Quadrado médico da comunidade, para ajudá-la diante de um contexto em que se sentia medo e não tinha como se defender. Esse pedido de socorro a um homem e seu imediato acolhimento, questiona a ideia de que os homens assumem as mesmas posturas diante das violências sofridas pelas mulheres. Porém reforçar essa postura desse um homem, não significa que

não reconheçamos a necessidade de permanecer no debate e na discussão das posturas machistas e violentas que enfrentam as mulheres no cotidiano.

É tão necessária a reflexão que, mesmo no contexto de guerra, a perseguição as mulheres por João Abbade, impedindo-as de fugir, o torna uma figura emblemática, que apesar de ser uma grande liderança ao lado do Beato e de Antônio Vila Nova, como bem coloca José Calasans, sobre a sua posição,

> Com segurança, sabemos apenas da posição de João Abade, o "comandante da rua", o "chefe do povo". Era o homem forte da comunidade, tendo somente de prestar obediência ao Santo Conselheiro. Cabia-lhe a chefia da "Guarda", a direção da guerra. Organizava os piquetes, escolhendo jagunços de sua confiança para as incumbências de ordem militar, punia os criminosos aplicando-lhes "bolos" com palmatória, prendendo-os na "poeira", como se denominava a cadeia local (CALASANS, 1997. s/p).

O fato de possuir uma posição de comando importante no processo de resistência do Belo Monte, torna Abade um homem poderoso. Porém, possuía um comportamento questionável em relação às mulheres, seguindo as próprias regras não respeitando em diversos momentos as ordens do Conselheiro, quando no fim da guerra (BENÍCIO, 1997). O foco que propõe a pesquisa, não é a figura de João Abbade, mas o fato em si, como historicamente se constroem as narrativas em relação aos homens e mulheres e de que maneira, as escritas em relação as suas reações as colocam em uma situação de passivas ou ativas.

Esse fato que emerge nos caminhos da pesquisa como uma voz ocultada se reflete na narrativa de Manoel Benicio e nos coloca em um lugar onde um emaranhado de ações complexas em que ambos reproduzem papéis atribuídos pela sociedade, mas que isso não se configura de maneira simétrica, o que exige uma investigação mais aprofundada com mais tempo.

A análise dessas narrativas não coloca em cheque a experiência de luta e resistência que teve o Arraial do Belo Monte e seu povo, mas busca de certa forma, tocar minuciosamente relatos que trazidos por homens e lidos e analisados por uma mulher, nos levam a olhar com mais cuidado as questões cotidianas vividas pelas mulheres. Assim, vamos escavando, pedindo licença as escritas existentes, nos lançando no desafio de olhar

para os fatos, sob uma perspectiva gendeirizada [27], ou seja, olhar a história do Belo Monte através das memórias de suas mulheres.

Esse desafio em relação às mulheres do Belo Monte e a violência de gênero, circunscrita na noção de mulher, pretende ser um projeto de pesquisa, quiçá para um Doutorado.

2.2- Mulheres indígenas em canudos: Kiriri e Kaimbé

Figura 9: Mulher em Canudos do Pós-guerra. Canudos (1946)

Fonte: Fundação Pierre Verger

O Interesse em trazer para a esta pesquisa a presença e atuação dos povos indígenas nasce, além de questionamentos em relação as narrativas referentes a presença e luta dos povos indígenas que habitaram e habitam o sertão, do contato com trabalhos já realizados de José Calasans, Edwin Reesink e da leitura da monografia de Maria Lúcia F. Mascarenhas, Rios de Sangue e Ribanceira de Corpos (1995). Em sua monografia sobre a participação de povos indígenas Kiriri e Kaimbé no movimento de Canudos, a autora resgata por meio da oralidade, memórias da construção do Belo Monte e dos combates,

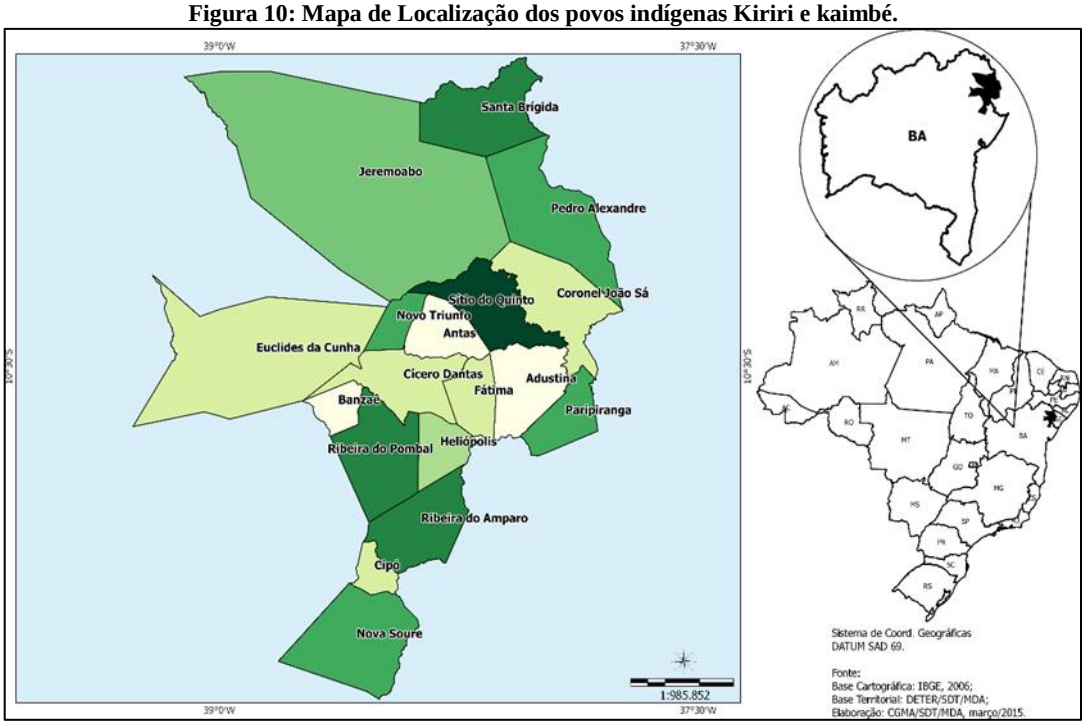
[27]Gendeirizada: termo trazido por Grada Kilomba, em sua obra Memórias de Plantação,2019, quando atribui que gênero e raça não podem ser desconectados).

cujos povos indígenas aqui citados, foram atuantes e defensores deste Projeto, proposto pelo Bom Jesus Conselheiro, como assim o chamavam os Kiriri (MASCARENHAS, 1995). Conforme a autora, a localização geográfica dos Kiriri se situa atualmente na região de Banzaê/BA,

> Os Kiriri, hoje localizados no município de Banzaê, povoado de Mirandela, apresentam uma população distribuída em núcleos próximos a esse povoado, sede da missão jesuíta que ali os reuniu no final do Século XVII. Segundo Bernardo Nantes, missionário Capuchinho (final do século XVIII),os Kiriri Kipeá habitavam o sertão nordeste, nos estados da Bahia e Sergipe. Pertencem ao ramo Kipeá,apresentando como peculiaridade uma língua diferente dos outros e observando uma unidade cultural evidente na ordem linguística (MASCARENHAS, 1995. p.16).

Conforme este relato, a presença indígena no norte da Bahia data de muito antes da comunidade do Belo Monte, o que nos confirma estes povos como constituintes da população da região. Além dos Kiriri, os Kaimbé também estiveram presentes no Movimento Belo Montense, sendo que estes residem na antiga Cumbe, atual Euclides da Cunha-BA, conforme mapa abaixo,

Figura 10: Mapa de Localização dos povos indígenas Kiriri e kaimbé.



Fonte: Caderno Territorial 162- Semi- árido Nordeste II –BA..Ministério de Desenvolvimento Agrário.

> No sertão, município de Euclides da Cunha, no povoado de Massacará,estão os kaimbé. Distante da sede 33 km, habitam em núcleos, tendo como centro da aldeia o povoado de Massacará. A missão da Santíssima Trindade de Massacará, fundada em 1639, é uma das Missões mais antigas do sertão do Nordeste.Por isso, as informações sobre este período são escassas, dificultando assim maiores esclarecimentos sobre a cultura e a afiliação linguística desse povo(REESINK,1977) pondera quatro possibilidades sobre a cultura e afiliação

> linguística cultural dos Kaimbé de Massacará-uma primeira é que estes não teriam nenhuma afiliação com outro grupo; segunda, poderiam constituir um subgrupo dos Kariri;uma terceira: um subgrupo dos Kamakan, e por último, os Kaimbé seriam um subgrupo dos Tupiniquins. É mais provável, porém que os Kaimbé sejam um subgrupo dos Kariri (SOUZA: 1999; MASCARENHAS, 1995, p. 20).

Resgatar a história e a presença dos povos indígenas no Belo Monte tem como objetivo identificar a diversidade de povos que habitou e lutou no Arraial. O trabalho de Maria Lucia Mascarenhas vai aos poucos trazendo informações importantes sobre essa atuação, tanto de homens, quanto de mulheres indígenas, Kiriri e Kaimbé. Há neste trabalho uma informação valiosíssima sobre os "kiririzeiros" que foram para Canudos:

> Os "Kiririzeiros",os troncos velhos que foram para Canudos: Renildo; Vicente; Arnaldo, "Bom Caboclo", Zé Pedro, Alpidio, Tio de Zacarias, a Mãe de Dona Mariquinha, Pedro Miguel,"Jaagunço Bom", pai de seu Genésio e avô de Fiel; Zabezona,"cabocla Valente", ajudou jagunço a sair de Canudos, Leodoro, foi baleado com 13 anos, é avô de cacique Lázaro; Severino; Julio, João Batista, pai de seu Zé de Amélia, Martinha, tia de seu Z é de Amélia, João Panta, Gualberto, pai de seu João do Sacão, Josefa Mãe de dona Joana de seu Evaristo; Maria Gorda, foi Baleada; Polinha; Chiquinha; João de Pedrinho, parente de seu fausto; Maria Francisca, parente de seu Fausto; Zé Ferreira, Antônio Fogueteiro, "Jagunço bom", foi "mandão em Canudos"; José Mancin, "Jagunço brabo" e outros. Naquele tempo, os Kiriri estavam no Sacão, Lagoa Grande, Picos e outros cantos. Tinham suas casinhas. A vida dos índios era nas roças, trabalhando, cançando e cuidando dos bichos, galinha, porco, etc. (MASCARENHAS, 1995. p. 61).

Esses nomes aqui revelados são alguns do que a autora pôde recolher, mas pode ser que também existiram outros nomes. Edwin Reesink em seu artigo sobre a participação dos índios de massacará na Guerra de Canudos vai defender, por meio de fontes escritas, a participação intensa de indígenas neste conflito. (REESINK, 1997). Dialogando com Maria Lucia Mascarenhas, quando ao se aproximar dos Kiriri, nota em sua narrativa a força do Movimento do Belo Monte, na História desse povo.

> No decorrer do tempo enquanto ia conhecendo os Kiriris percebia que para eles a vida se divide entre "antes" e "depois" de Canudos. Evidencia-se Canudos como marco importante para esse povo. Kiriri foi "jagunço", atirou, cantou, rezou, matou, lutou, morreu, fugiu, sobreviveu e conta. Em contra partida, Kaimbé pouco fala por si mesmo que lutou, morreu, matou e sobreviveu. Isto é, quando se pergunta sobre o fato eles chegam ao ponto de dizer:" ninguém pode provar que índio kaimbé foi jagunço" (MASCARENHAS, 1995, p. 4).

Os Kiriri, segundo relatos foram aqueles que se fizeram presente até o fim do embate. Neste seu trabalho Edwin Reesink vai por meio da oralidade, colher relatos de mulheres e homens indígenas de Massacará, que viveram com sobreviventes da Guerra. Estes relatos, vem regados ao mesmo tempo de muitas memórias tristes e dolorosas e também um saudosismo em relação a religião. Ao serem questionados sobre o Conselheiro e sobre Canudos, muitas opiniões eram divergentes, de maneira que para uns havia uma

ilusão referente a vida no Belo Monte e para outros/as o Conselheiro era um grande líder e que no Belo Monte a fartura era presente.

> Na Lagoa Grande, quando passou, Antônio Conselheiro falou de sua 'Missão' que seria para o bem de todos e chamou os índios (Ki5), correu a notícia, "nóis vamos, nóis vamo" lá tinha um rio de leite, os morros, os barrancos era de cuscuz pra encher a barriga (MASCARENHAS,1995, Pp. 27-28).

Contudo, muitos desses relatos trazidos no artigo de Reesink, são analisados na perspectiva de que alguns depoimentos rememoram antes e depois da Guerra. Nesse sentido, a memória da Guerra é em si uma lembrança que não se quer falar.

Nas pegadas da memória destes povos o caminho nos presenteia com narrativas que trazem a presença das mulheres, os seus nomes e sua atuação. São elas: a mãe de dona Mariquinha, Zabezona, "cabocla valente", Martinha, tia de seu Zé de Amélia, Josefa, mãe de dona Joana de seu Evaristo, Maria Gorda, foi baleada; Polinha, Chiquinha; Maria Francisca parenta de seu Zé de Fausto (MASCARENHAS, 1995). Nomear estas mulheres e localizá-las em uma identidade, aqui representada como kiriri e Kaimbé é uma das propostas desse trabalho, uma vez que a categoria sempre direcionada ao povo do Belo Monte, foi por muito tempo na literatura oficial, herdada do discurso de Euclides da Cunha, concebida como "jagunços", universalizando todas as pessoas sem considerar suas particularidades e suas trajetórias.

Aqui queremos trazer os nomes dessas mulheres e nas pegadas de suas ações descreverem as narrativas que revelam que elas sempre estiveram presentes, todavia, no processo de escrita da história oficial, suas atuações são esquecidas, restando a oralidade como meio para recuperar estas memórias.

A história de Zabezona, Indígena Kiriri que foi para o campo de batalha manifesta-se como a atuação da mulher indígena em um contexto de guerra . Demonstra a rebeldia e insubmissão que historicamente os povos indígenas mantiveram em defesa de seus corpos e territórios.

> Pedro Miguel, caboclo velho, virou jagunço. Era um "sabido" se "envultava'. Contou que um dia, estando na igreja com um "magote" de gente, deram fogo, só escapou ele em pé. Deitou no meio dos mortos até que resolveu fugir. Saiu da igreja todo sujo de sangue, saiu abaixado, procurou Zabezona e escapou de lá 'embrulhado" na saia dela.No caminho,só encontrava cangaço de gente. "Caveira falando: fogo, fogo". As armas deles eram daquelas que morriam, mas pegavam só a arma. Era de Canudos para a aldeia, da aldeia para Canudos, dizia, "lá tá bom". Dizia que era uma festa...era a alegria maior do mundo. Tinha também a caixa de guerra...tan, tan, tan, quando caia um ,outro pegava. No quinto ano, o último "ribuliço" foi no meio da rua. Ele no meio dos mortos e

> chega um com um punhal furando para ver quem estava vivo, ele consegue escapar. A noite, pega as armas, entra nos piquetes, os "buracos", com as armas, e aí era só derrubando gente. Os soldados procuravam, mas não viam nada. Ele tinha o corpo fechado. A Zabezona, quando morreram seus pais, ela saiu de lá, pegou rumo para as caatingas. Chegando em um lugar, encontrou um "cabra" tirando leite no curral. Este chamou outras para "fazer coisa com a cabocla. "Ela se deixou pegar, não podia mais corre, e quando o homem se aproximou,ela,que tinha uma faquinha escondida, enfiou no "bucho" do sujeito e saiu danada(MASCARENHAS, 1995, p.64).

As mulheres, nesse caso, indígenas, estavam em todos os espaços, cada uma a seu modo, lutavam para defender o Belo Monte. Essa narrativa a respeito de Zabezona e de sua postura tanto frente ao Exército quanto frente aos homens que queriam violentá-la, traz a figura da mulher indígena do sertão frente a violência do Estado e de homens, que a luz dos estudos de gênero, revela a estrutura de poder que gira em torno dos sexos. Nesse caso, não bastava ser mulher, um papel de gênero muito bem definido em nossa sociedade, Zabezona é também indígena, pertencente a um povo que historicamente foi destituído de sua humanidade,

> *Todo ello contribuyó a que la población indígena y africana en América fuesen considerados no sujetos, excluidos de toda humanidad, por tanto sus cuerpos, sus culturas, se asumían podían ser manipulados, medidos, domados, controlados, explotados por la razón instrumental* (CURIEL, S/P).

Nesse sentido, a discussão trazida por Ochy Curiel quando aprofunda sobre a história dos povos colonizados, coloca em cheque a categoria de gênero, que mesmo sendo um elemento importante, não se faz suficiente para entender a trajetória de Zabezona, que é também indígena e seguidora de Antônio Conselheiro. Portanto, gênero e raça são categorias que também irão permear essa análise, haja vista as múltiplas opressões que se materializam neste corpo, que ainda conforme Ochy Curiel

> *el género es una categoría importante para las ciencias sociales en tanto es una categoría analítica y política que evidencia las jerarquías entre los sexos en estructuras sociales más amplias, pero tiene límites, en tanto da por hecho que existen dos grupos: hombres y mujeres, diferentes pero complementados y los asume como grupos homogéneos y descontextualizados* (Idem).

As mulheres indígenas, mulheres não brancas, conectadas com o contexto em que estão inseridas, são as vítimas da colonialidade de poder e em consequência da colonialidade de Gênero, como proposto por Maria Lugones (2014). Nesse sentido, a categoria mulher precisa da intersecção de raça, sexualidade e classe para que possamos entender esse universo indígena que antes do processo de colonização e da relação com os costumes cristãos, tem seus próprios ritos e suas próprias maneiras de organização social e

política. Ainda nessa reflexão, conforme a pesquisadora Jusciene Ricarte Apolinário em sua tese de Doutorado sobre os Povos Indígenas no sertão de Goiás,

> A mulher indígena, sob a tutela dos colonizadores, era duplamente discriminada por ser mulher e por ser etnicamente diferente. Tinha que cotidianamente criar estratégia de resistência diante do "outro" que a todo custo procurava subjugar a sua cultura e seu corpo (APOLINÁRIO, 2006, p. 128).

Nesse sentido este será o eixo norteador que deve orientar nosso olhar em relação a vida dessas mulheres e suas histórias. Ou seja, entender a constituição e luta dos povos indígenas do sertão de maneira ampla, compreendendo a influência da colonização, bem como as especificidades que carregam as mulheres indígenas envolvidas no Movimento Belo Montense. A história de Maria de Catarino, indígena Kaimbé, que encontramos nas trincheiras das memórias sertanejas, revela muitos aspectos da identidade que transcendem as categorias já citadas nesse trabalho.

> Maria de Catarino foi para Canudos quando moça. Falava que Antônio Consellheiro era como se fosse um Deus. Sua mãe foi pra Canudos numa dessas passagens do "madeiro" por Massacará, Morreu lá. A sua bisneta disse: "Agora não lembro se foi bala ou doença".Mas ela mesma contava que em Canudos tinha o Barracão certo onde pegar a comida. Ali se juntavam as pessoas. Um dia quando estava pegando seu peso de carne,veio a descarga da peça e explodiu naquele barracão, "sangue quente e miolo de gente ficaram no peso da carne, que ela, em seguida, foi lavar e botar no fogo pra comer". Só escapou ela e mais duas pessoas, uma delas o índio José de Filimina, com o qual acabou casando pouco tempo depois que saíram de lá. De Canudos os índios viam o alto do Mário e faziam a seguinte comparação: "você não vê uma mão de gente, os dedos todos juntos, pois, bem assim era a polícia, lá em cima para dá fogo". Quando a guerra "aperta", não aparece mais nada nos barracões. Mas as pessoas teimavam em ficar, pensando que não iam morrer. Quem não morreu logo, só saiu nas últimas, quando não tinha mais jeito, decidiu sair e trazer consigo, nas costas, num aió feito por ela, sua irmãzinha de mais ou menos cinco anos de idade, que morreu já perto da aldeia (Ibidem, p. 69).

Buscar entender esse contexto de violência nos faz recorrer a outros elementos de análise que em conjunto com o gênero nos ajuda a compreender a ação do estado contra o Belo Monte e as mulheres. Assim conforme Maria Lugones,

> *Solo al percibir género y raza como entretramados o fusionados indisolublemente, podemos realmente ver a las mujeres de color. Esto implica que el término 'mujer' en sí, sin especificación de la fusión no tiene sentido o tiene un sentido racista, ya que la lógica categorial históricamente ha seleccionado solamente el grupo dominante, las mujeres burguesas blancas heterosexuales y por lo tanto ha escondido la brutalización, el abuso, la deshumanización que la colonialidad del género implica* (LUGONES, 2014, p. 61).

A categoria Mulher, proposta por muitas teóricas e aqui problematizada por Maria Lugones, vai perdendo força diante de uma atitude cruel do estado. Tamanha era a crueldade que Manoel Benicio traz em sua narrativa,

> Em todo caso tinham o instincto da economia, o raciocínio esperançoso da coragem sombria è cruel, a consciência de que matavam em defesa do que era seu—a sua fé religiosa, a sua terra e família ! O futuro ia de dizer Se a um' governo humano assiste o poder de ser desumano com os seus governados antes de verificar maduramente qual o crime por que deixa-os ser punidos com o degolamento em massa. (BENICIO, 1997, p. 324).

Aqui, temos um relato do momento da Guerra mesmo, onde o povo do Belo Monte defendeu com afinco a sua terra, sua vida, seus ritos e seu cotidiano. Não temos especificidades se eram homens, mulheres e crianças. Nesse momento, todos eram ameaça ao Estado, portanto não deveriam viver. Esse momento remete muito ao que vai chamar Frantz Fanon de " Os condenados da terra", onde em sua obra com este mesmo nome, em seu prefácio, escrito por Jean- Paul Sartre, explica como se dá o que ele chama de violência colonial.

> A violência colonial não tem somente o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados, procura desumanizá-los. Nada deve ser poupado para liquidar as suas tradições, para substituir a língua delas pela nossa, é preciso embrutece-los pela fadiga. Desnutridos, enfermos, se ainda resistem, o medo concluirá o trabalho: assestam-se os fuzis sobre o camponês; em civis que se instalam na terra e o obrigam a cultivá-la para eles. Se resiste, os soldados atiram,é um homem morto. Se cede degrada-se não é mais um homem. A vergonha e o temor vão fender-lhe o caráter, desintegrar-lhe a personalidade (FANON, 1968, p. 9).

Essa reflexão em relação a violência colonial coaduna muito como foi o processo de massacre no Belo Monte, portanto nos valer dessa reflexão, revela nossa preocupação constante nessa escrita, em buscar uma análise que abrace a realidade das mulheres do Belo Monte de maneira em que não deixemos escapar as diversas opressões que atravessam seus corpos. Em um contexto de violência do estado, nesse caso da república, a luta das mulheres foi ainda mais acirrada, pois além dessa categoria limitante de ser mulher, que as encaixava em uma biologização e as prendia dentro de ideias naturalizadas do ser feminino, havia as forças do exército que sequer as consideravam humanas. Por isso, ainda com uma análise que não alcance a realidade dos fatos, recolher e recuperar a história dessas mulheres é também uma tentativa de humaniza-las através da força de suas lembranças.

Nesse tecer de fios diversos que foram se desenrolando em meio a pesquisa, a religiosidade está sempre presente como um fio condutor que percorre muitas das estratégias de resistência dessas mulheres, conforme Maria Lucia Mascarenhas[28], toda a ciência indígena, permeou a luta em defesa do Belo Monte e muitos pajés utilizavam de

[28]MASCARENHAS, Maria Lúcia Felicio. *Rio de Sangue e Ribanceira de Corpos*: Salvador, 1995.

seus saberes para enfrentar o exército. A prática religiosa era ressignificada conforme sua cultura e sua religião primeira. Assim, em muitas das orações e benditos aprendidos com a convivência cristã trazida pelo Bom Jesus Conselheiro, nota-se uma adaptação dos ritos ao cotidiano indígena e que passa a ter sentido quando se relaciona com a sua própria maneira de sentir e se relacionar com o mundo.

> Os índios sabiam rezar, acompanhavam "ave-maria". Na sexta feira da paixão começou a guerra. Todos os dias rezavam ao amanhecer, meio dia e a tardinha. O terço, rezavam todos os dias. Um dia uma cabocla velha estava dentro da igreja rezando o Bendito (que se chamava ABC, do Divino) e no momento em que dizia "já estou no fim da vida, Misericórdia Senhor", morreu com um tiro na cabeça. Cantavam muitos benditos da igreja mesmo. É também oração para Deus. ."Durante a guerra era rezando e caindo na bala". (MASCARENHAS, 1995, p.64)

É muito presente nesta citação a relação das rezas como escudo durante os ataques do exército,o que não significa que impediu o extermínio do povo do Belo Monte. Nas veredas de leituras e sentires no que se refere a vida das mulheres, a conexão com a religiosidade tem nos levado a caminhar por lugares que apresentam a relação do Bom Jesus Conselheiro com essas mulheres, ou a relação delas com o Beato. Há um relato sobre as mulheres rezadeiras que se uniam ao Bom Jesus Conselheiro mostrando a relação dos saberes do rezo indígena com a Doutrina do Peregrino: "As rezadeiras de Natuba eram muito boas, chega retombava". "Francisca era de lá, ganhou até um rosário do Conselheiro e andava com ele no pescoço" (...) (Ibidem, 1995, p.71).

Natuba era o nome da Aldeia indígena localizada no município de Nova Soure. Nessa citação podemos constatar a prática das rezas presente entre as mulheres indígenas e a força dessa prática religiosa. Esse contato entre as rezadeiras e o Bom Jesus, nos coloca frente a questões no que se refere a relação que se construiu, no que tange a prática da reza, porque o Beato também benzia e também era tratado pelos/as indígenas como um 'santo'. "Quando adoecia um, ele era só chegar e benzer" (MASCARENHAS, 1995, p. 51). Percebe-se nessa relação uma troca simbólica, entre o Beato e essas mulheres indígenas que dispunham do saber da reza e da benzição.

As práticas religiosas indígenas mescladas a aos ritos cristãos, são sinônimos do processo colonizador que em meio a catequização impôs o cristianismo aos povos indígenas. Todavia, mesmo diante desse contexto, em relação as práticas no Belo monte, havia uma ressignificação do rito cristão que se adequava a o rito indígena. Ao que se sabe o Conselheiro era cristão e dentro desse contexto, nos perguntamos como era essa vivência

com as práticas indígenas. Pela literatura percebe-se que não há tensão, ao que parece que, o que os unia eram as questões sociais e políticas. Inclusive muito da ciência indígena, dos saberes e rituais, foram importantes para a resistência no Belo Monte. Conforme Pedro Lima Vasconcelos em seu artigo sobre religião e cultura no Belo Monte,

> Pergunta-se, por exemplo, se o Conselheiro usurpou ou não funções sacerdotais, ou a respeito dos santos que eram ali cultuados. Trata-se de questões relevantes, obviamente, mas queremos aqui salientar a participação significativa de elementos oriundos das tradições indígenas do entorno, que não apenas conviveram com aqueles de outras proveniências, como principalmente propiciaram a Belo Monte o reforço de uma de suas facetas mais significativas: a de lugar da vida e de sua recuperação. (VASCONCELOS, s/p)

A mescla de práticas indígenas e cristãs em Canudos não se mostra como um problema, conforme coloca Pedro Lima Vasconcelos, percebe-se uma autonomia das mulheres e homens em praticar seus rituais na comunidade, pois tinham suas rezas e sua rua também, denominada “Rua dos Caboclos” e os pajés usavam seus saberes para a defesa de Canudos. (Ibidem, 1995): Pajeú foi então ajudado pelos pajés Kiriri que através da sua sabedoria e da ‘ciência” descobriram como Moreira César iria e Aconselhou Pajeú a mandar flecha e tiro para a caixa dos olhos daquele. (k.5).As armas dos jagunços eram espingardas de caixa, foice, arco.(MASCARENHAS,1995. p.37).

Essa participação dos povos indígenas no Movimento do Belo Monte, aqui relatada por Maria Lucia Mascarenhas, nos coloca frente a questões ligadas a esse movimento e nos leva a refletir sobre a variedade de povos que habitaram o Belo Monte. Inclusive ter contato com um material tão potente que nos apresenta a resistência dos povos indígenas, nos coloca a pensar que essa negação da atuação desses povos tem um sentido de ocultar a memória de luta tanto indígena quando afrodescendente em nossa História.

Buscar aqui tecer uma grande rede de memórias, de presença e atuação das mulheres indígenas no Belo monte, não nos impede de desatar nós que foram ao longo do processo históricos reforçados e intocados pela literatura oficial. Trazer a luz a dimensão da força indígena e afrodescendente ao lado de Antônio Conselheiro, torna-se mais que um dever, um reconhecimento necessário no nível de história do Brasil que oficialmente apagou toda a memória de insubmissão e resistência tão caras a esses povos.

Rio de Sangue e Ribanceira de Corpos trouxe elementos fundamentais para a esse texto no que tange a questão da religiosidade e da presença das mulheres indígenas nesse movimento. Embora com base nessa leitura, tenhamos citado a figura de Zabezona como

uma mulher que ajudou os jagunços a saírem do Belo Monte, essa é a memória de uma mulher indígena que esteve presente e atuante frente ao combate. O que não quer dizer que as outras mulheres que estavam, no ambiente da cozinha, da igreja ou da casa, não estivessem em seus espaços também em luta e subversão. Nesse sentido, olhar para o Belo Monte na perspectiva de gênero é também entender que, raça e classe não podem se separar nessa análise, como já proposto pela feminista Nigeriana por Oyèrónké Oyěwùmí em seu artigo Conceituando o Gênero: Os Fundamentos Eurocêntricos dos Conceitos Feministas e o Desafio das Epistemologias Africanas, já citado nesse texto.

Esta leitura em relação a categoria gênero conectada ao contexto social nos permite uma visão ampla em relação as mulheres, entendendo que essa categoria é universalizante e não abarca as especificidades das mulheres do Belo Monte. Ou seja, o corpo da mulher indígena é um corpo onde se materializam também a violência do estado patriarcal e racista.

2.3 Não- rendidas: as mulheres e o pós-guerra

...Quando chegavam os grupos
Ficavam à rua vizinha
Iam ao encontro as beatas
Cantando uma ladainha
Alí ficavam enlatadas,
Até fazerem uma morada
E construir uma casinha

Certo tempo em Canudos
Apareceu Satanás
Se apoderou de mulheres
Tornando-as mais sagaz
Subindo em casas e Igreja
Foi uma grande Peleja
Dizendo coisas demais...
(CALASANS, 1984, p. 81)

Figura 11: monumento edificado, em 1942, pela Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS) com o canhão Withworth 32[29]

Fonte: Fundação Pierre Verger

Conforme Relatório do Comitê Patriótico da Bahia (2002), hoje um dos documentos que existem sobre o pós-Guerra, muitas das mulheres, homens e crianças que sobreviveram ao massacre foram degolados/as. Isso significa dizer que antes de trazer aqui a memória de alguns sobreviventes precisamos silenciar, para lembrar as vidas ceifadas nesse campo de extermínio que se tornou a região norte da Bahia, mais especificamente o Belo Monte.

Esse Relatório traz o depoimento do médico Alvim Martins Horcades,

> Eu vi e assisti a sacrificar-se todos aqueles miseráveis (...) e com sinceridade o digo: em Canudos foram degolados quase todos os prisioneiros(...) levar-se homens de braços atados para trás como criminosos de lesa-majestade, indefesos e perto mesmo de seus companheiros, para maior escárnio, levantar-se pelo nariz a cabeça, como se fora a de uma ave,e cortar-lhe com o assassino ferro

[29]Conhecido pelos sertanejos por "matadeira", fincado em um pedestal de concreto, que hoje encontra-se submerso nas águas da represa do Cocorobó."(SÁ, 2010,p.363).

> o pescoço, deixando cair a cabeça sobre o solo-é o cúmulo do banditismo praticado a sangue frio como se fora uma ação nobilitante! Assassinar-se uma mulher, pelo simples falto de ser seu companheiro conivente com o que se dava-é o auge da miséria! Arrancar-se a vida a criancinhas que ainda não haviam sentido o mais leve bafejo da ação corruptora do humanismo, cérebros inconscientes em que não haviam vibrado ainda sentimentos maus e que mais tarde concorreriam para solidificar a muralha pujante que sustenta as crianças republicanas- é o maior dos barbarismos e dos crimes monstruosos que o homem pode praticar (PIEDADE, 2002, pp.16-17).

Lamentavelmente esse é o retrato do Belo Monte, pós-extermínio. O contexto de Guerra se configura na vida das mulheres como um campo de silêncio, pois pouco se sabe sobre suas vidas. Esse relatório traz a descrição de muitas meninas adolescentes que sobreviveram e dentre elas está Maria Domingas,

> Maria Domingas de Jesus, desvirginada pelo soldado José Maria, do 25º batalhão de infantaria, mulata clara de 12 anos, filha legítima de José Júlio dos Santos, morto nos últimos combates e Alexandrina de S.Pedro, prisioneira; é natural dos Palmares onde tem tios vivos e outros parentes (PIEDADE, 2002, p. 226).

Essa menina, que segundo o relato diz que foi desvirginada, significa o mesmo que estuprada. Em sua pesquisa nomeada os campos de estupro e a guerra na Bósnia Andréa Carolina Schvartz Peres vai falar sobre a realidade dessas mulheres,

> Nos campos de estupro, geralmente escolas, armazéns, ginásios, hotéis, as mulheres – principalmente as bonequinhas (muçulmanas bósnias) – eram obrigadas a ter relações sexuais com mais de um soldado e várias vezes. Algumas ficavam presas durante meses até engravidarem e não poderem mais abortar. Em termos numéricos, calcula-se que cerca de vinte mil mulheres muçulmanas e croatas foram estupradas durante a guerra (PERES, 2011, p.119).

Esse relato embora seja de outra realidade a situação de guerra e das mulheres se encontram no sentido de que esses corpos continuam sendo objetificados e desumanizados, servindo como instrumento de desejo dos soldados. Nessa direção, para as mulheres, a guerra tem uma dimensão mais cruel, uma vez que esses corpos se constituem como propriedades do estado e dos homens.

> (...) os estupros de mulheres durante a guerra na Bósnia são um tema tabu. Com exceção de Bakira Hasečić, que tornou público seu sofrimento e o transformou em uma bandeira política para todas as mulheres estupradas no conflito, pouco se sabe sobre quem elas são e quem são seus filhos. Ou seja, o lugar oficial da mulher na guerra, mesmo quando vítima, é um lugar fora dela. Daí o silêncio, sua despersonalização, sua despolitização (PERES, 2011, p. 119).

As posturas das mulheres no contexto de guerra precisam ser rememoradas, a fim de que compreendamos suas maneiras de recriação em ambiente totalmente controverso. A postura de Dona Josepha, que foi degolada por não se render ao exército revela o ambiente hostil, o qual enfrentava as mulheres,

> Entretanto, d. Josepha era arrastada para a tenda do commandante, a fim de saber o destino que lhe deviam dar. Chegou lá, aos empurrões, espancada pelos soldados, depois de ter por varias vezes, num acesso de loucura furiosa, resistido a unhas e dentes a seus aprisionadores. Com os cabellos e a roupa em desalinho, o olhar desvairado, a physionomia trágica, d. Josepha ergueu altivamente a cabeça deante do official que a interrogou. — Como te chamas? — Josepha Alves, mulher de Luiz Alves. — Que é do teu marido? — Está no céo. Com esta resposta, o official fez um movimento de impaciência, ou de contrariedade e disse-lhe asperamente: — Explique-se. Que quer dizer com isso? — Quero dizer que morreu. Neste ponto, o interrogante, assentado junt o de uma mesinha de campanha, onde trabalhava, baixou a cabeça, sem dar destino á prisioneira. Fez-se uma pausa. Então, outro official approximou-se da mulher e perguntou-lhe:, — Que estavas fazendo lá, com os inimigos da república ? Então, tiveste a audácia de tomar uma carabina para atirar contra nós? D. Josepha mediu-o de alto a baixo, com um olhar friissimo, onde se lia ao mesmo tempo o mais solemne dos desprezos. Agarrada pelos soldados, apresentada assim brutalmente deante dos offioiaes, aquella mulher jagunça, que ainda não havia muito uivava como loba, ao tempo da lua nova, pelas estradas tristonhas, assumiu um ar de tão soberana altivez e energia, que seu rosto e seu porte tomaram subitamente o cunho da belleza olympica, daquella belleza ideal e forte, eleita pelos artistas da idade de ouro para symbolisar Athsné armada de lança, coberta com o elmo de bronze, symbolo sempiterno da gloria e do triumpho. Então, importunada pelas perguntas, a sertaneja simples revelou-se heroina deante dos matadores de seu marido, dos perseguidores de sua casa, dos inimigos de sua fé. — Querem saber mais?—exclamou—Querem que eu diga tudo, não é? Pois lá vai: meu marido morreu de ferimentos recebidos em Cocorobó. Um sobrinho meu cahiu também all i assim, olhem, depois de ter atirado mezes e mezes oontra vocês todos. Um cunhado meu também morreu, mas matou muito diabo desses. E, se eu não peguei também na espingarda, na faca, na mão de pilão, no diabo, para vir matar soldado, foi de boba que eu sou. Nesta hora estou chorando lagrimas de sangue de arrependimento. E agora? Querem mais? Acabem commigo de uma vez, que nós de Bello Monte, ou seja homem, ou seja mulher, ou menino, não temos medo de ir parao céo, com o favor d'Aquelle que está lá de cima vendo este despotismo todo. Deixaram-na falar até ao fim, sem interrompei-a. Afinal, o mesmo official que estava assentado gritou: — Levem, levem, levem essa mulher daqui p'ra fóra ? Junto á porta da barraca, estava um cabo e dois ou tres soldados, que não esperavam por outra cousa. Arrastaram a mulher para fóra e lá deixaram na barraca os officiaes. Em seguida, os tres verdugos cruéis, que se tinham transformado em monstros no correr da lucta pavorosa contra Bello Monte, ligaram os braços da mulher nas costas e, tocando-a para deante, apontaram-lhe com um risinho perverso a orla da catinga. — Já alli , que tu vais ver ? D. Josepha obedeceu e marchou com o passo firme, a cabeça erecta, lançando apenas um olhar muito rápido de adeus para o lado de Bello Monte, onde viviam ainda seus dois filhinhos. Ella bem sabia que tinha de morrer. E aquelle olhar de adeus transluziu todas as energias de esposa que fora feliz, toda a essência dos affectos maternaes, toda a fé profunda na justiça de Deus. Não levou muito tempo para que o facão do algoz, no meio da catinga deserta, cortasse o ultimo suspiro de d. Josepha. Foi degollada a jagunça (ARINOS, pp. 417-419).

Além de Dona Josepha, outras mulheres foram degoladas, era grande o número de mulheres que diante da fome, da seca precisavam fugir, mas a única saída era se entregar, entretanto muitas não aceitaram e essas tiveram que pegar em armas para se defender,

> Que é que nós havemos de fazer com esse mundo de mulheres e de meninos, que nem lugar, nem de comer tem para elles aqui? Os soldados não hão de matar essas coitadas, e como é que eu hei de carregar com ellas daqui para fóra, se ellas nem mais andar podem? Depois de mais alguma discussão, ficou assentado

> seguir a ideia de Antônio Beato. Este iri a ao acampamento inimigo propor a rendição. Conforme fosse a resposta do general, sahiriam as mulheres, as crianças e os velhos. Quem pudesse luctar ainda, luctaria até á morte. As mulheres que não quizessem ir, ficariam, mas tinham de pegar também na carabina. Pachóla tinha sido incumbido/pelo Conselheiro de levar para fóra de Bello Monte a gente que pudesse salvar, no caso de ser tomado o último reducto da cidade santa. Mas era tão grande o número de mulheres e crianças, e tão miserável seu estado, que a única probabilidade de salvação para ellas seria confial-as á generosidade do inimigo. Por isso, Luiz Pachóla concordou com Antônio Beato, ficando certo, entretanto, que se esforçaria o mais possivel por salvar as que se recusassem a i r para o acampamento inimigo. Ao mesmo tempo, elle começou a estudar o meio de salvar as que não quizessem obedecer áquella combinação (ARINOS,1898. p. 437).

Ainda assim, muitas das mulheres ficaram e pegaram nas armas, talvez não tanto por querer, mas, diante de uma situação que o fim seria a degola, era necessária uma reação.

> A muito custo conseguiu elle levar para lá a pobre da velha, que trouxe consigo uma filhinha de Luiz Alves. O irmão desta fôra para o acampamento inimigo no meio do povo que Beato guiou. Sem pai, sem mãe e sem o único irmão, a menina fioou lá perdida, correndo de uma casa para outra, chorando. A velha a encontrou assim. Na lapa abrigaram-se também José Pequeno e seu irmão mais moço. Em duas outras furnas, esconderam-se outras mulheres, á espera do termo fatal. Outras, porém, feridas ou não ficaram ao lado dos luctadores. Empunhavam a carabina com as mesmas mãos que elevavam aos seios quase seccos os filhinhos famintos (ARINOS, 1898, pp. 445-446) .

O manto do silêncio que cobre a trajetória das mulheres na guerra precisa ser retirado, de maneira que sejam reveladas suas posturas e atuações diante de um contexto tão devastador que as afeta de múltiplas maneiras,

> A posição e o papel da mulher na guerra reflete sua posição e papel na sociedade, mas também na coletividade nacional. Por mais que a mulher seja um ator importante na arena nacional, não somente pelo seu papel biológico crucial, como também na reprodução cultural da nação, a maioria das teorias da nação e do (s) nacionalismo(s) ignora ou minimiza a relação de gênero (PERES, 2011, p. 155).

O olhar que reduz as mulheres a análises biologizantes, ou que enquadram em contextos a elas destinados precisa ser desconstruído uma vez que as suas atuações quando narradas, se confrontam com o discurso que naturaliza a feminilidade como uma característica que é passiva e submissa e que é inerente as mulheres. Esse discurso só pode se constituir uma tentativa de ocultar todas as trajetórias de lutas e subversões, as quais muitas mulheres defenderam e em troca perderam suas vidas.

2.4 Maria Guerra:

Conforme relatório do Comitê Patriótico da Bahia, designado para atender os soldados feridos após o massacre, diante do contingente de sobreviventes, teve que

socorrer as mulheres e crianças, vítimas do Arraial do Belo Monte, as quais se entregaram e ficaram até o fim:

> Não foi pequeno o número de vítimas que socorremos e abrigamos entre mulheres, crianças e meninos de ambos os sexos, que conseguimos reunir debaixo de nossa bandeira de caridade evitando a uns a morte pela falta de conforto e a mingua de recursos, a outros a verdadeira escravidão em que se achavam e, porventura, a prostituição no futuro: e é para lamentar que só tardiamente, como foi acontecer chegassem ao conhecimento do Comitê Patriótico,a prática condenável de certos abusos e o estado de verdadeira miséria e abandono em que se achavam as desgraçadas prisioneiras de Canudos, muitas das quais, mortas de inanição ,sem que uma só alma caridosa lhes procurasse salvara vida,misnistrando-lhes o cuidado e os meios indispensáveis a manutenção da existência.Eram assim tratadas como entes vis e objetos, indignos de toda piedade e clemência (PIEDADE, 2002, p. 174).

Após todo o morticínio, dos dois lados, muitas mulheres morreram e algumas sobreviveram ao massacre e se tornaram prisioneiras do Exército Brasileiro, as mesmas segundo relatos de Dona Duru (2019) e Zefinha (2019), foram levadas para a capital Salvador para trabalhar de empregadas domésticas ou na prostituição e dentre essas mulheres, uma que temos ainda registros é a figura de Maria Guerra, mulher que sobreviveu ao massacre, foi levada para a capital, junto com outras mulheres e decidiu voltar para o Belo Monte em busca de seu companheiro, pois sabia que eles estariam vivos. De acordo com relato de Dona Duru.

> *E minha bisavó tava no arraial mermo onde tava findando a guerra, onde tavam brigando, ficaro, ai foi tempo que eles cercar o canudos, aí nem entravum, nem saium.aí eles ficaro doido.ai quando cabou-se a guerra, levaro eles para salvador, muita gente né,os prisioneiros, as prisionaeiras pra salvador. aí quando chegar o lá, pássaro três meses, aí eles perguntaro se elas queriam voltar , aí dissero que queriam, sabiam que os maridos num tinham morrido não,sabia que num tinha morrido. aí elas voltar o aí quando chegaro acharam os maridos vivo e aí foram retornar a vida de sofrimento né. que tinham acabado tudo, maior sofrimento* (DURU,2019).

Zefinha, quando entrevistada sobre a presença de mulheres no Belo Monte vai trazer a figura de Maria Guerra:

> *Então, mas com certeza algumas mulheres tiveram de pegar em armas, ora no desespero né de ver, seus entes queridos, ver morrendo, é o seu ideal, o seu sonho indo água abaixo, ser tirado, sem dúvida algumas delas com certeza pegaram em armas, agora registros mesmos, a única que pegou em armas foi Maria guerra, inclusive irmã das minhas duas avós*. (ZEFINHA, 64 anos, 2019).

Maria da Guerra conforme relatos de Zefinha (2019) também foi parteira e lavadeira das roupas de Antônio Conselheiro. Além disso, também contribuiu para ajudar os doentes e feridos. Conforme Dona Duru, também moradora da atual Canudos e uma das mais velhas descendentes de conselheiristas, Maria da Guerra, no pós-guerra, sendo prisioneira do exército brasileiro, quando reivindicou a volta ao Belo Monte, recebeu do

governo da Bahia o Salvo Conduto, a fim de não ser perseguida pelo governo do estado, ainda receioso de surgir uma nova revolta, pois o Exército não conseguiu prender todos os homens, alguns fugiram como relata a poesia popular:

Derramaram muito sangue
Levaram a vida em matar
Lhe concedo duas horas
Que venham se apresentar
Eles ficaram e mandaram
As mulheres se entregar.
(Calasans, 1984, p. 39)

É com objetivo de trazer a memória destas mulheres, acima citadas como objetos e destituídas de toda humanidade que buscamos a memória de Maria da Guerra e tantas outras mulheres que construíram o Belo Monte. Seguimos trilhando os caminhos da oralidade, recolhendo memórias, dizeres, recuperando nomes, cidadanias e histórias que merecem ser contadas e recontadas nessa história. Nesse trajeto, os relatos das mulheres descendentes de conselheiristas como assim se designam, para nos contar sobre as histórias das mulheres do Belo Monte, foi um caminho que buscamos para entender essa invisibilidade, que ainda é presente em nossa história. Quando questionada sobre as poucas e resumidas informações sobre as mulheres na história do Belo Monte Zefinha se coloca em relação a essa situação

> ...eu atribuo isso ao machismo, é o preconceito, o machismo, que na verdade ainda existe, imagina naquela época. O machismo você vê, os escritores, os pesquisadores, só pesquisavam mais essa parte da atuação masculina, entendeu? O gênero masculino. Mulher ficava no anonimato, inclusive eu pouco conto esse fato, porque eu quando garota eu queria muito saber a história de canudos, né? Assim, mas eu acho que era como os mais velhos diziam o sangue na verdade, corria nas veias, então, eu se muito eu tivesse era nove anos, de sete a nove anos, a então eu preparei um bloquinho, um lápis com borracha e quando sair de férias eu vou perguntar a minha vó paterna, eu vou perguntar a minha vó. Ai eu fui lá pra roça, perto, que pertence a bendegó, antes de bendegó, aí eu fui, nas férias aí eu fui, com essa expectativa, ai lá um dia eu cheguei e perguntei, comecei a fazer as perguntas a ela, aí eu perguntei, sim ai ela começou a falar aí ela disse era assim, ele era um homem muito bom de fé, aí em meio a conversa ela falou assim, as mulheres se ajoelhavam pra cumprimenta-lo e dava louvado seja nosso senhor jesus cristo né? A ele. Ah patrícia, eu, imagina naquela época, eu era muito garota, aí eu achei isso um espanto, ah! Porque naquela época eu ouvia dizer que ajoelhar, eu não liguei o ajoelhar com a igreja, com a religiosidade, eu liguei ao comportamento né, da pessoa. Digamos assim eu ouvi dizer, fulano se ajoelhou, se humilhou, então pra mim, se ajoelhar era humilhação. Aí eu fiquei chocada, aí eu pronto parei por ali, eu fiquei um tempo pensando, como é que eu ouvi falar que o conselheiro era tão bom e humilhar as mulheres desse jeito!? Foi eu pensava assim, eu, na verdade eu posso ser até uma feminista, né? Eu num demonstro muito, mas na verdade eu contesto muito o machismo, inclusive até nessa época né? Quando eu vi essa expressão aí foi água baixo. Dessa vez eu já

> não perguntei mais nada pra ela. Aí deu um tempo. Quando eu voltei lá. Sim aí eu perguntei a minha tia, titia porque as mulheres se ajoelhavam pra falar com o conselheiro? Aí minha tia até riu, né? Da minha pergunta. Ah minha filha é porque era uma saudação, as mulheres se ajoelhavam, as beatas, pra cumprimentar o conselheiro com uma saudação que ele era um homem de fé , de respeito. Ah sim! Aí eu fui amenizando... (ZEFINHA, 2019).

Esse depoimento de Zefinha nos traz muitos elementos e reflexões. Primeiro a compreensão dela de que não era justo um gesto de submissão por parte das mulheres, ou seja, ela se coloca como alguém que questiona a estrutura estabelecida, de maneira a querer entender o porquê daquele gesto que aos seus olhos soavam como humilhação. Dentro disso, se posiciona como uma mulher que não aceita as imposições ainda que elas venham de alguém que deva ser reverenciado.

A voz de Zefinha como descendente de Conselheirista nos leva a trilhar no caminho da bibliografia, para entender porque as histórias dessas mulheres foram enterradas. Em seu artigo violência de Gênero e Papéis Femininos em Canudos, Lina Maria Aras e Wálney da Costa Oliveira, trazem a luz a centralidade da história de Canudos nas figuras masculinas e a invisibilidade das Mulheres. Também coloca em questão o apagamento da memória dos/as "vencidos/as".

> O número de mulheres acompanhando Antônio Maciel era grande e as descrições que se fornecia sobre elas não se distanciavam daquelas elaboradas nos períodos anteriores, quando da ocorrência das secas que deram início ao processo de migração das populações atingidas pelas estiagens (ARAS, OLIVEIRA, 2001, p.50).

Michele Perrot, em sua obra Os Excluídos da História, nos coloca frente a questões referente a exclusão das Mulheres da História (PERROT, 1992) e em consequência disso sua invisibilidade. A autora, no apontamento sobre a "Mulher Popular e Rebelde", também traz relatos de atuações destas Mulheres em movimentos e manifestações: "Os Motins por alimentos, grande forma de motim popular ainda no século XIX, são quase sempre desencadeados e animados pelas mulheres" (Idem). Todavia pouco se sabe sobre esses movimentos e atuações das mulheres.

Nesse sentido, na busca de rememorar desde as mulheres que resistiram até aquelas que permanecem em luta para manter viva a memória é que retomamos o Relatório do Frei João Evangelista, no qual ele descreve algumas mulheres e seus afazeres ainda no Belo Monte:

> As mulheres se occupam em preparar a comida, coser e enfeitar os gorros de que usam os homens; e á noite vão cantar Bemditos na latada. accendendo fogueiras quando é tempo de frio. Os homens estão sempre armados, e dia e noite, montam a Antonio Conselheiro; parecem idolatral-o e cada vez que elle transpõe o limiar

> da casa em que mora é logo recebido com ruidosas acclamações e vivas á Santissima Trindade, ao Bom Jesus e ao Divino Espirito Santo (CALASANS, 1997, p.10)

Mesmo sendo contra o Belo Monte,em seu relatóriao, Frei João Evangelista traz algumas informações em relação as mulheres. Contamos também com a poesia popular que nos traz importantes informações sobre a ação das mulheres de Canudos:

As mulheres de Canudos
Guerreiam com água quente
Os meninos com pedradas
Fazem voltar muita gente
(Sergipe, Calasans,1989).

Esse relato da poesia popular dialoga com o que Michele Perrot, traz na luta das mulheres populares contra as máquinas no século XIX, onde as mesmas atiram pedras contra a guarda nacional (PERROT, 1992), em defesa de seus trabalhos e em consequência disso, de suas famílias e sobrevivência.

Essa postura das Mulheres também como guerreiras que contribuíram de maneira significativa para a resistência no Belo Monte, habita também as mulheres da Canudos dos Pós-Guerra que lutam para manter a memória e história daquelas que resistiram ao lado de Antônio Conselheiro.

Esse capítulo sobre Maria Guerra, requer mais pesquisa. Apesar de termos tido acesso a alguns relatos sobre sua história, poucos registros existem, assim como de outras mulheres que habitaram o Belo Monte. Quem sabe em uma pesquisa mais profunda, possamos mergulhar na oralidade em busca de memórias que ainda permanecem vivas.

2.5 As mulheres e a romaria de canudos

Figura 12: Cartaz de divulgação da Romaria de Canudos 2019[30]

Foto e arte gráfica: Lekinho Oliveira.

2.6 A Participação na Romaria de Canudos 2019[31].

No caminho em busca de trazer a luz das novas narrativas acerca do Projeto Social, Político e Religioso, que seguimos nos rastros da religiosidade do Belo Monte a Canudos do Pós-Guerra em busca das expressões religiosas que ainda permanecem vivas no imaginário dos/as Coselheiristas: descendentes de sobreviventes da Guerra, que ainda vivem em Canudos e buscam proteger a memória e luta deste Povo. A Romaria de Canudos cujo tema: ***32ª Romaria de Canudos: Tema - Canudos, Terra Fértil de Esperança e Liberdade; Lema - Que não nos Roubem a Memória e a Fé é*** uma possibilidade para entendermos essa religiosidade.

Em outubro de 2019, ainda residindo em São Paulo, sigo para Canudos, duas horas de voo até Salvador e 10 horas de ônibus até Canudos. Uma viagem que me presenteia na primeira parada em Feira de Santana/BA com a companhia de uma Freira, já idosa que também estava indo para a Romaria. Nesta longa viagem conversamos muito, sobre Canudos, sobre viver naquela região tão carente de recursos, de políticas públicas e que sofre com a seca. Depois de uma longa viagem, chegamos a Canudos, acolhidas por outras freiras. É muito forte a presença das freiras na organização da romaria, na acolhida dos/as romeiros/as.

---

[30]Homenageando Júlia Maria dos Santos (Dona Duru), como a mais velha descendente de sobreviventes de conselheiristas. Elaborado por Lekinho Oliveira, produtor cultural de Canudos Bahia.

[31]Relato de minha participação e pesquisa na 32ª Romaria de Canudos em outubro de 2019. A participação nesse evento foi muito significativa, pois trouxe muitos elementos importantes. Como é um fato do presente, me limitei a explorar isso em outros momentos, pretendendo retomar em uma pesquisa futura.

No mesmo dia em que chegamos a programação no Memorial Antônio Conselheiro já estava sendo realizada. Uma atividade que me surpreendeu foi pesquisa de um grupo de estudantes do ensino médio sobre a presença das mulheres na guerra, fiquei muito animada em saber que dessa discussão entre jovens e a fonte da pesquisa, foi o historiador José Calasans. Conversei com algumas das meninas e com a professora sobre a minha pesquisa. No fim da programação, foi transmitido o filme Bacurau em área aberta para toda comunidade, se constituindo em uma experiência incrível.

No segundo dia da Romaria, seguimos para o IPMC- Instituto Popular e Memorial de Canudos, local das atividades da Romaria. Lá estavam as freiras e as leigas da comunidade assumindo a organização do espaço, inclusive contribuí com esse momento, auxiliando na ornamentação do ambiente. Assim, organizamos o espaço para a abertura da 32ª Romaria de Canudos. O Tempo todo como pesquisadora, me questionava sobre o lugar das mulheres, inclusive percebia que elas sempre estavam a frente de tudo, desde a organização até servir a comida. O meu objeto me exigia essa atenção e observação sobre o lugar que era ocupado pelas mulheres, o que só é possível de saber, vivenciando e participando deste evento.

Durante todo o dia muitas atividades realizadas no Memorial Antônio Conselheiro, com debates sobre a memória de Canudos, lançamentos de livros e shows com artistas locais. No último dia, pela madrugada a Romaria de Canudos, propriamente dita, a caminhada até o Memorial Antônio Conselheiro, com celebração e apresentações teatrais durante o trajeto. Eram poucas pessoas da cidade, sendo que a maioria tinha vindo de outros lugares para participar do evento. Esse não engajamento deixou um questionamento: porque o contingente na Romaria era mais de forasteiros/as do que pessoas da cidade? Foi uma pergunta que me acompanhou.

2.7 As Mulheres e a Romaria

Esse tópico, que nos tira de um lugar/tempo muito distante, de maneira brusca e nos conduz a uma Canudos atual, foi pensado justamente para entender a Romaria de Canudos como um dos espaços onde se busca rememorar a luta e resistência das mulheres e homes do Belo Monte. Entendendo a Romaria de Canudos com um lugar religioso que se propõe a manter viva a memória do Belo Monte, resolvemos trabalhar esse evento como parte da ação política das mulheres.

As Romarias Judaico-cristãs são manifestações da religiosidade Popular que segundo Giuliane Frozoni, são marcadas pela caminhada, viagem e deslocamento (FROZONI, 2012, p. 43). No caso de Canudos, a Romaria agrega pessoas da cidade e de outras localidades, estudantes, pesquisadores, religiosos que vêm não apenas manifestados pela fé, mas também em busca de conhecer a história do Belo Moonte/ Canudos, preservada materialmente no Cruzeiro e nas madeiras (um dos motivos do primeiro conflito em Uauá-BA), presentes no IPMC- Instituto Popular Memorial de Canudos. As madeiras foram doadas ao Instituto e o Cruzeiro permanece até hoje, com relatos orais de que balas de canhão não conseguiram destruir e que muitos dos que permaneceram em Canudos durante a Guerra se protegeram atrás deste Cruzeiro.

Trilhando as veredas das Romarias e peregrinações é que nos colocamos a descrever um pouco sobre a Romaria de Canudos. Este evento acontece em três dias, que são antecedidos por novenas em torno do Cruzeiro e segue com programação desde o IPMC, Memorial de Canudos e Mirante. É um importante momento onde se visita os locais que foram cenário da Guerra, onde hoje está o Parque Estadual de Canudos, construído pela UNEB-Universidade Estadual da Bahia, bem como as ruínas da Igreja do Belo Monte ou Canudos "velha" alagada pelo açude de Cocorobó[32], conforme canta Fábio Paes:

Dentro do Cocorobó
Ouviu-se o Grito
Por almas inundadas
Raquel Chorou
Geme o povo dos sertões
Soltam gritos
Gritos de dor...
(Compositor: Fábio Paes)

Este evento recebe Romeiras e Romeiros de vários estados do Brasil e também de cidades vizinhas. Muitos chegam antes a cidade e conforme seus interesses visitam o Museu, o Mirante, o IPMC- Instituto Popular e Memorial de Canudos e o Parque Estadual de Canudos.

[32] Nos anos de 1930, os trabalhadores que labutavam na abertura da Estrada Transnordestina, cujo traçado por ali passava, foram-se assentando no local. Seguiu-se a construção do vasto açude de Cocorobó pela Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca – futuramente Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (IFOCS, depois DNOCS) –, quando o povoamento se intensificou graças às novas levas de mão-de-obra.. Guardou-se por ali a lembrança de que teria sido Getúlio Vargas, visitando a região nos anos 40, quem prometera a providência tão necessária. A represa aproveitou a depressão constituída pelo desfiladeiro ou garganta quase inexpugnável – o passo de Cocorobó – onde um dos mais renhidos combates da campanha se travara (GALVÃO, 2002, pp. 69-70).

A categoria Romeiro/a é peça importante para entendermos esse público que sai de seu lugar e se dirige em caminhada. Nesse sentido, o perfil do Romeiro, da Romeira se constitui de uma busca pelo sagrado por meio de uma peregrinação difícil que é como uma espécie de penitência. “A distância ao invés de desanimar, atrai e justifica o/a Romeiro/a”. (SOUSA, 2013, p. 81).

O Caminho que faz o Romeiro, a Romeira é fundamental neste ritual, uma vez que há um deslocamento de seu lugar, conforme Frozoni a viagem é um fator muito importante de se considerar nesse processo, pois:

> De qualquer maneira o que se pode dizer é que apesar da diversidade de ritos,a viagem caracteriza-se como um tempo favorável e sobretudo necessário a preparação do romeiros que aos poucos vão se tornando mais sensíveis a experiência religiosa (FROZONI, 2012, p. 95).

No Caso das mulheres romeiras o perfil, conforme as autoras, Sandra Célia e Carolina Teles, sobre o público de Bom Jesus da Lapa,

> Dados fornecidos pela Central de Atendimento aos Romeiros do Santuário de Bom Jesus da Lapa e confirmados, através da observação de campo, nos levam a afirmar que a grande maioria das pessoas que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa são mulheres e em grande parte, são idosas. Essas mulheres se enquadram aqui em duas categorias, que são a de coordenadoras de romaria e romeiras comuns. No que se refere ao perfil das mulheres coordenadoras de romarias, todas são casadas na Igreja Católica. Quanto ao nível de escolaridade, constatamos que todas têm o primeiro grau completo. Identificam-se como católicas fervorosas, exercem atividades religiosas na sua comunidade e algumas trabalham ou trabalharam fora do lar. Reiteramos que as coordenadoras que participaram da nossa pesquisa são aposentadas e apenas uma é comerciante. O perfil1 da mulher romeira varia conforme a região. Todas as entrevistadas se encontram na faixa etária entre 50 e 70 anos e têm o seguinte nível de escolaridade: três possuem o ensino fundamental, quatro o primeiro grau, uma o segundo grau (magistério), e apenas uma tem o curso superior. Uma é analfabeta. A maioria delas tem como profissão do lar, outras se enquadram como empregada doméstica, lavadeira, costureira, trabalhadora rural ou professora. (OLIVEIRA TELES, 2016, p. 456).

Aqui queremos discorrer um pouco sobre a presença das mulheres na Romaria e fazer algumas considerações sobre o lugar dessas mulheres no cristianismo. No trabalho sobre religião e gênero na romaria de Bom Jesus da Lapa, Sandra Célia e Carolina Teles, situam o gênero e sua conexão com o cristianismo por meio da presença das mulheres na Romaria. No olhar das autoras,

> No cristianismo, a carência da presença do feminino perante um Deus masculino só é compensada pela figura de Maria. Ainda assim, surge como um problema para a mulher, porque ao lado de Maria se contrapõe a figura de Eva, responsabilizada por todos os males no mundo. Dessa forma, a mulher cristã se vê entre as duas figuras: uma, Maria, foi divinizada. A outra, Eva, condenada pela entrada do pecado no mundo, sendo estigmatizada como símbolo de perdição para o homem, como causa de pecados da carne. Assim,

> tradicionalmente a religião contribuiu para a manutenção da dominação masculina sobre o gênero feminino. Por tradição, na religião cristã os papéis são assim distribuídos: aos homens cabe estruturar, normatizar, implantar os dogmas religiosos cabendo às mulheres a transmissão, permanência e manutenção de tais práticas religiosas. Como reflexo dessa concepção forjada pelo sistema patriarcal, espera-se da mulher que ela se dedique a uma espiritualidade (que geralmente implica em negação de si própria, de seu corpo), no papel de provedora espiritual. Assim, torna-se compreensível uma maciça presença das mulheres na Romaria do Bom Jesus da Lapa, bastante desproporcional à participação dos homens, que mesmo acompanhando suas esposas na romaria, não fazem dela uma prioridade em suas vidas. Na Romaria do Bom Jesus da Lapa, se verifica uma participação maciça das mulheres. De acordo com Nunes (2005), há um "investimento da população feminina nas religiões [que se dá] [...] no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão como guardiãs da memória do grupo religioso" (NUNES, 2005, p. 17), como acontece com as romeiras do Bom Jesus da Lapa. Antigamente, o espaço que a mulher ocupava era apenas o privado (a casa ou a igreja). (OLIVEIRA, 2016, p. 455).

Michele Perrot, em seu livro: *"As mulheres, o poder, a história*", aponta para o espaço privado não é apenas dedicado a mulher, que em muitas famílias a figura central é a do homem. (PERROT, 1992). Nesse sentido, a mulher em casa e na igreja possa mesmo realizando a maioria das atividades, ocupar um papel secundário, todavia a autora defende que as mulheres não são passivas, muito menos submissas,

> As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam não bastam para contar sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes, elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência a hierarquia, á disciplina- que denotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história. Outra história (PERROT,1992, p. 212).

O lugar da mulher na Romaria de Canudos se dá na preparação e efetivação. São as beatas, as freiras e leigas que realizam o tríduo que antecede a Romaria, com as rezas, ladainhas e cantos. As mesmas mulheres estão também na ornamentação do espaço, na comida servida durante a romaria. Conforme Frozoni (2012) as Mulheres são maioria nas romarias:

> Interessante perceber a forte presença das mulheres no contexto da Romaria. Elas são maioria nas romarias de todos os estados brasileiros cadastrados na secretaria do Santuário. Há também algumas pesquisas atuais que demonstram que as mulheres têm assumido papel proeminente, inclusive entre os Chefes das Romarias. (Ibidem, p. 46).

A partir desses dados é importante perceber que a atuação e presença das Mulheres é fundamental para a realização dos rituais, neste caso da Romaria. Falamos aqui das mulheres religiosas, das beatas e leigas da comunidade, que estão nos espaços da cozinha, da ornamentação e das novenas. Como bem aponta Maria José Rosado Nunes em prefácio do Livro: Do Hábito a Resistência: Freiras em tempos de Ditadura Militar no Brasil de

Carolina Jaques Cubas[33], o espaço privado também destinado às mulheres, também se constitui espaço de resistência e de ação política (CUBAS, 2018), uma vez que sem presença destas mulheres não haveria o ritual. Nesse sentido, é necessário que se torne visível a história e memória destas Mulheres.

No Capítulo 2, o desafio foi recolher por meio de relatos, citações, histórias, entrevistas, vivências, imagens a memória das mulheres desde o Belo Monte até a atual Canudos. Nesse sentido, sugerimos a partir desse material, ainda escasso, fazer uma discussão, sob a ótica de gênero, raça e classe, a fim de abarcar o contexto histórico, geográfico e identitário no qual estavam inseridas essas mulheres. Dessa maneira, a consulta e leitura de autoras que discutem as opressões de maneira interseccional foram fundamentais para essa reflexão. Por fim, em relação à Romaria de Canudos e as mulheres, a ideia foi uma provocação para se pensar essas mulheres enquanto mantenedoras e guardadoras da memória e da história do Belo Monte.

[33]CUBAS, Caroline, J. ***Do hábito à resistência*****:** Freiras em Tempos de Ditadura Militar no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2018. 224p. (Prêmio de Pesquisa Memórias Reveladas).

CAPÍTULO 3 - BELO MONTE DAS MULHERES: SABERES E PRÁTICAS COTIDIANAS

3.1 Onde estão elas?[34]

Jagunças, cangaceiras
vaqueiras, catingueiras
sertanejas, mestiças
rezadeiras, benzedeiras
parteiras, guerrilheiras
beatas, mães ,sertanejas
indígenas, negras
onde estão elas?
nas árvores, nas trincheiras
nas tocaias? nas serras azuladas
no recanto do canto das araras?
cantadeiras?
no profundo raso da catarina
catarinas?
quais seus nomes? seus sonhos?
seus desejos? suas canções, suas
crenças? seus amores?
como seria o som de suas vozes?
a cor de seus olhos? a sua face? seu
cheiro?
em busca de vossas memórias
farejamos a história
E haveremos de encontra-las!

(Patricia Oliveira da Silva/São Paulo 2020).

Neste capítulo a proposta é discutir o lugar da religião popular nos estudos da Religião e sua ligação com os saberes da benzedura, do rezo e do partejar, além disso, analisaremos as narrativas dos saberes realizados pelas mulheres do Belo Monte, sua relação com as matrizes indígenas e africanas. Buscaremos entender a maneira com a qual esses saberes eram realizados, quais situações as mulheres tiveram que enfrentar para manter vivas suas práticas. Mais que descrever esses fatos, o objetivo é por meio de pesquisas bibliográficas, rememorar os nomes, relacionar as práticas das mulheres do Belo Monte com a de outras mulheres que as realizavam em contextos diferentes, mas que se encontra em diversas narrativas e histórias. Além disso, pretende-se também trazer as narrativas de homens que também praticavam rezas e benzições no Belo Monte, colocando em questão a construção desse papel como essencialmente feminino.

[34] Onde estão elas? Poema de Patricia Oliveira da Silva, construído durante o processo de pesquisa.

3.2 Religião Popular e Cultura Popular dentro dos estudos da Religião

Ao começar esse capítulo com muitas questões em relação aos estudos da Religião e ao debate entre religião e cultura proposto por autores como Pierre Sanchis (2018), Clifford Geertz (2006), nos deparamos com a necessidade de entender os conceitos de religião e cultura, tendo em vista que os saberes populares aqui analisados se enquadram como religião popular e também como cultura popular, nas palavras de Pierre Sanchis,

> Religião é cultura. Mas religião não se confunde simplesmente com cultura. É cultura no superalativo. Põe em jogo uma totalidade, e sob o prisma do absoluto. Totalidade do mundo, explicação a mais global, em princípio, sem resto.E que implica ao mesmo tempo dinamismo para viver e balizamento para o engajamento nesta vida (ética).(SANCHIS, 2018, s/p).

Partindo deste conceito de religião, que se coloca de maneira universal, percebemos a necessidade da reflexão proposta por Sérgio Ferreti (2007) sobre as definições de religião popular e religião oficial, sendo que essa é a categoria que desejamos discutir,

> A religião popular é sempre definida em contraste com a religião oficial e não se pode discutir sobre religião popular sem referências à dimensão do poder. Em sua forma popular a religião influencia e é influenciada pela sociedade e pela cultura. Chamam a atenção para a noção de hábitus desenvolvida por Bourdieu, para as experiências acumuladas no passado, condicionadas pela estrutura social. Para ambos o poder se relaciona ao acesso a produtos escassos e o contato com o mundo dos deuses e dos espíritos pode se tornar uma fonte de poder. (FERRETI, 2007, p.1).

Gilson Xavier de Azevedo e Carolina Teles Lemos, em seu trabalho nomeado *"Benzei-os, meu Pai. Benzei-os": as representações de cura de benzedeiras no meio urbano da cidade de Quirinópolis, GO,* (2020) nos inserem um pouco na cronologia da origem da religiosidade popular,

> O viés da religião popular é uma constante no Brasil desde os idos de 1500. O fato de a cultura erudita estar distante do Novo Mundo fez com que aqueles que aqui transitavam desenvolvessem sua própria cultura, sua linguagem, sua medicina de uma maneira peculiar, popular, campesina e pouco erudita. A formação da cultura popular se dá pela necessidade de se dimensionar problemas e soluções para um contexto de ausência completa de recursos estruturantes da nova vida que muitos vieram ter aqui. A carência de recursos tornou-se geradora de oportunidades e de novas estruturas não menos fortes que as ditas oficiais (AZEVEDO, LEMOS, 2020, p. 364).

A religião popular aqui proposta como em contraste com a religião oficial é construída por grupos subalternos (CUCHE, 1999), que devem ao esforço de resistência das classes populares a dominação cultural, ou seja, nas palavras de Sérgio Ferreti: As formas populares de religião são consideradas como de menor prestígio na sociedade (FERRETI, 2007, p.1).

Com base na discussão a respeito do lugar da religião popular na sociedade, buscamos nesta reflexão entender o lugar em que se situa os saberes populares aqui propostos e seu confronto com um conceito hegemônico de religião que se materializa no que chamamos aqui de religião oficial,

> Para a Igreja Católica a religiosidade popular é considerada como inculturação ou enraizamento da religião na cultura local. Segundo Elcion Ribeiro (1985), a religiosidade popular latino-americana tem um fundamento histórico católico, com forte influência indígena, com elementos como o messianismo e influências cósmicas e africanas, que acentua entre outros elementos a festividade, a música e o culto aos antepassados. É difícil porem definir palavras como povo, popular, religiosidade. (FERRETI, 2007, p.1).

Dentro dos estudos da Religião, os saberes populares como a benzedura, a reza, o partejar e o curandeirismo estão incluídos na categoria que já introduzimos no segundo capítulo que é o catolicismo popular, embora como discutido, estejam presentes dentro dessas práticas, elementos de outras religiões como as afro-brasileiras e indígenas. Segundo Sérgio Ferreti em seu trabalho sobre Festas Populares, discutir religião popular e cultura popular implica em relações de poder e dominação. As culturas populares são em certos aspectos mais marcadas pela dependência em relação a cultura dominante e, ao contrário, em outros aspectos mais independentes (CUCHE,1999). O que significa que a religião popular não existe sozinha, ela nasce das classes empobrecidas em contraste a uma religião que domina, porém, não desligada desta.

A discussão aqui proposta no que respeita a religião popular se dá no sentido de valorizar, reconhecer e respeitar essa categoria e as práticas que estão ligadas a ela como autênticas. Em relação a essas práticas nos referimos as afrodescendentes e indígenas. Todavia, chegamos a um ponto em que para além das práticas religiosas, notamos a importância de discutir sobre o contingente que é praticante e usuário dessas práticas. Nesse sentido conforme os estudos de Sérgio Ferreti, "No Maranhão, como em todo Brasil, diferente do que ocorre no mundo cristão europeu, a religiosidade popular é a religião vivida e praticada pelos mais pobres, que são também os mais numerosos." (FERRETI, 2007, p. 7).

No caso desta pesquisa, também estamos lhe dando com uma religiosidade exercida por um contingente de pessoas, que viviam no Belo Monte, que eram empobrecidos, ex-escravizados, indígenas e que viviam a margem em uma região que era marcada pelo domínio dos coronéis e latifundiários. Dessa maneira, a religião e os saberes praticados por essa população eram rejeitados pela Religião oficial, a igreja católica, e tratada como seita.

“A religiosidade popular está ancorada em contraposição à religião oficial, mesmo sendo nascida dela,expressando práticas de um segmento social menos favorecido”(FERREIRA,GROSSI, 2012, p. 69).

Nesse caminhar, esse grupo que nos propomos a pesquisar, as mulheres benzedeiras, rezadeiras, parteiras, para além da expressão religiosa que praticam, ocupam um lugar especifico, e compõe um camada da sociedade onde sua condição social, política e econômica interferem de maneira sobrepujante sobre as práticas religiosas que exercem.

3.2. Benzedeiras, rezadeiras e parteiras

Mas sou uma mulher.
Pertenço a outras mulheres.
Sou uma parteira.
(FERREIRA, 2012. p. 79.)

No fim século XIX, ao emergir com o sistema político que trazia em seu discurso a modernidade, a República, surge como uma questão que vai afetar vários setores da sociedade. O saber cientifico, as medicinas atreladas ao surgimento do Novo Regime vão ser responsáveis por denunciar as práticas ancestrais presentes no cotidiano das comunidades. A maior parte pobre da população, sem atendimento médicos adequados, recorrerá aos saberes das mulheres benzedeiras e curandeiras, para a cura de seus males, tanto do corpo quanto da alma. (SOUZA, 2017).

Conforme a autora Silvia Federici[35], em seu livro Mulheres a Caça às bruxas, entre as mulheres, aquelas que eram condenadas ou consideradas bruxas, dispunham de poder na comunidade e saberes ligados ao curandeirismo a magia. (FEDERIC, 2019). A autora conecta a caça às bruxas ao surgimento do capitalismo e a necessidade da Igreja católica de manter seu poder por meio da demonização do feminino e do controle da sexualidade dos corpos das mulheres, nas palavras da autora,

> Os Santos Padres, que no século IV d.C foram ao deserto africano para escapar da corrupção da vida urbana e supostamente das tentações de Eros, tiveram de reconhecer seu poder, sendo atormentados por um desejo que só podiam imaginar como inspirado pelo diabo. Desde essa época, a necessidade de proteger a coesão da Igreja com o clã masculino, patriarcal, e de impedir que sua

[35] - Silvia Federici, em sua obra Mulheres e a caça às bruxas: da idade média aos dias atuais. Tradução Heci Regina Cadiani. Ed. (São Paulo, boitempo 2019), se refere a Idade Média, na qual as mulheres consideradas bruxas foram queimadas nas fogueiras. No caso das mulheres do Belo Monte, não foram queimadas, mas muitas delas foram degoladas.

> propriedade fosse dissipada devido à fraqueza clerical diante do poder feminino levou o clero a retratar o sexo feminino como instrumento do diabo- quanto mais agradável para os olhos, mais mortal para a alma. Esse é o tema central de toda demonologia, a começar por *Malleus maleficarum*, (martelo das bruxas) provavelmente o texto mais misógino já escrito (FEDERICI, 2019, p. 67).

Historicamente a igreja católica teve uma relação conflituosa com as mulheres recusando-se a aceitar suas funções de rezadeiras, benzedeiras, curandeiras e parteiras. Porém eram essas mulheres que sustentavam as comunidades, onde muitos padres e médicos não chegavam. Em seu artigo sobre o Beatismo e Liderança Feminina nas Alagoas, Álvaro de Queiroz, traz informações sobre a liderança das comunidades, a força e protagonismo das mulheres no espaço religioso:

> A igreja viveu quase sem padres em territórios imensos do Brasil e das Alagoas. Foi sustentada por ministros (as) leigos (as): conselheiros (as), eremitas, beatas, benzedeiras ou curandeiras, rezadeiras, entre outros. A igreja-comunidade reuniu-se em novenas, nas festas religiosas, na veneração dos santos. A fé foi transmitida nas famílias, sobretudo pelas mulheres (QUEIROZ, 2010, p. 72).

Essas mulheres em âmbito religioso foram denominadas "beatas", benzedeiras e curandeiras e foram elas que sustiveram não apenas a religião, mas a saúde física e espiritual de muitas comunidades. De acordo com Silvia Federici,

> As mulheres foram aterrorizadas por acusações fantásticas, torturas terríveis e execuções públicas porque seu poder social-um poder que, aos olhos dos perseguidores, era obviamente significativo, mesmo no caso das mulheres mais velhas-precisava ser destruído. Na verdade as idosas podiam atrair as mais jovens para seus hábitos perversos e tendiam a transmitir conhecimentos proibidos, como aqueles referentes às plantas indutoras de aborto, e levar adiante a memória coletiva de sua comunidade (FEDERICI, 2019, p. 71).

As mulheres exerciam seu poder nas comunidades e eram como 'abridoras' e 'fechadoras' de portais, realizavam os rituais, desde o nascimento a morte, esses eram momentos em que as ladainhas e benditos cantados por mulheres estavam sempre presentes.

3.2.1 Benzer, Curar e Partejar

O saber ligado ao benzimento de acordo com Gilson Xavier de Azevedo em seu trabalho: "Das *vassouras aos ramos": o arquétipo das benzedeiras nas antigas bruxas medievais (2015) surge,*

> Os mitos fundantes, a que a benzedura recorre, são os oriundos de várias tradições religiosas que a compõem. Segundo Luc Boltanski (1989, p.62), de modo geral, as funções da benzedeira estendem-se muito além do espaço rural e da confissão religiosa católica. Sendo assim, em cada expressão religiosa em que tal prática se realiza, o mito que a funda é o da expressão religiosa em questão. (AZEVEDO, 2015, p. 129).

Nessa perspectiva, o ato de benzer vai além do âmbito católico, com símbolos e ritos de outras matrizes religiosas. Todavia, nos materiais aqui analisados é perceptível a presença forte da tradição cristã católica na origem das rezas.

> Ao analisarmos o ritual das rezas podemos perceber diversos aspectos que buscam legitimar as referidas práticas. Um desses mecanismos de legitimação é o mito de origem das rezas, quase sempre associada ao tempo bíblico. Deste modo, assim como o catolicismo oficial, as rezadeiras também seriam herdeiras de primeira linhagem da tradição religiosa deixada por Cristo, ou seja, seriam discípulos e discípulas divulgadoras das palavras do Salvador. Talvez mais do que isso, se levarmos em consideração que além de estarem difundindo a tradição deixada por Jesus, as rezadeiras seguem os passos do mesmo, propiciando curas. Devemos esclarecer que tais curas são associadas às palavras mágicas deixadas por Cristo e não às rezadeiras, que seriam apenas intermediadoras da ação divina sobre os homens. Deste modo, observamos que as rezadeiras explicam a origem de suas orações buscando remetê-las ao tempo bíblico, mesclando personagens sagrados com populares do cotidiano (SANTOS, 2010, pp.88-89).

Além da origem das rezas, em relação aos procedimentos seguidos pelas benzedeiras, Elen Cristina Dias de Moura (2009), em sua dissertação de Mestrado sobre benzeção em São Luís do Paratinga no estado de São Paulo, relata como os/as benzedores e benzedeiras se diferenciam dos/as rezadores uma vez que um se concentra na organização de comunidades por meio de orações e utilização do terço, enquanto o outro se detém na cura através de orações, imposição de mãos e remédios caseiros, sem nada cobrar (MOURA, 2009). Ainda seguindo o raciocínio da autora há uma diferença entre a/o benzedeira e a curandeira/o.

> A benzeção, por estar relacionada á cura de algum mal, aproxima-se do curandeirismo. No entanto, emprega-se o termo curandeiro àquele que é dotado de poderes sobrenaturais, receita, remédios para variados tipos de doenças e lança mão de feitiços para a solução de alguns pedidos de seus clientes. Ao contrário de um (a) benzedeiro (a),que é capaz de desfazer um feitiço, mas jamais de fazer um. (MOURA, 2009, pp.29-30).

Sendo assim, apesar das diferenças entre esses dois ofícios, de maneira geral é comum essa terminologia benzedeira/o, rezadeira/o e curandeira/o com as mesmas finalidades: pessoas capazes de oferecer a cura.

Além de entender a genealogia do benzer e da benzedeira é importante problematizar a atuação das mulheres que exerciam e exercem esse ofício e como são vistas pela Igreja católica Oficial, nas palavras de Azevedo e Lemos,

> Nesse contexto, a benzedeira é simbolicamente uma forma religiosa, um sujeito da cura dito não oficial, não formal e canonicamente aceito com reservas pela Igreja Católica. Portanto, primeiro a "benzeção" constitui-se como de origem cultural e, depois, religiosa no Brasil Colônia. Ela enfrentou diversas situações de resistência e perseguições por parte da religião oficial. Não obstante, a ordem

> dos jesuítas constituiu a primeira forma religiosa da cultura europeia, oficial, que pisou no solo brasileiro. A condição de Padroado, ou seja, a regulação da ação religiosa no novo continente erigiu às santas missões, que tinham por função a catequização e o subjugo dos nativos e deportados lusitanos a um padrão social mínimo de convivência (AZEVEDO, 2020, p. 364).

Neste sentido é importante discutir as questões enfrentadas por essas mulheres que se dedicam a esse meio de cura, mas que na maioria das vezes são rejeitadas pela mesma tradição que elas preservam. As autoridades eclesiásticas não aceitaram a atuação das mulheres como rezadeiras e benzedeiras, sendo que segundo Queiroz (2010), o arcebispado da Bahia em 1707, chega a criar leis que impedem a realização de benzeduras, em que não haja a presença de um padre (QUEIROZ, 2010, p.76). Dessa maneira, a igreja Católica perseguia as práticas populares tentando monopolizar o poder de cura, a fim de manter um controle sobre a comunidade. Conforme Irenilda Ferreira Silva em Sua pesquisa sobre as benzedeiras de Taquaratinga do Norte-PE, as perseguições incidiam sobre as mulheres:

> Recaiam, principalmente sobre a população feminina que trabalhava no campo. Conhecedoras de ervas e raízes,eram elas que buscavam através dos seus próprios meios, soluções para problemas de saúde, uma vez que a medicina cuidava apenas dos homens. Acusadas de bruxaria, sofrendo pressões sociais da época, essas mulheres eram perseguidas, oprimidas, rejeitadas, torturadas, punidas e lançadas vivas em fogueiras até sua morte. Tais perseguições eram guiadas pela igreja,a qual , visando defender seus próprios interesses, através do Tribunal do Santo Ofício, durante mais de cinco séculos, produziu mais sanguinários crimes contra a humanidade (SILVA, 2011, p. 08) .

Ainda segundo Irenilda (2011), a medicina se pautava na diferença dos corpos masculinos e femininos, sendo que o feminino entrava no âmbito da moral, sendo julgado como causa de pecado. Então para as mulheres, a alternativa se centrava na aceitação da visão limitada e moralista dos médicos, ou buscar por meio dos seus saberes a sua própria cura.

> Parteiras, curandeiras e benzedeiras substituíam os médicos em muitos lugares da colônia. Conhecedoras de um saber informam sobre o seu próprio corpo, conjurando espíritos, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, estas mulheres compensavam a falta de médicos e cirurgiões, curando as enfermidades das pessoas que as procuravam. (SILVA, 2011, p. 9).

Historicamente a visão da igreja desde a Idade Média em relação a mulher provocou muitas perseguições e mortes de todas que praticavam algum saber, ligado ao conhecimento das ervas, qualquer tipo de encanto e benzimento e ao parto.

De acordo com Silvia Federici,

> É nesse contexto que o ataque as mulheres como “bruxas” deve ser situado. Devido a sua relação singular com o processo de reprodução, as mulheres em muitas sociedade pré-capitalistas, foram reconhecidas por uma compreensão particular dos segredos da natureza,que as capacitava supostamente, a proporcionar vida e morte e a descobrir as propriedades ocultas das coisas. Praticar magia, (na condição de curandeiras, médicas tradicionais, herboristas, parteiras, criadoras de poções de amor) também foi para muitas mulheres, uma fonte de poder, embora as expusesse a vingança quando os remédios falhavam (FEDERICI,2019, p. 65).

Para além das perseguições e preconceitos muitas mulheres, por meio de sua atuação transcendem os espaços da casa, mantendo viva a memória de um rico universo simbólico e ritual,

> Se a linguagem se cria e cria mundos, isto é um sinal de que as benzedeiras estão situadas na lógica deste discurso, pois elas são agentes da cura, da cultura e da religião, e são, também, agentes das palavras. Elas falam, benzem, invocam o sagrado, decoram orações, falas e criam todo um universo simbólico que envolve a psique do paciente e seu problema. São interpretações sociodialeticas de magia destinadas a sujeitos, grupos imbricados nos ritos, nas práticas, nas falas, nas audições, nas fórmulas que reúnem em si o dom de ser a oração e o momento mais capaz para quem recebe a oração. A linguagem das benzedeiras empodera os sujeitos, pois os motiva a acreditar na intervenção divina. As pessoas saem dali prontas a alcançar seus objetivos. Por meio da palavra, a magia ou ordem lógica do mundo passa a ser conhecida, entendida, dominada, difundida e traduzida em favor do homem. (AZEVEDO, 2020, p.373)

Partindo dessa profunda exposição sobre a força da atuação das benzedeiras e sua importante contribuição para a promoção da saúde e manutenção da memória religiosa popular, seguimos no caminho de mais um ofício que também é presente nas comunidades: a parteira.

Os saberes ancestrais do benzimento, do partejar e do rezo, são parte da religiosidade popular e se constituem em práticas que vão sendo passados oralmente na família ou a outros que se interessam. Algumas benzedeiras também são parteiras. Entre as mulheres o saber do parto é passado oralmente, de mãe para a filha, até mesmo entre amigas que tenham interesse. “Contudo, os mistérios das rezas não ficam restritos a origem das orações. Eles também estão presentes na transmissão dos saberes. Os saberes são perpetuados majoritariamente por meio da oralidade, principalmente de pai para filho ou de avô para neto” (SANTOS, 2010, p. 83).

A oralidade é muito presente na difusão dos saberes tanto em relação ao benzer como o partejar. Discorreremos mais adiante sobre alguns registros de parteiras no Belo Monte.

3.3 Saberes das mulheres no belo monte

Muitas das práticas de cura realizadas na comunidade do Belo Monte, estava ligada a religiosidade e ancestralidade indígena e afro-brasileira e a ritos cristãos ou religiosidade Popular. De acordo com Adriana Souza (2017):

> O conhecimento sobre o poder curativo das ervas, assim como o saber indígena, é também uma herança dos povos africanos escravizados. Unguentos aliviavam as curas do corpo e da alma na sabedoria ancestral africana, banhos com ervas serviam para defesa, limpar e purificar o corpo (Ibidem, p. 61).

Portanto os saberes e rituais no Belo Monte estão marcados por esses elementos: africanos, indígenas e cristãos, como já discutido no capítulo dois em relação a religião presente no Belo Monte. Especificamente nesse tópico, iremos nos ater ao que se encontrou de relato sobre a relação das mulheres com esses conhecimentos de cunho popular.

> Entender a narrativa sagrada das parteiras significa que as promessas da modernidade ainda se alimentam de uma religiosidade arcaica. Sua morada refere-se ao sentido dado por elas ao fazer nascer ou morrer, em seu oficio de partejar. Em seu trabalho de conduzir os que chegam neste mundo, com auxílio das ervas e com a proteção da divindade. (FERREIRA, GROSSI, 2012, p.85).

Apesar de ter suas práticas pouco citadas nas bibliografias referentes ao Belo Monte, as mulheres tinham o conhecimento das ervas e em seu papel de rezadeiras eram as responsáveis pelas orações e ladainhas e também eram parteiras. De acordo com a narrativa de Afonso Arinos, Sá Chica era uma grande conhecedora dos saberes das ervas, chás: "Uma vez, cahiu doente um dos filhinhos de d. Josepha. Sá Chica foi chamada logo, porque conhecia tantos chás, tantos remédios bom para doenças de crianças, que dahi proviera grande parte da estima de que gosava em Bello Monte[36]" (ARINOS, 1898,p.342).

Segundo essa narrativa, Sá Chica era também parteira.

> Boa parteira levantava-se a qualquer hora da noite para assistir uma coitadinha. Sabia vestir os anjinhos, fazia quarto aos mortos, com paciência e caridade, era enfermeira que não recebia um vintém para trabalhar dia e noite junto de um desgraçado; conhecia chás de effeito immediato, benzia erysipelas e cachumbas: era um thesouro, uma providencia e um demônio (ARINOS, 1898, p. 298).

Essas mulheres desempenham um papel de mantenedoras da herança ancestral do poder da cura, da vida e da morte. A sabedoria do Parto é exemplo desse poder que percorre a história de muitas mulheres. "É no trabalho do partejar que as mulheres narram seu ritual de fazer nascerem crianças para o mundo. Imbuídas religiosidade quase

[36]Foi mantida a escrita original do autor.

primitiva, de um poder arcaico imerso em orações e rituais, suas práticas são entendidas como mistério da divindade ou mesmo como um dom de Deus" (FERREIRA, GROSSI, 2002, p.77).

Nas pegadas da memória das parteiras do Belo Monte, além de Sá Chica, há outro registro, da presença da parteira cujo nome era Tia Benta, já citada nesse trabalho como também a mulher mais próxima de Antônio Conselheiro.

Além de Sá Chica e Tia Benta, conforme os relatos orais, colhidos em entrevistas, Maria Guerra também foi parteira, sendo responsável por "pegar"[37] três dos irmãos de Zefinha, em suas palavras : *Como sobrevivente, ela era parteira, ela foi muito, inclusive ela foi parteira dos meus três primeiros irmãos, Maria Guerra.* (Zefinha, janeiro de 2020). Aos poucos vamos encontrando histórias das benzedeiras, rezadeiras e parteiras que habitaram o Belo Monte.

A atuação da parteira como citado se manifestava em práticas que estavam ligadas naquele contexto e que era comum que as mulheres que rezavam as ladainhas, prestavam serviços a igreja, fossem também aquelas que benziam e realizavam os partos na comunidade.

De acordo com Amauri e Yonne, (2012), no Brasil as práticas utilizadas para realizar os partos eram distintas e que estas, tinham influências indígenas e africanas e eram passadas de mãe para filha. As parteiras, dotadas de "sabedorias milenares" eram, portanto, buscadas tanto para a realização do parto, quanto para abortos (FERREIRA, GROSSI, 2012. p.78).

Os objetos que segundos depoimentos de parteiras são usados para a prática, são também símbolos que nos possibilitam um entendimento dos motivos pelos quais ser parteira pode se constituir um lugar de poder e de resistência diante de um contexto precário, onde a saúde das mulheres era deixada de lado.

> Parto é uma palavra esquisita diz uma parteira. Vestir é o nome utilizado por ela: "vesti várias vezes. Para vestir tem que pedir licença". Em seguida mostra suas ferramentas de trabalho: terços, tesoura, cachimbo e outra indispensável, a pinga para dar coragem, diz esboçando um sorriso. O cachimbo e a pinga são de extrema necessidade, usados quando vestir ficou demorado. Para certos casos, precisa-se invocar nossa senhora do bom parto. (FERREIRA, 2012. p. 79).

[37] Refere-se ao ato de pegar a criança durante o nascimento..

Os símbolos usados no ritual de Parto, se assim posso chamar, como, por exemplo, o cachimbo, é dentro da religiosidade indígena um elemento de cura, que durante o processo de colonização foi discriminado pelos portugueses que não entendiam os rituais indígenas.

> Eles relataram a recusa, por parte dos índios, de remédios ocidentais, uma vez que apelavam aos seus "feiticeiros" para curar seus males (NANTES, 1979). Esses, por sua vez, utilizavam apenas a fumaça do tabaco e rezas no processo de cura. (MACÊDO, 2009. p.32).

Outro objeto usado no ritual que podemos também nos debruçar sobre ele é o terço e rosários, componentes da fé católica em Nossa Senhora e já usada pelas mulheres beatas no Belo Monte, que rezavam todas as noites no Arraial.

Não podemos aqui afirmar que nos partos realizados pelas mulheres no Belo Monte, eram usados esses mesmos objetos, mas podemos constatar que dentre os materiais mais comuns o que sempre estava presente era o Terço e a invocação a nossa senhora. Portanto trazer esses ícones é uma maneira de encontrar esses saberes farejando as histórias de outras mulheres que realizaram e realizam o mesmo ofício.

Dialogando com o relato de outras parteiras, um depoimento muito importante trazido pelas parteiras de Belo Horizonte nos anos 90 é que ser parteira é pertencer a outras mulheres (FERREIRA, GROSSI, 2012. p. 79.) A partir dessa fala percebe-se a força e conexão das mulheres que exercem esse saber e a necessidade de um trabalho em conjunto para a realização do ritual. Partindo desse pressuposto, podemos supor que além de Tia Benta, Sá Chica e Maria Guerra, no Belo Monte, havia muitas outras parteiras que por algum motivo não sabemos seus nomes e nem suas histórias.

A invisibilidade de esse saber dentro das narrativas referentes ao Belo Monte, além da hegemonia da narrativa dos vencidos que perdurou durante muito tempo em relação a comunidade do Belo monte, pode está também conectado ao que Silvia Federici (2019) traz em relação a perseguição as mulheres, chamadas de bruxas, desde a idade média até os dias atuais, quando reconhecidas em seus saberes sobre as ervas e no conhecimento de métodos abortivos e de curandeirismo.

Esses achados de histórias, ainda que curtas de parteiras e benzedeiras nos permitem entender esse saber que atravessou séculos e permanece vivo em comunidades, onde algumas mulheres mantém em seu cotidiano seu ofício de trazer ao mundo vidas e de também poder, por meio de suas rezas, mantê-las com saúde.

Todavia, mesmo com esse saber ainda vivo, é notável o preconceito e a desvalorização da prática relacionada ao parto e ao benzimento. Conforme Magno Francisco de Jesus Santos: “algumas rezadeiras, porém já desempenharam outra importante função nos povoados de Itabaiana: eram parteiras”. Essa atividade hoje praticamente não é mais exercida pelas rezadeiras. Elas perderam a legitimidade na execução dos partos (SANTOS, 2010, p. 81). Ainda na linha de pensamento do autor, muitas mulheres que se dedicam a promoção da saúde por meio da realização de partos e benzimentos, sofreram com a desqualificação de suas práticas.

> As rezadeiras em Itabaiana permanecem. Mesmo sofrendo as sanções impostas pelo campo religioso e da saúde, elas continuam sendo uma das primeiras alternativas na busca pela saúde ou por um conselho. São elas que estão mais próximas de sua clientela e disponíveis quase sempre (SANTOS, 2010, p.85).

Mesmo diante da descredibilidade de suas práticas, como coloca o autor, muitas mulheres seguem cumprindo seus ofícios de rezadeiras, parteiras e benzedeiras, atendendo sempre que possível os chamados urgentes, principalmente quando não se tem acesso a um sistema de saúde próximo e de qualidade que atenda às necessidades da comunidade.

3.3.1 Entre benzedeiras e benzedores do belo monte

O trabalho de Magno Francisco de Jesus Santos sobre as rezadeiras em Itabaiana, (2010), já bastante citado neste capítulo, traz informações importantes sobre a participação de homens como praticantes de rezas, conforme o autor, a quantidade de homens era equivalente à de mulheres e segundo sua pesquisa havia ainda uma relação de poder entre as rezas que eram para mulheres e as que eram realizadas pelos homens, nas palavras do autor,

> Mesmo o ritual sendo executado majoritariamente pelo sexo feminino, o prestígio dos rezadores do sexo oposto é superior. Prova disso é a maior parte das rezas perigosas serem realizadas somente por homens. É claro que existem exceções, mas via de regra, as mulheres rezadeiras são procuradas principalmente para s rezas mais simples, como olhados e quebrantes. (SANTOS, 2010, p.85).

Essa constatação do autor nos conduz a narrativa encontrada no do Belo Monte, da figura de Manoel Quadrado que é bastante citado nas narrativas no que tange as práticas de cura. Manoel Quadrado, de acordo com Maria Lucia Mascarenhas, era um Pajé dos Tuxá de Rodelas que conhecia todas as ervas da caatinga e era responsável por todas as pessoas doentes do Arraial. Na narrativa de José Calasans,

> Tornou-se conhecido, porém pela atividade de enfermeiro. Chamavam-no, por isto, *o tratador do conselheiro.* Cabia-lhe, nos tempos da paz, medicar os

> doentes e, no decorrer da guerra, tratar dos feridos. O desempenho da tarefa dava-lhe status no meio canudense. Honório Vilanova declarou a Abelardo Montenegro que "Quadrado era uma espécie de curandeiro" (Abelardo Montenegro, 15:p.41),Não poderia ser de outro modo. No seu ambiente, deveria misturar mezinhas e rezas (CALASANS, 1986, p.78).

Ainda na narrativa de José Calasans:'Manoel Quadrado não tinha mãos a medir com os doentes, entre os quais já se contava gravemente Pajehú, Vicente Camaleão ,Wenceslaw e Manoel Guerra. Pai Cabungá fizera-se ajudante de enfermeiro de Quadrado. Os que morriam eram enterrados por detrás da igreja velha (BENÍCIO, 1997, p. 342). Manoel Quadrado é o curandeiro da região e conforme os relatos de Manoel Benício, ninguém melhor do que ele para fechar corpo e benzer animais.

Tanto na pesquisa de Magno Francisco de Jesus Santos, sobre as rezadeiras em Itabaina/BA como na pesquisa de Elen Cristina Dias de Moura sobre Ritual de Benzeção em São Luíz do Paratinga-Sp, ambos os autores verificam a grande presença de homens no ofício de benzedores chegando a ultrapassar o número de mulheres.

> Geralmente, considera-se a benzeção uma especialidade feminina, pois na maioria dos casos é executada por mulheres, no entanto, há muitos homens envolvidos em tal prática, dado este que foi comprovado em nossa pesquisa de campo. Em São Luiz do Paratinga, há cinquenta anos, eles eram a maioria, contrariando os resultados encontrados na bibliografia estudada, que apontam a mulher como a principal atuante neste campo de cura (MOURA, 2009.p.32).

Encontrar a figura de Manoel Quadrado, nas narrativas do Belo Monte, como um homem que também detinha o saber das ervas e das rezas nos coloca frente a várias questões, primeiro que homens também realizavam esses ofícios e segundo nos perguntar, no caso do Belo Monte, porque as narrativas dão tanta visibilidade a sua atuação enquanto curandeiro? Houveram outras/os? Quem eram? Ao mesmo tempo, que não podemos também deixar de olhar para Manoel Quadrado como curandeiro, quando se parece que esse saber é restrito apenas as mulheres.

Assim, como algumas mulheres no Belo Monte pegaram também em armas, tarefa essa que segundo as construções sociais é dedicada aos homens, muitos deles, puderam também acessar saberes que conforme as construções dos papéis sociais parecem está destinados apenas as mulheres. Exemplo disso é a história de Manoel Quadrado. Em seu trabalho sobre a mística das rezadeiras em Itabaiana (2010), o pesquisador Magno Francisco de Jesus Santos, vai verificar que o fenômeno do rezo mesmo sendo relacionado às mulheres é realizado pelos dois sexos,

> Embora o fenômeno seja mais conhecido como rezadeiras, o ritual é exercido tanto por homens como por mulheres. Entre os rezadores estudados,

> quantitativamente a diferença foi ínfima, quase que insignificante. No tocante a faixa etária, todos os rezadores observados estavam com idade igual ou superior a 60 (anos), ou seja; o ritual aparenta ser uma atividade desempenhada exclusivamente por pessoas da terceira idade (SANTOS, 2010, p.81).

Mas sem querer me furtar da discussão que proponho o que nos provoca a buscar e trazer a história das mulheres é justamente entender porque elas não são citadas, e muito menos têm seus nomes marcados nas narrativas construídas sobre o cotidiano de práticas religiosas e rituais de cura do Belo Monte já que eram maioria, conforme traz em sua narrativa Manoel Benício.

> Como Roma em seu inicio, povoada de homens de todos os instinctos e de todos os paizes; aleijados, enfermos, mobicas, criminosos e cientes, Canudos progredia, sem carecer de raptar Sabinas, por isto que o numero de mulheres era superior ao dos homens, em um terço, physica ou moralmente defeituosos (BENÍCIO, 1997, p.169).

Nesse sentido, em muitos momentos da obra de Manoel Benício vamos notar a referência a grande quantidade de mulheres e crianças em relação aos homens. Foi na sua obra que encontramos o nome de uma mulher que foi muito atuante e contribuiu para ajudá-la os feridos/as durante a guerra, foi a professora Macôtas[38] que com a morte de Manoel Quadrado vai reunir outras mulheres e será a responsável por cuidar dos doentes:

> A vida no arraial principiou a ser uma tortura pavorosa. Com a morte do enfermeiro, Macôtas, a professora, dirigindo outras mulheres encarregara-se dos doentes e feridos. A jovial moça fizera-se verdadeira irmã de caridade, tratando com carinho aos enfermos, alegrando-os com a sua loquacidade engraçada e jovial, sem pensar na morte. A sua presença era bastante para tranquilizar os desgraçados que sabiam ou não queriam gemer (BENÍCIO, 1997, p. 372).

Essa mesma mulher é também aquela que vai ser escolhida por Antônio Beatinho para entrar no Santuário e cuidar de Antônio Conselheiro quando sozinho ferido e passando mal diante da situação de guerra e dos ataques ao Belo Monte.

> Mas nenhum delles ousou tocar no extasiado monge recordaram-se então da professora que era uma moça decidida e,fizerain-n'a entrar. Assustada, entre angustia e curiosidade, bamba de medo, ella avisinhou-se subtil do somnambulo. Viu um velho sujo, esquálido, de barbas grisalhas compridas, sem tracto e cheia de falhas; uma cabelleira em caixo derramada por cima dos hombros, pés chatos em alpragatas, um rosto "secco como de uma caveira no alto do qual dois olhos fixos no espaço, sem toscanejarem, lançavam um brilho morto que mettia medo. Aquelle olhar attraia-a e repellia-a ao mesmo tempo. Alguma causa de sobrehumano babuiava na flor do fluido phantastico que delle evolava-se, como evaporações de gelo. Era o olhar de um morto, mas que tinha alguma cousa de vivo e imcomprehensivel. Ella, que tinha parado em frente delle, ladeou um pouco para fugir da vista intensa e inalteravel do extasiado. A lembrança fascinadora daquellas dois olhos em branco, mirando o desconhecido, fel-a buscai-os de novo. Estavam fixos sobre ella sem alterar a posição primitiva.

[38]A mesma professora que abre esse trabalho com um profundo discurso em defesa do Belo Monte.

> A ideia de que elle a fosse censurar por ter profanado o Santuário, onde não entravam mulheres, fel-a estremecer e baixar o rosto. —Perdão, meu pai, foi que me chamaram!gaguejou descupando-se e caindo de joelho. Da mesma forma o olhar do cataléptico estava fixo no seu, embora ella de joelho. Então alguma cousa de pavoroso saculejou a toda, dos pés a cabeça, esbugalhando-se-lhe os olhos também. Parecia-lhe que ia ficar douda e olhou em derredor para procurar um amparo. Mas, por mais rápida que á sua vista pesquizasse os cantos, sentia-se acompanhada, em todos os movimentos, pelo brilho morto das pupillas do monge. — Perdão! Perdão, meu pai! Gritou élla se jogando aos pés do velho sobre o sangue que esmagou com o corpo. O olhar de Maciel sem rumo, nem côr,viu-o ella, baixado e fitando-a sombrio e mudo. Desvairada, allucinada fugiu! (BENÍCIO,1997 pp. 383-384).[39]

Trazer a memória da professora Macôtas, também como uma figura que esteve ao lado de Manoel Quadrado, nos possibilita pensar que ela também pode ter tido acesso aos saberes realizados por ele no cuidado dos doentes, portanto mais um nome dentro da memória da legião de mulheres que aqui desejamos recuperar. Da mesma maneira, que pode nos fazer pensar que no contexto de guerra, as situações de fragilidade e desespero podem ter levado as mulheres a assumirem fazeres em função da necessidade, segundo Michele Perrot,

> As mulheres desdobram uma extrema engenhosidade para encontrar os múltiplos comércios das cidades, onde conhecem todos os cantos, recursos complementares que empregam para completar o orçamento da família ou lhe proporcionar alguns pequenos prazeres, ou que economizam para os dias difíceis que vêm periodicamente com os meses parados. Em tempos de crise ou de guerra essa contribuição marginal se torna essencial. As mulheres então se ativam em todos os sentidos. Nunca trabalharam tanto como quando o homem está desempregado. Há uma vivência das crises e das guerras diferente para cada um dos sexos. Um tempo econômico diferente (PERROT, 1992, p. 190).

A relação das mulheres com o contexto de guerra é diferente em função de seu lugar e de suas demandas. Nesse sentido, muitas delas precisaram assumir serviços que não tinha como escolher.

Conhecedoras de si, muitas mulheres foram e continuam sendo em muitos lugares as responsáveis pela manutenção de saberes e memória de muitas práticas populares. A necessidade de trazer esse debate em relação a benzedeiras e benzedores, curandeiros/as e parteira/os, se faz no sentido de ir recolhendo memórias e histórias de fazeres consagradas as mulheres, mas que são poucos presentes nas narrativas. No olhar de Michele Perrot, "Assim o silêncio sobre a história das mulheres também advém de seu efetivo misticismo nas esferas políticas, por muito tempo privilegiadas como locais exclusivos de poder"(PERROT, 1992, p, 186). Mesmo diante desse silenciamento das

[39] Foi mantida a escrita original do autor.

mulheres na história, uma preocupação nessa discussão foi que o debate de gênero não ficasse restrito apenas as mulheres impedindo um aprofundamento ético e sério em relação aos papéis sociais construídos ao longo da história.

No capítulo 3, de maneira breve, mas não sem o desejo de poder refletir mais sobre essa história, a discussão se centrou na discussão em torno da religiosidade popular em contraste com a religião oficial e como esses discursos se constroem em relação ao saberes e práticas das mulheres no Belo Monte. Também questionamos as narrativas em relação aos saberes do rezo, do benzer e do partejar, os conhecimentos que fazem parte da vida de muitas mulheres,porém não sabemos seus nomes. Preocupamos-nos também trazer um pouco dos ofícios realizados por outras mulheres em outros lugares e tempos, mas que se relacionam com a história de algumas mulheres no Belo Monte. Além disso, provocamos uma reflexão sobre a presença de homens realizando ofícios (benzer, curar) que historicamente são destinados a mulheres. Essa reflexão surgiu durante a pesquisa e, portanto, fomos fiéis às fontes. A pergunta eixo durante todo esse trabalho. Onde estão as mulheres na história do Belo Monte? Quais suas histórias? Seus feitos? Seus nomes? Enfim, essa é uma questão que vai além da história do Belo Monte e atravessa as histórias de muitas outras mulheres em diversos contextos e lugares.

CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Quando uso o termo conclusões provisórias é justamente porque ao longo do processo percebi que uma pesquisa não se encerra, pois cada vez que mergulhamos neste universo, o emergir de novas questões nos encaminha a querer ir mais fundo, no entanto é necessário que se feche um ciclo a fim de que outro se abra. Neste caminhar de rememorar um fato tão importante na história do Brasil como a Guerra de Canudos com um filtro que permitisse olhar cuidadosamente para as essas narrativas farejando a presença das mulheres, provocou muitos questionamentos em relação as poucas linhas destinadas as suas histórias. Não obstante como na história de maneira geral as mulheres foram durante muito tempo invisibilizadas.

A pesquisa no possibilitou enxergar que os lócus destinado a comunidade do Belo Monte na história do Brasil é centrado nas narrativas do "vencedor"[40] e que é muito recente as narrativas que buscam questionar a história oficial e construir outras possibilidades de olhares que levem em conta a narrativa daqueles/as ditos/as vencidos/as. Portanto esse trabalho buscou se situar nesse caminho de contribuir com uma narrativa que pudesse trazer à tona uma perspectiva vinda desse lugar, que foi pouco escutado e que de maneira ainda muito forte se construiu com base na narrativa euclidiana[41].

A ida a Canudos em conversa com as mulheres, em eventos como a Romaria de Canudos, Conselheiro Vivo em Quixeramobim, foram importantes para entender que há muitos grupos e pesquisadores/as que estão se propondo a tocar essa história e manter viva a memória da experiência vivida no Belo Monte. Pisar o chão de Canudos, escutar as mulheres reflete a força e vida que essa história carrega e que precisa ser recontada.

Dessa maneira, a pesquisa em questão em seus resultados provisórios que se propôs a pensar a questão de gênero no Belo Monte através das práticas religiosas das mulheres se viu confrontada com a quantidade e diversidade de mulheres encontradas, que embora não sejam todas, estão presentes neste trabalho. A questão que esse problema levantou foi justamente que a maneira de olhar para uma narrativa muda todo o sentido. Portanto escolher olhar para a narrativa de Canudos sob o enfoque de gênero, nos possibilitou

[40]Designação do Professor pesquisador José Calasans, ao se referir a narrativa oficial sobre a história de Canudos.
[41]Referente a obra 'Os Sertões" de Euclides da Cunha.

encontrar muitas histórias, porque elas sempre estiveram ali, porém invisíveis por vários motivos e um deles está presente na reflexão da autora Michele Perrot,

> Em uma perspectiva política, a partir da qual a história é a memória da República e da Nação, o relato histórico se organiza em torno dos acontecimentos públicos. Já que a política interior e exterior dos Estados (a diplomacia, as guerras) torna-se o essencial, pesquisa-se principalmente os documentos administrativos (crônica do poder). As mulheres, que estão a maior parte do tempo ausentes desses lugares, desaparecem consequentemente do relato histórico. Há, nessa história, uma espécie de encobrimento do âmbito privado e do cotidiano (PERROT, 1995, p. 14).

Nesse sentido a pesquisa alcançou seus objetivos no sentido de conseguir relatar o que se pôde encontrar de histórias das mulheres no Belo Monte, todavia temos a clareza de que como coloca a autora Michele Perrot (1995) esse caminho é muito novo na historiografia, uma vez que quando se inicia a escrita sobre as mulheres na história esse espaço é hegemonicamente dominado por homens, pois eles detinham o poder das narrativas. Nesse sentido, as histórias de muitas mulheres não foram registradas.

Muitos desafios nos foram apresentados inclusive o de entender a identidade das mulheres que habitaram o Belo Monte, exigindo a intersecção de gênero e raça, para ir além da categoria mulher e compreender de maneira macro como eram vistas aquelas mulheres dentro e fora do Belo Monte.

Esse olhar nos permitiu entender como a categoria raça é imprescindível para entender esse contingente de mulheres, todavia também compreendendo o contexto em que esse grupo está inserido gênero e raça são categorias que precisaram caminhar juntas, como já proposto pelas autoras, Grada Kilomba, Ochy Curiel, Maria Lugones e Oyèrónké Oyěwùmí.

Entendemos que a perspectiva proposta nesse trabalho de olhar para a narrativa da história de canudos a partir das categorias de gênero e raça contribuirá de maneira significativa para futuras pesquisas que pretendem se aprofundar nessa discussão.

Nessa trajetória nos deparamos com situações complexas no que tange as relações entre homens e mulheres no Belo Monte, o que nos exigiu uma reflexão e clareza para entender que será preciso estudar e pesquisar mais, talvez seja necessário uma investigação mais aprofundada para poder mergulhar no universo das mulheres do Belo Monte e a temática da violência sexual. Ademais, é de interesse nosso continuar essa pesquisa se aprofundando nesse tema, uma vez que muitas questões foram levantadas, sobretudo no que se refere a violência de gênero.

Outro fator preponderante que consideramos muito rico para a narrativa referente ao Belo Monte foi a análise das tradições religiosas presentes na comunidade, onde provocamos questionamentos em relação a centralidade das narrativas na perspectiva cristã. Iniciamos nesse trabalho um debate em relação a rememorar as tradições de matriz africana e indígena e acreditamos que há muito ainda a se pesquisar quando se trata dessa temática. Conforme Alejandro Frigerio,

> É preciso compreender e reconhecer que o "monopólio católico" sempre foi principalmente sobre as "crenças (socialmente) legítimas" e não sobre as crenças (efetivas) das pessoas. As pessoas sempre tiveram crenças muito diferentes das indicadas pela Igreja Católica, algo que fica claro pela contínua e popular presença de crenças e de práticas "mágicas", "esotéricas" e de espiritualidades alternativas – sempre combatidas pelo Estado e pelos médicos, ademais dos sacerdotes católicos (FRIGERIO, 2018, p.83).

Nesse caminho, essa discussão inicial propõe uma reflexão em relação a religiosidade que se constituía e que era parte do cotidiano do Belo Monte, considerando as práticas religiosas do contingente indígena e afrodescendente que habitava o Arraial e sua capacidade de recriar uma prática religiosa, a partir de suas próprias crenças e de outras, que não necessariamente fossem de seu âmbito religioso.

Poder ter dedicado um espaço nessa pesquisa a mulher indígena foi de grande satisfação e realização uma vez que, de maneira geral as narrativas referentes aos povos indígenas no Belo Monte, em especial as mulheres, são escassas. Nesse sentido, graças a Monografia da pesquisadora Maria Lucia Mascarenhas sobre Indígenas no Belo Monte e os textos do Professor Edwin Reesink, foi possível provocar esse debate que se constitui elemento para tantas outras pesquisas. É claro que esse assunto foi tratado de maneira superficial justamente porque, diante da presença desses povos na história de maneira geral, pouco se tem escrito e a história oficial não reserva lugar ao povo do Belo Monte em sua diversidade, muito menos se são indígenas e negros. Portanto essa pesquisa conseguiu trazer a luz essas questões que certamente iluminarão outros estudos.

Acessar os saberes das mulheres, por meio das suas práticas e saberes religiosos também se constituiu um campo muito fértil de pesquisa, pois na região há muitas mulheres que nas veredas do sertão mantém vivos seus ritos de maneira silenciosa. Poder

acessar essas mulheres, tendo como método a história oral[42] foi e se constitui uma perspectiva promissora para uma pesquisa mais profunda.

Concluo este trabalho, com uma sensação de que é um novo começo. Muitas questões estão borbulhando neste grande caldeirão que é a história, as histórias daquelas e daqueles desconsiderados/as e invizibilizados/as. Que venha um doutorado, onde possamos mergulhar nessas narrativas tão caras a luta do povo, das mulheres, negros/as, indígenas, sertanejos/as.

[42]A memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do quotidiano. Mas ela sempre corre o risco de cair numa "ideologização" da história do quotidiano, como se esta fosse o avesso oculto da história política hegemônica. Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomem a palavra- a história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios (BOSI, 2003, p. 15).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABREU, Regina. *O Enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco. 410 pp. 1998.

AMORIM, José, A. *Canudos 120 anos* - 1897-2017. Salvador. ALBA. 2018.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. *Akroá e outros povos indígenas nas Fronteiras do Sertão-Politicas Indigena e Indigenista no norte da Capitania de Goiás-Séc. XVIII*. Goiânia: Kelps,2006.

ARAS, Lina, M. B. de. Violência e Papéis Femininos em Canudos. *Revista Fazendo Gênero na Historiografia Baiana*. Org. Cecilia M.B. Sardenberg, Iole Macedo Vanin e Lina Maria Brandão de Aras Salvador: NEIM/UFBA, 2001.199p. - (Coleção Bahianas. 6).

ARINOS, Afonso. *Os Jagunços.* Editora: tipografia do comércio de São Paulo. São Paulo.1898.

AZEVEDO,Gilson Xavier de e LEMOS, Carolina Teles. "*Benzei-os, meu Pai.* Benzei-os": as representações de cura de benzedeiras no meio urbano da cidade de Quirinópolis, GO. REVER • São Paulo • v. 20 • n. 2 • mai/ago 2020

BENÍCIO, Manuel. *O rei dos jagunços*: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. Introdução Celso Silva Fonseca. — Ed. fac-sim. — Brasília: Senado Federal, 1997. VIII+ 409p. — (Coleção memória brasileira; n.8)

BERNARDO, Terezinha. *Negras, Mulheres e Mães*. Lembranças de Olga de Alaketu.Pallas, Educ. SP/Rio de Janeiro, 2003.

BERNARDO, Terezinha O candomblé e o poder feminino. *REVER- Revista de Estudos da Religião* Nº 2. pp. 1-21. 2005.

BERTOLOSSI, Leonardo C. *A Medicina Mágica das Bolsas de Mandinga no Brasil*, Séc.XVIII. 'Usos do Passado' — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRAGA-BRAGA, Udineia. *Canudos*: Uma Guerra, muitas mulheres. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

CADERNOS DO CEAS. *Centro de Estudos e Ação Social*. Salvador. 1997.

CALASANS, José. *As mulheres de "Os Sertões*". Salvador: Centros de Estudos Baianos, 2001. (Coleção José Calasans).

_____. *Cartografia de Canudos*. Salvador. Secretaria de Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura. EGBA. 1997.

_____. *Canudos na Literatura de Cordel*. São Paulo:Ática,1984.

_____. *A Guerra de Canudos na Poesia Popular.Centro de Estudos Bahianos*. Salvador, maio de 1952.Publicação nº 14.

CASTRO, Josué. *Geografia da Fome*. ed. Círculo do livro. São Paulo, 1960.

CONSELHEIRO, Antônio. *Breviário de Antônio Conselheiro*. Apresentações: Walnice Nogueira Galvão, Fernando da Rocha Pares, (Revisão: Vera Rollemberg e Isnaia Santana; ilustrações: Calasans Neto e gravuras de uma Bíblia de 187) - Salvador: EDUFBA: Odebrecht, 2002.

CRUZ, J. E., [2010]. *Frei Damião*: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do Nordeste brasileiro. Dissertação (Mestrado) em Ciências da Religião PUCMG.2010. Disponível em:< http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencReligiao_CruzJE_1.pdf>. Acesso em 08/2019.

CUBAS, Caroline, J. *Do hábito à resistência*: Freiras em Tempos de Ditadura Militar no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2018. 224p. (Prêmio de Pesquisa Memórias Reveladas).

CUCHE, Denis. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Tradução de Vivian e Ribeiro. Bauru : EDUSC , 1999
CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. 32 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

CUNHA, Euclides da. *Caderneta de Campo*. Editora Cultrix, São Paulo, 1975, p. 23.

CURIEL,Ochy. *Gênero, Raça, Sexualidade*: Debates Contemporaneos.

DAVIS, Mike. *Holocaustos Coloniais*. Editora Record, Rio de Janeiro -São Paulo. 2002.

DOSSIÊ _____: "*História das Mulheres no Ocidente*". Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência* Michelle Perrot**cadernos pagu (4) 1995: pp. 9-28.

ESTUDOS Feministas. *La Consciência de La Mestiza/Rumo a uma nova Consciência*. Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*: gênese e lutas. Editora Bertrand, Rio de Janeiro.1991.

FANON, Franz. *Os Condenados da Terra*. Editora: Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro.1968.

FAZENDO Gênero na Historiografia Baiana. *Violência de Gênero e Papéis Femininos em Canudos.* Organizado por Cecilia M.B. Sardenberg, Iole Macedo Vanin e Lina Maria Brandão de Aras Salvador: NEIM/UFBA, 2001. 199p. - (Coleção Bahianas; 6).

FERREIRA, Luzilá, G. Presença das mulheres em Canudos. In: FERNANDES, Rinaldo de. *O clarim e a oração*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

FERRETI, Sérgio. *Sincretismo e Hibridismo na Cultura Popular*- R. Pós Ci. Soc. v.11, n.21, jan/jun. 2014.

_____ *Religião e Festas populares*. Comunicação apresentada na Mesa Redonda 06 Religiões / Culturas Populares, na XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas en América Latina, realizada em Buenos Aires de 25 a 28 de setembro de 2007. Versão Preliminar.

FREDERICH, Silvia. *Mulheres e a caça às bruxas*: da idade média aos dias atuais. Tradução Heci Regina Cadiani. Ed. São Paulo, boitempo 2019.

FRIGERIO, Alejandro. *Por que não podemos ver a diversidade religiosa*: questionando o paradigma católico-cêntrico no estudo da religião na américa latina. Debates do NER, Porto Alegre, ano 19, n. 34, p. 75-121, ago./dez. 2018.

FROZONI, Giuliana. '*Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus*": O Itinerário da Romaria a partir dos benditos cantados pelos Romeiros do Bom Jesus da Lapa-BA. Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião, PUC/SP.2012.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Tributo a José Calasans. *Revista USP*, São Paulo, n.54, p. 66-71, junho/agosto 2002.

GEERTZ, Clifford . *O futuro das Religiões*. Caderno Mais – Folha de São Paulo, 14/05/2006

GRESCHAT, Hans Jurgen. *O que é Ciência da Religião?* Tradução: Frank Usarsk. São Paulo.Paulinas.2005.

GUERRA, Sérgio Armando Diniz. *Canudos/Belo Monte*: imagens contando história. 2005. 190 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. trad. Laurent León Schaffter, Vertice, São Paulo, 1990.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7-41. 1995. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773> acesso em 17/04/2020.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro*. Petrópolis: Ed. Vozes,1985.

_____. *Os Anjos de Canudos*: Uma revisão histórica. Petrópolis: Vozes,1997.

JUNIOR, Paulo, G. *Dos interesses weberianos dos sociólogos da religião*: um olhar perspectivo sobre as interpretações do pentecostalismo no Brasil*. Belo Horizonte, 2008.

KILOMBA, Grada. *Memórias de Plantação-Episódios de Racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira-1.ed.-Rio de Janeiro:Cobogó, 2019.

LIBRARY, of Congress Cataloging-in-Publication Data. *Women and religion in the African diaspora*: knowledge, power, and performance / edited by R. Marie Griath and Barbara Dianne Savage.

LIMA, Danielle Ventura Bandeira de. *A caridade Segundo Ibiapina*: História e Imaginário da Santa Casa. Dissertação de Mestrado. UFPB. Agosto de 2009.

LOZANO, Jorge, E. A. "Práticas e estilos de pesquisa na História Oral contemporânea". In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, pp. 15-24.

LUGONES, María, Colonialidade e gênero. *Tabula Rasa* [online]. 2008, n.9, pp.73-102. ISSN 1794-2489.

MACÊDO, Silvia Michele. *Educação por outros olhares*: Aprendizagem e experiência cultura entre índios Kiriris no Sertão Baiano. Dissertação de Mestrado- UFBA. Faculdade de Educação.2009.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Revista Etnográfica* vol.23, p. 135-175, 2019.

MARCIANO, João Evangelista de Monte, Frei. *Relatório apresentado pelo Revd*. Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispado da Bahia sobre Antonio Conselheiro e seu sequito. no Arraial de Canudos, 1895/ Joao Evangelista de Monte Marciano ; apresentação de José Calasans. Salvador : Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Rev. Estud*. Fem., Florianópolis , v. 13, n. 3, p. 483-505, dez. 2005 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2005000300002&lng=pt&nrm=iso>.Acesso em 14 out. 2020.

MASCARENHAS, Maria, L. F. Rio de Sangue e Ribanceira de Corpos. In *Cadernos do CEAS*, Salvador, 1997.

MATTOS, Zaine Simas. "*Bárbara, não vá criar confusão":* Silêncios e Silenciamentos nas Relações de Gênero. XI ANPED Sul. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012.

MONIZ, Edmundo. *Canudos:* A Guerra Social. Elo Editora e Distribuidora, Rio de Janeiro, 1987, pp. 57-82.

MOURA,Clovis. *Sociologia Política da Guerra Camponesa de Canudos*: Da destruição do Belo Monte ao aparecimento do MST. Ed. Expressão popular. São Paulo.2000.

MOURA ,Elen Cristina Dias de. *Entre Ramos e Rezas*: O Ritual de Benzeção em São Luiz do Paratinga, de 1950 a 2008. Dissertação de Mestrado. Ciência da Religião. PUC-SP.2009.

NASCIMENTO, José, G. do, *As Mulheres do Belo Monte*, 2015. Disponível em:<https://www.redegn.com.br/?sessao=noticia&cod_noticia=66535>. Acesso em 02/2020.

NUNES, Maria, J. R. Gênero e religião. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, 2005, p. 363-365, maio-agosto 2005.

NUMEN. "*Religião e cidade*: a narrativa sagrada das parteiras e sua religiosidade na Belo Horizonte dos anos 90". In: NUMEN, V.15, 2012.

OLIVEIRA,S.C.C.G.S, LEMOS,C.T. Religião e Gênero: autopercepção da mulher na romaria de bom jesus da lapa. v. 14, n. 2 (2016). Caminhos: Goiânia, v. 14, n. 2, p. 451-468, jul./dez. 2016; *Revista de ciências da religião*.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceituando o gênero*: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, pp. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

OTTEN, Alexandre. *Só Deus é Grande* - A mensagem religiosa de Antônio Conselheiro. São Paulo: Loyola,1990.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução de Denise Bottmann. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

PERES, Andréa Carolina Schvartz. *Campos de estupro*: as mulheres e a guerra na Bósnia. *Cad. Pagu* [online]. 2011, n.37, pp.117-162. ISSN 0104-8333. Disponível em:< https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000200005>. Acesso em 17/02/2021.

PIEDADE, Lélis. *Histórico e relatório do Comitê Patriótico da Bahia*:1897-1901:edição, apresentação, notas e projeto gráfico Antônio Olavo 2.ed.- Salvador: Portifolium, 2002.

QUEIROZ, Álvaro. Beatismo e liderança feminina nas Alagoas. *Revista Incelências*. V.1.n.1. 2010. Disponível em <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/incelencias/issue/view/4>Acesso em 17/04/2020.

QUEIROZ, Maria, I. P. de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. Ed. Dominus, São Paulo, 1965.

REESINK, Edwin B. Saber os Nomes: Observações sobre a degola e a violência contra Bello Monte (Canudos). *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 17, volume 24(2): 2013.

_____. A tomada do Coração da Aldeia: a participação dos índios de Massacará na Guerra de Canudos. In *Cadernos do CEAS*, Salvador, 1997.

_____. A memória das memórias de Canudos: A pesquisa e a obra de José Calasans. *Revista Canudos*, nº 1/1, volume 5: 2001.

REIS, Adriana Dantas. *Cora*: Lições de comportamento da Bahia no Século XIX. Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2.000.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala.* Feminismos Plurais/coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Polén, 2019.

RODRIGUES, Ricardo C. *Análise e Tematização da Imagem Fotográfica*. Ci. Inf., Brasília,v.36,n.3,p.67-76,set./dez.2007.Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n3/v36n3a08.pdf> Acesso em 06 de abril de 2020.

ROSADO-NUNES, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. Cad. Pagu, Campinas, n. 16, p. 79-96, 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 Oct. 2020. Disponível em :<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100005>. Acesso em 17/02/2021.

RUÍNAS da Igreja do Bom Jesus. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra28616/ruinas-da-igreja-do-bom-jesus>. Acesso em: 06 de Abr. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

SÁ, Antonio Fernando de Araújo, *O sertão de Pierre Verger*, Projeto História nº 40, junho de 2010.

SANCHIS, Pierre. *Religião, Cultura e Identidade*: Matrizes e matizes. Editora Vozes,2018.

SANTOS, Jadilson Pimentel dos. *A Fotografia Oitocentista e a Memória de Canudos Recontada por Flávio de Barros*. Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.ENECULT. 25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBA – Salvador-BA.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *Antes do Pôr do Sol*: Mística nas Rezadeiras de Itabaiana. Revista Caminhos, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 79-91, jul./dez. 2010.

SCOTT, Joan, W. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História*. Novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

_____. *Gênero*: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Candido da Costa e. *Roteiro de Vida e Morte*: Um estudo do Catolicismo no sertão da Bahia. São Paulo, Ática,1982.

SOUZA, Adriana M. de. *Práticas de Cura*: Saberes Africanos e Afrobrasileiros em Desterro(SC) na Segunda Metade do Século XIX. Dissertação de Mestrado. PUC/SP.2017.

SOUZA, S. D. de. *A Relação entre Religião e Gênero como um Desafio para a Sociologia da Religião.* Goiânia ,2008.

SOUZA, Ricardo Luís de. *Festas, Procissões, Romarias, Milagres*: Aspectos do Catolicismo Popular. IFRN, Natal, 2013.

TEJIENDO de OUTRO MODO: *Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala* / Editoras: Yuderkys Espinosa Miñoso, Diana Gómez Correal, Karina Ochoa Muñoz – Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

THOMPSON, Paul (1935). *A voz do passado:* história oral. Traduzido por Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VARGAS LLOSA, M. *La guerra del fín del mundo*. Barcelona: Ed. Seix Barral, 1980.
VASCONCELOS, Pedro Lima. Para o futuro e para o fim que não termina: horizontes do Belo Monte de Antônio Conselheiro. REFLEXÃO.V.40.N.1 /2015.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa, Revisão técnica de Gabriel Cohn; Brasília:Editora Universidade de Brasília,1999.

SITES ACESSADOS

AUTO-RETRATO tirado durante a Campanha de Canudos. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra28615/auto-retrato-tirado-durante-a-campanha-de-canudos>. Acesso em: 06 de Abr. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

BRASIL NA FOTOGRAFIA. BARROS, Flávio. 400 jagunços prisioneiros, 2 de outubro de 1897. Canudos, BahiaAcervo Museu da República / Imagem recuperada digitalmente pelo Instituto Moreira Salles. Disponível:< http://brasilianafotografica.bn.br/?p=3002>. Acesso em 08/2019.

CANUDOS, A CIDADE DO FIM DO MUNDO. Depois de renascer de suas cinzas, Canudos foi afogada por uma represa. Esta é sua memória. Disponível em:https://brasil.elpais.com/autor/antonio-jimenez-barca/. Acesso em 17/02/2021.

CONCEIÇÃO EVARISTO - VOZES-MULHERES Disponível em:<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/923-conceicao-evaristo-vozes-mulheres>. Acesso em 25/11/2020.

CORPO Sanitário das Tropas Expedicionárias diante de uma Correligionária de Antônio Conselheiro Ferida. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra15696/corpo-sanitario-das-tropas-expedicionarias-diante-de-uma-correligionaria-de-antonio-conselheiro-ferida>. Acesso em: 06 de Abr. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

FUNDAÇÃO PIERRE VERGER. <http://www.pierreverger.org/br/component/phocagallery/category/429-canudos.html> Acesso em 30 de abril de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (IBGE). Disponível em:<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/canudos/panorama>. Acesso em 18/01/2021.

MUSEU DA REPÚBLICA. Disponível em:<http://museudarepublica.museus.gov.br/cronologia-resumida-da-guerra-de-canudos-e-de-euclides-da-cunha/>. Acesso em 19/01/2021.
http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_143_Sert%C3%83%C2%A3o%20do%20S%C3%83%C2%A3o%20Francisco%20-%20BA.pdf /Acesso em 31/01/2021.

POESIA CANUDENSE. Disponível em:<http://www.camarabrasileira.com.br/cordel41.htm > . Acesso em 28/05/2020.

PORTAL GELEDES. Disponível em:<https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/#:~:text=Sojourner%20Truth%20(1797%20%E2%80%93%2026%20de,ativista%20dos%20direitos%20da%20mulher.&text=Seu%20discurso%20mais%20conhecido%2C%E2%80%9DN%C3%A3o,da%20Mulher%20em%20Akron%2C%20Ohio>. Acesso em 07/02/2021.

VIDEOS

VASCONCELOS, Pedro L., *Canudos*: O Belo Monte de Antônio Conselheiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCMX3CvtWQUOKrNwfgx3gcAQ> (oito aulas online). Acesso em Jan. 2019.

ANEXOS

Entrevista Dona Duru:

de outra revolução. Aí eles não conversavam muito não. Porque com medo que ainda ficou muitos coronéis né, aí ameaçavam o povo. Porque eles eram tudo Antonio conselheiro. E meu povo meus avós eram tudo a favor do conselheiro, e eles não queriam que falasse bem do conselheiro, não. Aí adepois que a história foi descoberta que saiu o descobrimento do brasil.

P: Como seus/suas ancestrais chegaram aqui em Canudos?

D: O pessoal daqui nasceram tudo aqui, só não meu avô, meu avô foi duns que vieram pra comunidade de Antonio conselheiro, aí quando chegou aí em canudos ,aí casou com minha vó paterna. E minha vó materna era filha daqui mesmo de Canudos. e aí eles participaram da guerra, só não participou minha vó materna.num participou não. Ela era muito amiga de Antonio Conselheiro, ela tinha um filho e aí, Antonio conselheiro era até o padrinho, aí ela num quis participar com o marido. Aí eles saíram da guerra.quando tava começando a guerra eles saíram.num participaram não,mas minha vó materna participou,ficou dento até...meu avô só num morreu,só num morreu na guerra porque quando,faltou comida,eles sairo fora pra procurar mas meu bisavô,aí foi procurar comida fora, aí quando vinham chegando com os animal tudo carregado de comida,eles viram assim uma voz, quem é lá?aí eles, sei lá naquela inocência diz, nós somos jagunços tamo procurando soldado pra matar.oxe eles assim pensando que aquilo fosse gente deles mesmo,aí oxe, na mesma hora só via bala zunindo.aí eles largaram os animais, com as carga com comida com tudo, aí sairo correndo. E minha bisavó tava no arraial mermo onde tava findando a guerra, onde tavam brigando, ficaro, ai foi tempo que eles cercaro canudos, aí nem entravum, nem saium. Aí eles ficaro doido. Ai quando cabou-se a guerra, levaro eles para salvador. Muita gente né, os prisioneiros, as prisionaeiras pra salvador. Aí quando chegaro lá, pássaro três meses, aí eles perguntaro se elas queriam voltar , aí dissero que queriam,sabiam que os maridos num tinham morrido não, sabia que num tinha morrido. Aí elas voltaro, aí quando chegaro acharam os maridos vivo e aí foram retornar a vida de sofrimento né. Que tinham acabado tudo, maior sofrimento.

Eles tinham medo dos coronéis. A história ficou meio abafada, né. Eles tinham medo

Entrevista com Zefinha:

P: Você pode falar o que você tem de memória, que escutou de seus ancestrais sobre a Guerra de Canudos?

Z: O principal objetivo, era essa, o que antonio conselheiro pregava para os seus seguidores era a unidade, que todos tivessem em comum, porque na verdade era assim contada por meu ancestrais, e era um movimento, na verdade um movimento muito grande, porque como consta em o clássico sertões de Euclides da cunha, que 25 mil pessoas, né, então embora gente saiba que não seja tudo isso, mas a gente sabe das controvérsias né? mas com todo respeito ao clássico,mas, ainda assim era muita gente. Então quando,.tinham as equipes né? Embora tudo liderado por Antônio conselheiro. Quando alguém uma família não tinha podia o suficiente para manter seu sustento aí era partilhado, porque funcionava assim como uma cooperativa, né?era partilhado, uma cooperativa, uma unidade, porque cooperativa tem até um sentido mais assim digamos comercial, mas era partilhado, a pessoa que estava em unidade com o movimento, engajado com o movimento, eram tudo em comum,não é?. Se por exemplo alguma pessoa, alguma família estivesse lá no arraial do Belo Monte, e estivesse criando problema né, ele chamava atenção e se quisesse continuar teria que se comportar daquela maneira, seguia as regras, mandava se retirar, se fosse reincidente recomendava se retirar do movimento. Foi um grande movimento um grande exemplo de solidariedade e justiça social, como também agente diz até reforma agrária. Reforma agrária

Agora vamos ao ponto, sobre é, principalmente meus ancestrais a ligação que eles estiveram com o conselheiro foi mais pela fé, pela religiosidade. isso assim, é eu falo isso com muito carinho né, e honra até né? Porque eles, Meus ancestrais eles tinham uma religiosidade profunda. Inclusive quando o conselheiro chegou, eu digo até da primeira vez que ele passou aí, eles, é já procuravam, meus ancestrais lá, minha tataravó, já tinha essa devoção, a família já tinha essa devoção com santo Antônio, né ? E intensificou com a chegada do conselheiro, inclusive quando eles se reuniam pra rezar a família, a minha família né? Os meus antepassados eram os participantes é, dessas rezas, né? porque o conselheiro era um homem assim de muita fé, muita religiosidade, ele não tomava decisão nenhuma , isso eu ouvi sabe, de, eu digo assim de meus tios, minha vó, eu ouvi pouquíssimas coisas de minha vó, mas eu ouvi mais de meus tios, ele não tomava uma decisão sem antes se reunir pra rezar, é interessante né?muito forte isso.

Então Patrícia, aí eu sei que, então a relação dos meus ancestrais com antonio conselheiro, o grande líder antonio conselheiro, foi mais pela fé, pela religiosidade, principalmente as mulheres, né? Tanto os homens quanto as mulheres, os homens tinham lá sua função,né? E as mulheres também. Ele não tomava nenhuma decisão, isso assim é muito forte, ele toda, quando era pra tomar a decisão de qualquer projeto, qualquer coisa, é de fazer algum negócio, alguma compra, se reuniam pra rezar sempre a noite, né? Depois da atividade de seu trabalho eles se reuniam pra rezar, era muito interessante e as mulheres tinham essa participação, a participação mais forte das mulheres no movimento conselheirista era mais assim pela religiosidade e os serviços também domésticos, artesanal.

P: A maioria do séquito do conselheiro eram mulheres, quais eram as armas dessas

mulheres? Será que elas também pegaram em armas?

Z: Olha patrícia, sem dúvida, não existem registros, inclusive sabe-se de um registro apenas de uma mulher, até um livro escrito por um escritor aqui da região, chamado Jose aras, aqui de bendegó, quer dizer ele era de outra região, mas há muitos anos morou aí em bendegó. Então, mas com certeza algumas mulheres tiveram de pegar em armas, ora no desespero né de ver, seus entes queridos, ver morrendo, é o seu ideal, o seu sonho indo agua abaixo, ser tirado, sem dúvida algumas delas com certeza pegaram em armas, agora registros mesmos, a única que pegou em armas foi maria guerra, inclusive irmã das minhas duas avós, porque as minhas avós eram irmãs. A minha vó paterna era irmã de minha vó materna. Elas duas eram irmãs, lá no conflito ela, a minha vo paterna, a mae de meu pai ela ja era casada, inclusive teve um filho por ocasião da guerra mesmo e impressionante né e ela escapou e o bebê também, inclusive até um tempo desse eu achava que o recém-nascido tivesse morrido, que mesmo nascido vivo, mas, não teria resistido, mas resistiu, que inclusive minha prima Duru foi que falou pra mim, que o menino morreu e foi enterrado em serrinha. Foi mesmo Duru, eu não sabia,né cê vê família né? Então ela conviveu mais com a minha vó, morava lá perto e ela tem mais idade e sabe mais do que eu. Então ela, a aminha avó ela teve esse filho, sobreviveu ao conflito né, já depois que elas foram como prisioneiras pra salvador ,né? Foram a pé até serrinha caminhando e de lá pegaram o trem pra salvador e de volta a mesma coisa, só que na ida elas foram por queimadas, né/? Queimadas, monte santo, cansanção. Um grupo de mulheres prisioneiras, minha bisavó e as filhas, inclusive minhas duas avós né? Aí elas foram prisioneiras, foram depor em salvador, e lá o exército né? propôs elas ficarem lá trabalhando como doméstica né? Naquela época doméstica era muito, um serviço muito, perjorativo, então,aí elas não aceitaram porque sabiam que os maridos estavam vivos, por ocasião, na ocasião do conflito eles não trabalhavam mais, não produziam mais, então faltou alimento e eles foram pra região de ribeira do pombal comprar ,foram buscar alimentos e quando eles voltaram de lá já com a carga de alimentos, né? Os animas e tudo, já chegaram a noite então perceberam aquele silencio, escuro, então é, aí eles viram uma bandeira , ou duas, viram umas bandeiras lá, é porque eles sabiam que o exército estava dando um prazo para quem quisesse sair de canudos,saísse né? e quem ficasse era pra brigar mesmo, pra ir à luta.iam acabar de vez, então eles deram esse prazo.Então eles chegaram já, o cerco já estava fechado ,aí cochicharam. Então tem até uma passagem pitoresca interessante né? que o soldado perguntou, percebeu que era gente né? ouviu também o tropedo dos animais e algum bocejar né? Então o soldado quem é que tá aí?aí alguém respondeu : é jagunço. E o que é que tá procurando? Um soldado pra matar.aí eles sáiram pela caatinga Escaparam. Não atingiu nenhum do grupo,né? Eles sabiam conheciam alí né? Inclusive dizem que o autor dessa proeza foi meu avô. Que velho ousado. Eu já tinha ouvida essa história. Disseram era nosso avô. É mesmo Duru? Era nosso avô. Então, aí elas voltaram, porque eles ficaram de fora, né? eram três, aliás maria guerra não era casada ainda, mas a minha avó paterna e uma outra irmã já eram casadas e sabiam que os maridos, e o meu bisavô também,né? que era o esposo da minha bisavó, então o comitê patriótico coordenado por lelis piedade deu um documento de salvo conduto para elas virem resguardadas, né? Por que o conflito foi assim muito mal visto, os conselheiristas na época eram tratados como marginais, ignorantes, fanáticos, jagunços mesmo. Né? Então o comitê patriótico concedeu esse documento a minha bisavó para elas retornarem, que era Josefa guerra, mãe de maria guerra.

P: O Guerra é sobrenome?

Z: Não é sobrenome, foram denominados assim acho até que depois da guerra, porque todos eles participaram da luta, uns morreram outros sobreviveram, aí, porque minha vó tem o sobrenome Batista de Jesus, então essa relação é devido a guerra mesmo, eles eram muito próximo ao conselheiro, inclusive dois irmãos das minhas avós morreram na luta, e uma irmã também, acho que até atingida por alguma bala, mas não morreu logo, então elas quando iam andando como prisioneiras, aí ela morreu no caminho, não ia resistir. Então patrícia, na verdade diante do movimento né? Acredito, da luta, acredito que mulheres também pegaram em armas, embora existam registros escritos em livros apenas de uma, maria guerra, porque maria guerra, ela era bem próxima ao conselheiro, inclusive diz que ela era a lavadeira do conselheiro, e também ela deu uma de enfermeira, cuidava dos ferimentos dos conselheiristas. É uma história assim que por um lado, honra, as vezes eu falo com todas as honras, assim de meus ancestrais, inclusive alguns deles morreram lutando em defesa de uma causa, isso é heroísmo, eu num considero um derrotado, considero herói, mesmo que morreram defendendo uma causa, por outro lado muito doloroso, triste a indiferença do estado brasileiro, a indiferença da república, como infelizmente ainda vemos isso. Né? Já pulamos um século, né? isso foi lá no século 19,estamos no século 21 é como se estivesse acontecendo também um retrocesso, não sei se você discorda ou concorda comigo, mas eu vejo diante da conjuntura nacional um retrocesso, infelizmente, não sei o que é que tá acontecendo, não sei assim, o que e que tá dando na cabeça do povo, vê enxergar eu estou vendo assim, mas num sei o que dá na cabeça do povo também. A gente precisa tomar mais cuidado. O Nordeste continua indiferente, quer dizer, desprezado pela república federativa de bandidos. Infelizmente a gente se queixa lá do topo, mas isso depende das representações daqui que chegam até lá, que se corrompem, terrivelmente se corrompem e as vezes eu chego a achar até que sejam mais corruptas do que as do lado de lá, de outras regiões porque é muita covardia, é se dar bem as custas de seu povo,né? não dividindo uma região, afinal é tudo brasil, e hoje eu fiquei muito preocupada e confesso que ainda estou vendo um brasil dividido, discriminado, terrivelmente discriminado.

P: - Porque que ainda há uma invisibilidade em relação as mulheres na história de canudos? Porque não se sabe muitas coisas delas? Quem são?

Z: Patricia, eu atribuo isso ao machismo, é o preconceito, O machismo, que na verdade ainda existe, imagina naquela época. O machismo você vê, os escritores, os pesquisadores, só pesquisavam mais essa parte da atuação masculina, entendeu? o gênero masculino, mulher, ficava no anonimato, inclusive eu pouco conto esse fato, porque eu quando garota eu queria muito saber a história de canudos, né? Assim, mas eu acho que era como os mais velhos diziam, o sangue na verdade, corria nas veias, então,eu se muito eu tivesse era nove anos, de sete a nove anos, a então eu preparei um bloquinho, um lápis com borracha e quando sair de férias eu vou perguntar a minha vó paterna, eu vou perguntar a minha vó. Ai eu fui lá pra roça, perto, que pertence a bendegó, antes de bendegó, aí eu fui, nas férias aí eu fui, com essa expectativa, ai lá um dia eu cheguei e perguntei, comecei a fazer as perguntas a ela, aí eu perguntei, sim ai ela começou a falar aí ela disse era assim, ele era um homem muito bom de fé, aí em meio a conversa ela falou assim, as mulheres se ajoelhavam pra cumprimenta-lo e dava louvado seja nosso senhor jesus cristo né? A ele. Ah patrícia, eu, imagina naquela época, eu era muito garota, aí eu achei isso um espanto,ah! porque naquela época eu ouvia dizer que ajoelhar, eu não liguei o ajoelhar com a igreja, com a religiosidade, eu liguei ao comportamento né, da pessoa. digamos assim eu ouvi dizer, fulano se ajoelhou, se humilhou, então pra mim, se ajoelhar era humilhação. Aí eu fiquei chocada, ai eu pronto parei por ali, eu fiquei um tempo

pensando, como é que eu ouvi falar que o conselheiro era tão bom e humilhar as mulheres desse jeito!?foi, eu pensava assim, eu, na verdade eu posso ser até uma feminista, né? Eu num demonstro muito, mas na verdade eu contesto muito o machismo, inclusive até nessa época né? quando eu vi essa expressão aí foi água baixo. Dessa vez eu já não perguntei mais nada pra ela. Aí deu um tempo. Quando eu voltei lá. Sim aí eu perguntei a minha tia, aí titia porque as mulheres se ajoelhavam, porque as mulheres se ajoelhavam pra falar com o conselheiro? aí minha tia até riu, né?da minha pergunta.Ah minha filha é porque era uma saudação, as mulheres se ajoelhavam pra cumprimentar o, as beatas, pra cumprimentar o conselheiro com uma saudação que ele era um homem de fé , de respeito. Assim, Aí eu fui amenizando. Então tudo bem, quando eu voltei a perguntar a minha vó, a conversar, fazer algumas perguntas, ela já estava muito surda, então eu perguntava uma coisa, e ela respondia outra, eu percebia que não se encaixava, ai eu perguntava e eu não queria ficar insistindo pra minha tia não reclamar. não é? Que ela já tava cansadinha né? A minha vó. Aí eu, tinha minha tia e minha prima que era meio brava, né? aí daqui a pouco me dava uma bronca. Eu perguntava ela até ela entender, algumas ela entendia outras não, aí eu desisti fiquei frustrada. Risadas..., mas essa tacada viu do se ajoelhar...porque naquela ocasião eu ouvia assim, meus irmãos mais velhos, até meus pais, fulano teve que ajoelhar né, se ajoelhou, quer dizer, se humilhou, então essa expressão, esse gesto de se ajoelhar, pra mim naquela época, era humilhação, era a pessoa se humilhar a outra pessoa. Como é que pode? O conselheiro um homem tão bom, fazer uma coisa dessa com as mulheres? risos... mas ele era machista, até a gente em uma palestra aí, é falando que o conselheiro era machista, sim, era machista, mas, o machismo dele, porque eu não aprovo nenhum, certo? Nenhuma modalidade, mas a modalidade de machismo dele era mais assim paternalista, num era é como é que diz, tão submissa, as vezes até pejorativa, existe nos tempos atuais que o machismo é tão terrível, num se fala nem só violento, perjorativo também em relação ao homem e a mulher. Então eu achava assim, pela história, pela conversa, pelo que se fala, ele era machista sim, porque tudo né, nas grandes reuniões não existiam mulher liderando, né? Não existia nenhuma liderança, existia as lideranças deles lá nas coordenações, mas não cita nenhuma mulher, porque na verdade era o machismo.

P: Será que o papel das beatas, das rezadeiras, não era também um papel político? Esse lugar também não era um lugar importante, lugar de transformação? Porque o papel de rezar na comunidade religiosa é fundamental. Será que elas eram tão submissas?

Z: Concordo, eu também acho que tinha seu papel importante essas beatas,mesmo, independente do machismo que a gente está falando, das lideranças masculinas, elas tinham seu papel principalmente na religiosidade, sim, nem mesmo na religiosidade cita a liderança de uma mulher,né? existia, elas rezavam, isso era muito forte,né? então acho que a prova maior da resistência daquele povo foi a fé. Eu acho sim que elas tiveram seu papel muito importante, embora não tenha citado pelos pesquisadores da época, não existam registros, nem mesmo assim fala dos sobreviventes, descendentes, porque isso também na época não foi abordado, não era abordado, ninguém teve assim essa curiosidade, assim essa, digo até essa lucidez de perguntar aos sobreviventes, as sobreviventes, né? Sobre o papel delas de fato, naquele movimento, acredito que sua pergunta é mesmo pertinente, interessante. Porque elas foram fortes.

Inclusive algumas, eu não digo poucos escritos acadêmicos, mas existem alguns escritos populares citando os nomes de algumas beatas, poucas. No momento eu não lembro nenhuma. Alí no instituto popular tem um acervo, porque vc veio assim, de outra

vez que vc vier venha com mais tempo, temos alguns almanaques, que hoje não estão mais a venda, edição esgotada. A gente colheu alguns exemplares pra pesquisa mesmo. Então, existe, nós em família, é porque eu, você vê como são as coisas, eu sempre tive aquilo dentro de mim ,essa , sobre canudos, mas eu não rastreava, assim de estudar, não se trata apenas de livros acadêmicos, mas essa pesquisa de campo, naquela época eu acho que essa minha entrevista com a minha avó criou um bloqueio, então eu, assim eu não pesquisei, não consultei mais, meus, porque eu me criei aqui, mas as vezes quando eu ia a roça, também um primo meu, um primo que foi criado pelos meus tios e minhas avós, ele contou e eu ouvi muito dele, ele sabia bem porque o pai dele sabia muito mais era cisudo fechado não contava, só contava pra ele lá pra o filho, assim o que minha avó contava e meu avô também né? Então, mas eu não colhi muito, depois desse movimento de resgate da História de Canudos, mais principalmente pela igreja, pela a igreja católica, aqui em Canudos, eu acho que esse resgate da história de canudos tem por base a própria igreja católica na busca de uma reparação, né? tem até o padre Alberto, ainda tem muito a reparar da própria igreja católica que ela foi omissa na época, porque na época a igreja era, simultânea, paralela ao estado né? Então ela tinha essa relação com os coronéis, então ela deu as costas pra o movimento, e isso prejudicou, quer dizer, afetou mais ainda e tava se vendo que a qualquer momento se não existia diálogo, o estado não chegava até Antônio conselheiro, até aquele povo pra conversar pra saber o que queria, por isso que meu tio João de Regis, falou uma frase que está eternizada: 'pra canudos, só faltou uma conversa'. Na verdade, faz sentido, só faltou, o que ele quis dizer, só faltou uma conversa, um diálogo entre o estado, a república com o arraial do belo monte, o Antônio conselheiro, teria evitado, então, foi uma luta assim muito desigual, muito desigual, a gente já tá adentrando assim a outros assuntos, seu principal objetivo são as mulheres, mas o exército brasileiro, quer dizer o estado brasileiro foi cruel, muito cruel, eles também , quer dizer o movimento, é só a fé, por isso que digo, a fé, inclusive aquele cruzeiro que está alí quando fala, alí é o verdadeiro símbolo da fé, da resistência daquele povo, porque patrícia como é que existe um cruzeiro de madeira, não é nem de metal é madeira, alí é original, alí a tonalidade dele não é original, mas alí é o cruzeiro originariamente mesmo do movimento conselheirista que foi a primeira obra erguida por Antônio Conselheiro, ele ergueu aquele cruzeiro alí e construí uma igreja de uma lado, a outra construção do outro lado, não ficou pedra sob pedra das igrejas , foi tudo abaixo e as balas de canhão? não atingiam esse cruzeiro? Conta-se que alguns sobreviventes, eles amoitados lá, na caatinga, viam alguns soldados pegando de machado tentando cortar a cruz e não conseguia, existe , eu não sei de onde partiu, mas contam lá atrás,que alguns conselheiristas, amontoados na caatinga, vinham os soldados tentar cortar o cruzeiro e não conseguia, era assim algo que como o machado pesava, ou a própria consciência do soldado,né que doía? parecia assim algo sobrenatural, porque ficou em pé, e foi atingido por balas também, não caiu, ficou jogado a deriva, a sol a chuva, lá, aqui também,quando tiraram da igreja, da capela de fátima, o denocs, colocaram lá, ali onde, naquela área do instituto e ficou muito tempo lá, a deriva, a sol, a chuva, a poeira, então um conterrâneo seu, o gildemar, né? ele fez uma restauração por ocasião do centenário em 97, ele coitado na época, ele se viu com as ferramentas que tinha né? Com o material que tinha, então ele viu tão estragado, né? Pra não ver acabar, não tinha óleo de linhaça na época, sei lá, eu sei que ele deu uma banho de óleo queimado,aí mudou a tonalidade de madeira, alí tá preto né?escuro? Alí é óleo queimado.né? Pra conservar a madeira, portanto aí perdeu a tonalidade natural da madeira, mas aquele cruzeiro é um cruzeiro conselheirista.

P: Aqui em canudos tem algum trabalho de resgate de memória das mulheres? ou não tem?

Z: Não.

P: O espetáculo maria domingas você conhece?

Z: Não conheço a história de maria domingas. Não sei bem, porque algumas coisas ficam soltas, não tenho conhecimento.

P: Quando se referem ao povo de canudos, chamam de jagunços. Mas se refere a todas pessoas assim. Só que no meio tem muitas mulheres. Porque o estado não considerava as mulheres como mulheres, mas como jagunços/ o que é ser uma mulher para esse exército? Lembrei das mulheres negras; E não sou eu uma mulher?

Z: Eu acho que não era levado em consideração, a atividade representativa da mulher naquele movimento, principalmente, por ocasião do conflito, mas no sentido pejorativo do estado ele generalizou. Né, como jagunços, jagunços eram briguentos, e alí tem mulheres, a maioria mulheres e crianças,meninos,né? naquela foto (refere-se a foto de Flávio de barros) , então, a jagunçada. É infelizmente.Jagunço exatamente tem o significado perjorativo, de briguento,arroaceiro,rebelde. Então esse nome conselheirista porque na verdade em se tratando do movimento eu acho uma expressão interessante, respeitosa, aquele povo, aquela gente, de trata-los de conselheiristas, porque realmente eles eram conselheiristas, né? Era um movimento liderado por antonio conselheiro, eles estavam indo no mesmo objetivo, naquele mesmo ideal, essa expressão foi criada pela uneb, os historiadores,os professores historiadores da uneb que insistem em denomina-los de conselheiristas, e ficou bem colocado, porque lá em o clássico os sertões, é denominado mesmo de jagunços, então patrícia como a gente tava falando foi uma luta, assim muito desigual, tanto que o escritor Euclides da cunha, porque ele era militar, ele, o representante de comunicação da república, mas chegando aqui ele se chocou com a luta tão desigual, e como ele era militar, que olhe , de luta, homens de luta mesmo, pessoas sobreviventes mesmo, acho até quem meu avô deva ter comentado isso também com meu tio, meu tio foi um dos que falavam que homem de luta, não chegavam a mil.

Não tinha mil, jagunços como eles consideravam, brigões, lutadores de armas, não chegavam a mil, era em torno de, porque tem um pesquisador ele é especialista em genealogia, ele fez uma profunda pesquisa de campo, e ele disse que mesmo assim perguntando lá atrás né? quando tinham muitos sobreviventes, muitos não, alguns, e filhos de sobreviventes que ouviram de seus pais, ele conta que, ele mesmo diz que ele é muito radical, diz que não chegava a oitocentos, conselheiristas de luta. Pra um exército que existem registros de quase dez mil soldados, tem o registro, inclusive em março, eu estive no evento Conselheiro Vivo em Quixeramobim, e um professor historiador daqui falou em até quase doze mil e quinhentos soldados, eu digo vige, eu achei quase dez mil muito, ele tá falando doze mil e quinhentos, mais dois mil e quinhentos, aí eu quero até procurar ele e conversar né? Onde, em que fonte ele, porque existem registro mesmo de quase, mas ele conta com mais, deve ter sido isso mesmo, falam que eu não sei explicar direito, porque eu perguntei, aliás, a pessoa fez a mesma pergunta, um comentário né? Não foi nem pergunta, aí eu não ouvi direito, então isso deve ter sido acréscimo, totalizou em dois mil e quinhentos soldados, pra menos de mil, eu dizia assim, era dez contra um, fortemente armados, esse povo era de admirar, esses conselheiristas, lutavam de fato mesmo pra defender a sua causa. Porque eram eles derrubando os soldados e pegando as

armas, a munição. Tinha uma arma bem pebinha mesmo, bem fraquinha, me lembro meu primo contando, acho que nas primeiras expedições, que um irmão da minha avó tava lutando, que ele morreu na luta né?,aí acho que as igrejas foram destruidas é, pelo canhão né? , pela matadeira, né? aí eles ficaram, vinham um soldados descendo, não sei se foi na segunda expedição por aí, aí eles descendo no alto né e eles no canto da igreja, disse que era atirando e derrubando, atirando e derrubando, aí, e o comandante e era na mesma direção, não é, assim, então eles assim, aí teve um momento, como que deu, aí ele parou e foi botou assim, certamente numa alvenaria encaixou a ponta da arma pra eles não verem né? e só atirando né? Onde acertava, onde acertava né? Ele foi olhar assim, deu um silenciosinho, aí ele foi olhar devagarinho, aí o cara, o soldado lá viu, aí foi mentira aí quebrou a arma, rs, mas ele terminou morrendo, em outro momento, aí conta, até nisso,né?, em conversa, até meu primo falecido que contou isso aí, também né? então são histórias pitorescas que até não existem registros, se fala em família. Por isso eu falo assim, existem,hora eu me sinto honrada por ter esse sangue nas veias de um povo que não se acovardou, lutou até o fim, doou seu sangue defendendo a sua causa, isso é nobre. Infelizmente ainda vemos, mas a luta continua. O estado podia fazer uma reparação, inclusive as lideranças daqui não tem pulso pra isso, discursam, discursam, quando chegam lá no exercício no mandato se acovardam também.

P:Você acha que as pesquisas contribuem para manter a memória de canudos?

Z: Contruibuem,contribuem muito, inclusive, é porque tem uma questão aqui da indiferença um pouco da população local,mas, é porque é uma história que vai se prolongar muito, porque o povo aqui de canudos, dessa terceira canudos, não digo assim, não é simpatizante a história de canudos, eles,não ligam são indiferentes, tem uma razão de ser, porque essa terceira canudos ela foi construída não foi por sobreviventes nem descendentes dos sobreviventes do movimento conselheirista não, aqui ela nasceu de um canteiro de obras do DENOCS, para a construção do açude, que cobriu as duas canudos é como se fosse a tentativa de apagar a memória do ideal daquele povo,né?. Aí então existe esta contradição sobre canudos, aqui, aí voltando, é por isso que eu digo...os gestores que passaram por aqui, o primeiro é um cara que não era nem da região. O movimento conselheirista tem um tripé: a fé, a religião, o social e o político né? então eu vejo que a terceira canudos é muito diferente. Inclusive o denocs foi tão cruel com os moradores da segunda canudos, diziam que eram ignorantes e fanáticos que não queriam sair de lá, e não queriam sair mesmo, porque não tinham nem condição de sair, porque o que o denocs deu não foi uma indenização, não dava nem para construir outra casa em outro lugar, então hoje pessoas que migraram de lá de canudos aqui pra sede foram poucos, a gente vê mais pessoas que foram pra bendegó, outros, pras fazendas, para alí canudos velhos que antes era alto alegre.

P: Onde é a primeira canudos?

Z: A primeira, que dizer e a segunda, a segunda foi reconstruída pelos sobreviventes do massacre no mesmo lugar da primeira, que é onde tem as ruínas da igreja, que as ruinas daquela igreja é da segunda canudos. E a terceira é esta. A segunda foi construída no mesmo lugar da primeira,né? pelos sobreviventes. Então na construção do açude subentende-se que as duas estão submersas. E essa aqui nasceu do canteiro de obras do denocs, que politicamente colocaram, eu acharia que na época teria que coloca nova canudos pra destacar né que não é nem a primeira, nem a segunda é a teceira né? Nova canudos.

P: Tem outras pessoas que estão nas fazendas? Que são parentes de sobreviventes?

Na canudos velho, em bendegó, eu já nasci aqui na terceira canudos, mas o meu sangue é conselheirista. A terceira canudos só tem a ver com as outras canudos o santo Antônio que é o padroeiro.Os festejos de santo Antônio para nós são secular, e devoção de mais de 150 anos.

P: O conselheiro era católico?

Z: Falava-se que ele era messiânico. Antonio conselheiro resolveu sair do Ceará como andarilho. Sei que ele , como ele era um homem que lia muito, logico que ele tinha uma visão muito a frente de seu tempo e diante daquele povo sofrido, então ele começou a protestar.Ele tinha profundos conhecimentos teológicos, como é ele falar de uma liturgia dentro da realidade daquele povo, bem diferente de um padre em latim de costas pras pessoas que não entendiam nada. Então ele explicava e o povo começou a seguir e a igreja começou a se esvaziar e os coronéis a se incomodar com esvaziamento das fazendas.Ora quem iria deixar de trabalhar e ter o pão de cada dia, pra ser escravo?

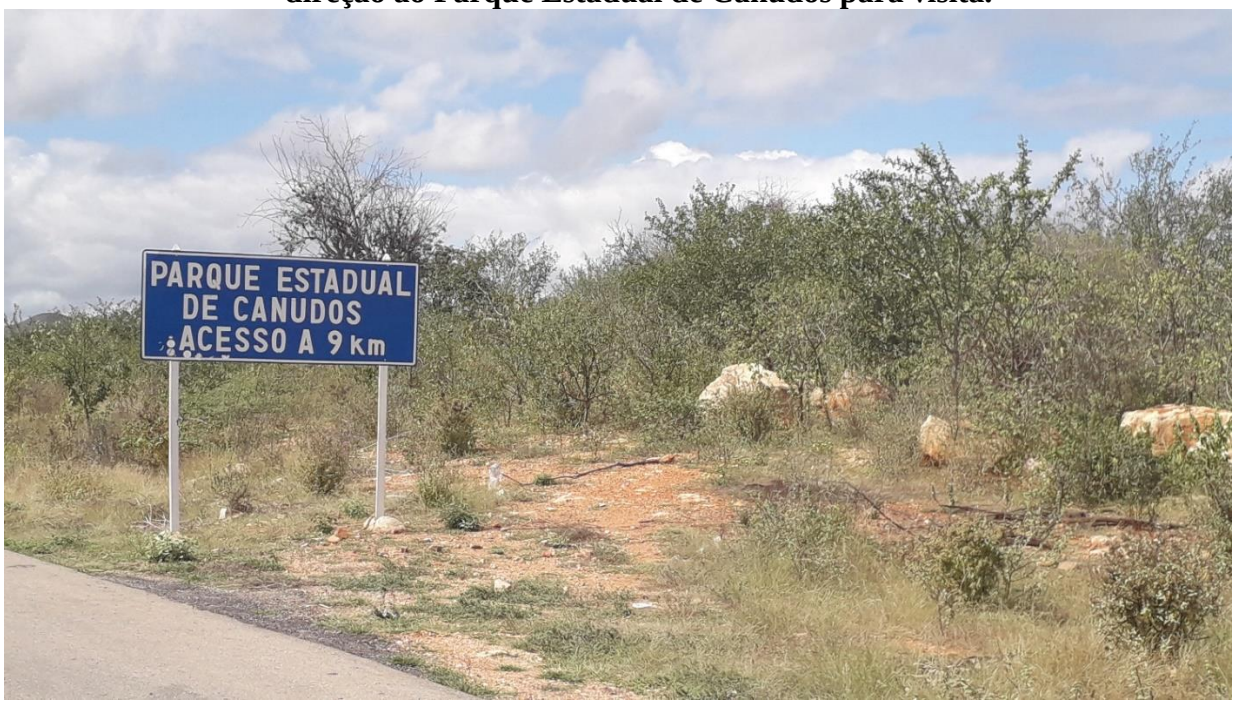
P: Será que era um movimento católico?

Z:Então eu acho assim, porque como eu falei que o conselheiro tinha profundos conhecimentos teológicos, ele estudava profundamente a bíblia, inclusive a gente em conversas, em estudos em palestras da própria igreja, é ele fala,falando-se, comparando-se que o movimento conselheirista foi um movimento semelhante as primeiras comunidades cristãs. Aí o coordenador do seminário dizendo estude atos dos apóstolos pra você ver como o movimento conselheirista se assemelha bastante as primeiras comunidades cristãs. Então é,o conselheiro, isso porque o conselheiro, ele estudava, lia, ele estudava, ele bebia a bíblia sagrada, o livro sagrado,então ele com isso né? ele pregava numa linguagem bem popular dentro da realidade daquele povo é como a teologia da libertação faz, alguns padres seguem aqui, o próprio vaticano,né? recusou, né? A teologia da libertação porque, inclusive a igreja católica,quer dizer é uma só, mas tem esses dois seguimentos, né? a conservadora, hierarquizada,né? e essa popular é onde denominamos o catolicismo popular, que era essa o catolicismo do movimento conselheirista, catolicismo popular, das rezas,das novenas, dos benditos , das ladainhas, que é este catolicismo que segurou a igreja católica na crise entre essas igrejas neopentecostais, né? como está reacendendo agora com o grande líder Bolsonaro.né?

P: Fale mais sobre Maria Guerra.

Ela fazia o papel de doméstica, ela era doméstica. A gora tnha uma mulher que ela era a cozinheira, inclusive essa mulher me parece que a bisavó , ou tataravó do moisés varjão.Então Maria Guerra tinha mais essa participação sim, de cuidados de lavar a roupa do conelheiro.Tanto que como sobrevivente ela foi parteira, inclusive ela foi a parteira dos meus três primeiros irmãos, Maria Guerra, ela foi a parteira dos meus três primeiros irmãos, não sei nem se não tenha sido dela, de Tereza.

Caminho da pesquisa em direção a Canudos para realizar entrevistas. Em direção ao Parque Estadual de Canudos para visita.



Memorial Antônio Conselheiro em Canudos.

IPMC- Instituto Popular e Memorial de Canudos.

Placa do cruzeiro do Belo Monte. Acervo do Instituto Popular e Memorial de Canudos-IPMC.

Cruzeiro resgatado do Massacre do Belo Monte. Acervo do Instituto Popular e Memorial de Canudos-IPMC.

Madeiras doadas para o Instituto Popular e Memorial de Canudos que foram o motivo da primeira batalha ocorrida em Uauá-Bahia. Acervo do Instituto Popular e Memorial de Canudos-IPMC.

Dona Duru: Descendente de Conselheirista.

Zefinha: Descendente de Conselheirista.

Entrada do Parque Estadual de Canudos, construído pela UNEB- Universidade do Estado da Bahia.

Romaria de Canudos 2019.

Romaria de Canudos 2019.

Romaria de Canudos 2019.

Romaria de Canudos 2019.

Romaria de Canudos 2019.

Romaria de Canudos 2019.

Estátua de Antônio Conselheiro no Mirante. Romaria de Canudos: BA-2019.